

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura da  
Universidade do Porto  
Orientador: Professor José Manuel Gaspar Teixeira Soares

**FERNANDO TÁVORA**  
Convento de Gondomar\_*Estudo e Propostas de Intervenção*

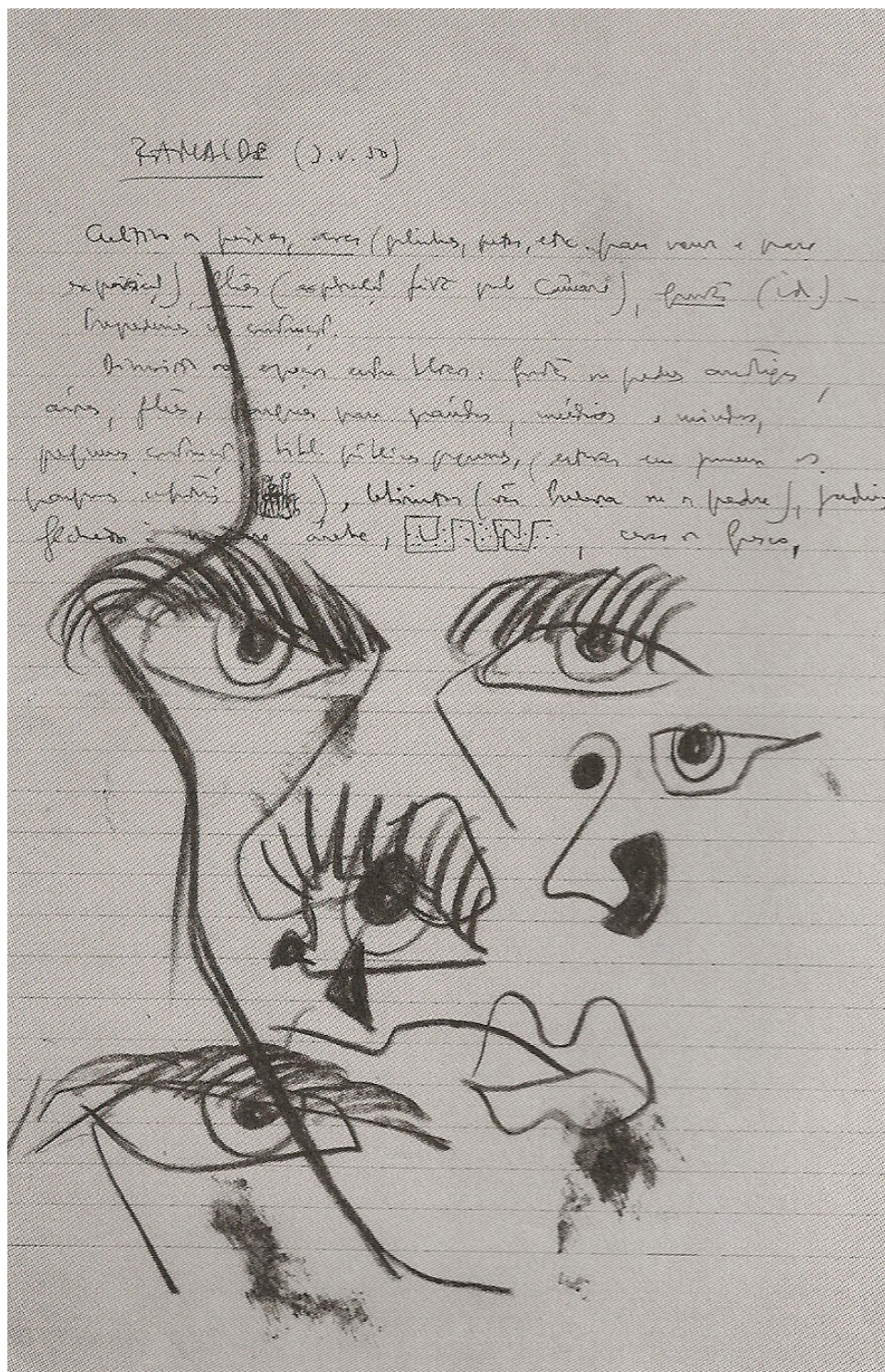
Filipa Ferreira Barbosa | Porto 2013





ao professor José Manuel Soares pela disponibilidade e orientação ao longo de todo o percurso,  
aos meus pais e irmã pela presença, apoio e compreensão incondicionais  
ao Pedro, pela calma e força transmitidas,  
à família e aos amigos,

Obrigada.



001.  
Autorretrato, n/a, s/d,  
[1950], lápis azul,  
folha azul de linhas

*“A Vida é, para todos os que a amam e compreendem, uma permanente primavera: saibamos colher as suas flores. E não esqueçamos que a qualidade do desenho é a espada de que dispõe o arquitecto para praticar a justiça”*

*Fernando Távora*



## RESUMO

*“Tudo tem importância na organização do espaço – as formas em si, a relação entre elas, o espaço que as limita – e esta verdade que resulta de o espaço ser contínuo anda muito esquecida.”<sup>1</sup>*

Sendo a arquitetura a organização de espaços, estes serão importantes para a vivência do homem e esta só poderá ser correta se tais espaços satisfizerem as necessidades para os quais foram concebidos.

A presente Dissertação de Mestrado tem como base o estudo de um edifício Conventual – o Convento de Gondomar – cuja estrutura foi reaproveitada para um novo uso, tratando-se atualmente de um colégio. Esta adaptação traz consigo uma série de consequências que não só vêm alterar a lógica inicial da organização dos espaços interiores, como também a vivência desses mesmos espaços.

A partir deste estudo e da obra de Fernando Távora, dá-se início ao desenvolvimento de várias hipóteses de projeto para a reabilitação ou realocação destes espaços.

A necessidade de preservação da memória da obra inicial aliada à valorização dos espaços que se desvirtuaram ao longo do tempo, incorreu numa forte motivação para o desenvolvimento deste trabalho.

---

<sup>1</sup> TÁVORA, Fernando. *Da Organização do Espaço*, p.30

## ABSTRACT

*“Everything is important in the organization of space - forms itself, the relationship between them, the space that limits them - and this stems from the fact that space is continuous, has been long forgotten.”<sup>1</sup>*

Architecture, as an organization of internal spaces, those have been important in human experiences, and this experiences can only be better if such spaces satisfy all the needs that they were designed for.

This Master Thesis as is basis on the study of a Conventual building- The Gondomar Convent – this suffers an adaptation on its structure, with the purpose of being adapted in to a College. This adaptation brings numerous of factors that changed the initial logic of interior organization and therefore the experience of that spaces.

This study and the study of all Fernando Távora works, is the beginning of a devolvement of some hypothesis of a rehabilitation project for the Convent or relocalization of the College.

The need to keep the memory of initial project allied with some valorization of the spaces that distorted with the years, consequently become a strong motivation to the development of this Thesis.

<sup>1</sup> TÁVORA, Fernando. *Da Organização do Espaço*, p.30



## **ABREVIATURAS**

CIAM - Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna

MRAR - Movimento de Renovação da Arte Religiosa

EPDM - Ethylene Propylene Diene Monomer

EBAP - Escola de Belas-Artes do Porto

# ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b>	11
<b>1   FERNANDO TÁVORA: OBRA E MOVIMENTO MODERNO</b>	15
1.1   Inserção da obra no movimento moderno e nas obras de Távora: Anos 50, Anos 60	15
Influências de autores/obras na conceção do Convento de Gondomar	
Comparação com outras obras	
<b>2   ANÁLISE DO TERRITÓRIO</b>	35
2.1   Localização e caracterização do território	35
2.2   Estudo da Evolução e transformação do território	37
2.3   Aproximação à área de estudo – Quinta da Azenha	41
<b>3   CONVENTO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DE CALAIS – GONDOMAR</b>	45
3.1   Análise/ descrição das várias fases de construção	45
3.2   Análise e crítica das alterações sofridas no edificado e respetiva envolvente	59
3.3   A nova obra: Volume S.Francisco	69
<b>4   PROPOSTAS DE PROJETO/ALTERAÇÃO</b>	77
4.1   Propostas de alteração/correção de alguns elementos	77



alterados ao longo do tempo no convento e envolvente próxima

| Proposta de projeto (utópico) para implantação de um colégio  
na Quinta da Azenha

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

| 92

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

## **ANEXOS**

# INTRODUÇÃO

## OBJETO

A presente Dissertação tem como objeto de estudo o Convento das Irmãs Franciscanas de Calais, conhecido como Convento de Gondomar, obra do arquiteto Fernando Távora.

O projeto foi requisitado pela Congregação das Irmãs Franciscanas de Calais, que adquiriram o terreno da Quinta da Azenha, com a finalidade de aí construir o Noviciado e a Sede da Província.

A obra foi desenvolvida em três fases de construção, com início no ano de 1961, vindo a terminar em 1971. A primeira fase corresponde ao corpo do noviciado; a segunda, que teve início aproximadamente em 1965 diz respeito à construção da residência das comunidades, refeitório e serviços gerais; já a terceira fase, que teve início em 1969 e que completa o edifício na sua totalidade, corresponde às construções do claustro, sala polivalente, anexos da capela e a nascente, a galeria de ligação ao edifício.

O terreno onde o edifício foi implantado possui uma pendente acentuada, cuja frente Noroeste se abre para um vale com uma ampla panorâmica sobre cidade, o que faz com que o Convento tenha uma localização privilegiada, usufruindo de um contacto direto com a natureza.

## OBJETIVO

Este estudo é direcionado primeiramente à compreensão do contexto histórico e social que envolve o Convento, bem como os motivos que levaram à sua construção, que está diretamente relacionado com a vinda da Congregação das Irmãs Franciscanas de Calais para território português.

Pretende-se compreender o impacto que a construção teve no local e na sua

envolvente e, acima de tudo, compreender as preocupações e objetivos correspondentes às alterações, bem como as construções que foram feitas ao longo dos anos e que continuam a ser realizadas. Neste processo é importante ter em conta o fator social e as vivências do edifício que tiveram influência direta na materialização das construções e ampliações realizadas, assim como na compreensão dos locais escolhidos para a implantação das novas estruturas.

A estruturação do trabalho implica também o estudo e a perceção de outras estruturas arquitetónicas, que possam ter influências e comparações com a arquitetura da época.

O objetivo principal deste estudo centra-se assim na elaboração de propostas, que visam a recuperação e reabilitação de alguns valores arquitetónicos e paisagísticos que se foram perdendo, alterando e acrescentando ao longo do tempo. Estas alterações foram realizadas maioritariamente em função de uma mudança de prioridades, necessidades e vivências. Assim sendo, a primordial incidência desta proposta centrar-se-á na adaptação de parte do edifício a um Externato, que compreende os níveis de ensino Pré-Escolar e Primeiro Ciclo do Ensino Básico e que se veio a demonstrar como a principal alteração realizada no edifício.

## MÉTODO

Numa primeira fase de desenvolvimento do presente estudo será realizada uma contextualização histórica do edifício, que aborda a chegada da Congregação das Irmãs Franciscanas de Calais a Portugal, bem como a sua expansão pelo país e, numa visão já mais aproximada, a sua fixação em Gondomar. (ver anexo VI)

De seguida será realizada uma análise do terreno e a definição do enquadramento territorial, que possibilita a realização do estudo das características paisagísticas e morfológicas da região, assim como a compreensão da ocupação do território ao longo do tempo. Simultaneamente, tentar-se-á compreender e analisar os motivos que levaram à construção do Convento nesta zona central da cidade de Gondomar, mais especificamente na Quinta da Azenha.

Os fatores que conformam o enquadramento do Convento como o edificado e as ligações viárias, serão também importantes pois permitirão compreender a evolução das construções ao longo do tempo, bem como enquadramento do

respetivo projeto.

Este primeiro estudo constituirá a base da pesquisa prévia que visa a compreensão do contexto histórico e social da época. O estudo da obra de Fernando Távora, a par do conhecimento de outras obras e arquitetos que possam ter influenciado na realização desta, foram também um fator fulcral no desenvolvimento deste trabalho.

No seguimento do estudo, e constituindo uma parte muito importante do mesmo, é realizada a análise e descrição do Convento através das respetivas fases de construção e de uma análise crítica às alterações sofridas ao longo do tempo, quer no próprio edificado, quer na zona envolvente (limites da Quinta da Azenha).

As alterações e adaptações realizadas no decorrer dos anos devem-se maioritariamente à integração do Colégio concedido em maio de 1969 pelo Ministério da Educação Nacional e Inspeção Superior de Ensino Particular. Tal ocorrência implicou alterações interiores e exteriores ao edifício em questão, tornando-se assim necessária a compreensão dos impactos das localizações destas novas estruturas, assim como as preocupações e intenções que estiveram presentes no momento da sua realização.

Ao longo dos anos outras alterações foram também realizadas com o intuito de melhorar as condições de ocupação/habitabilidade do Convento. Neste sentido é importante perceber como foram feitas e quais as preocupações tidas em conta na sua elaboração.

Atualmente outras transformações estão a ser realizadas num dos volumes do edifício, intitulado edifício de S. Francisco, situado mais a nascente, tendo como objetivo receber e acolher peregrinos e respetivos monitores. Como tal o procedimento passa pela adaptação do edifício às condições e necessidades de vida atuais. Neste sentido procura-se compreender as preocupações que estiveram presentes no teor destas alterações e o impacto que estas irão ter na construção primitiva.

Em consequência de todas estas alterações, simultaneamente são realizados ensaios de valorização e reabilitação do edificado e território envolvente que, constarão nomeadamente de:

- Valorização do território:
  - Importância de toda a malha edificada, rede viária e todos os pontos de maior relevo na envolvente próxima ao edifício.

- Requalificação paisagística de alguns valores que se perderam ou desvirtuaram com o tempo na envolvente próxima do edifício e que interferiram com o enquadramento ou relações visuais do convento.
- Propostas de reabilitação de edifícios:
  - Relocalização de algumas estruturas que foram anexadas ao conjunto, que poderá passar pela anulação das mesmas, nos casos em que estas não perturbem a leitura do conjunto edificado.
  - Reabilitação de alguns espaços interiores que foram alterados e adaptados a outras circunstâncias e que adulteraram a linguagem original do edifício.

O objetivo principal do trabalho centrar-se-á na realização de várias hipóteses e abordagens para resolver alguns problemas que surgiram com a adaptação do colégio ao edifício conventual. O intuito destas será o de devolver ao edifício Conventual a sua pureza e linguagem originais, conseguidas por Fernando Távora no ano de 1961, aquando da realização dos primeiros desenhos e nos quais não estava presente a inserção do Colégio, que surgirá a pedido da Congregação, quatro anos mais tarde. Estas hipóteses surgem depois de uma análise mais pormenorizada ao edifício e sobre a qual foram constatadas diversas alterações realizadas no interior e exterior do mesmo.



**002.**  
Moradia sobre o mar,  
Fernando Távora



**003.**  
Conjunto urbano do  
Campo Alegre

**004.**  
Conjunto urbano de  
Ramalde

## 1 | FERNANDO TÁVORA: OBRA E MOVIMENTO MODERNO

### 1.1 | INSERÇÃO DA OBRA NO MOVIMENTO MODERNO E NAS OBRAS DE TÁVORA: ANOS 50 E 60

O início da carreira de Távora foi uma fase de polémica e controvérsia, centrada na procura de uma identidade funcional e consequentemente de um aperfeiçoamento de formas.

*“O problema da casa Portuguesa”*<sup>2</sup> escrito em 1947 por Távora revela o seu modo de estar, a sua cultura, os seus princípios que o irão orientar ao longo da sua vida e irão definir o seu trabalho enquanto docente e profissional de arquitetura. Deste modo evidenciará que a individualidade refletida na tradição portuguesa não se evapora, e se nós conhecermos realmente essa individualidade nada perderemos em estudar a arquitetura praticada noutros países. Propõe com este escrito que a nossa arquitetura popular seja adequada ao Movimento Moderno, garantindo assim que exista uma continuidade na projeção portuguesa, mantendo-se sempre atenta aos problemas discutidos nos CIAM/Hoddeson sobre a arquitetura moderna e aos valores locais.

A partir de 1947 procura criticar a transposição superficial, tentando encontrar outras vias que se mostrassem capazes de refletir os materiais da tradição e que referenciassem os próprios locais. Refere inclusive em alguns escritos a sua intenção de consumir uma proposta inovadora e a necessidade de se interiorizar a nova arquitetura, sendo esta uma condição para atingir a ‘modernidade’.

Távora respeita muito os valores da modernidade e da tradição com vista a alcançar a continuidade na inovação. A evolução do seu pensamento e atitude

---

2 Nesta publicação “abordar-se-ão as questões da caracterização da continuidade e do enraizamento da nossa arquitetura, defendendo-se a sua necessária modernidade, considerada condição necessária para que fosse validamente portuguesa, o que pressupunha a aplicação, no seu desenho, dos princípios do Movimento Moderno como garante da síntese desejada.” In: Fernando Távora, editado por Luiz Trigueiros, com artigos de Alexandre Alves Costa, Álvaro, p.24





em relação a estes valores de modernidade e de tradição arquitetónica deve-se também à sua educação e à sua formação académica.

Fernando Luís Cardoso Meneses de Tavares e Távora passa grande parte da sua infância e juventude entre os solares da sua família no Minho, na Bairrada e nas praias da Foz do Douro.

A sua formação escolar desenvolve-se na época da “antiga-reforma” das Escolas de Belas Artes, que herdaram a pedagogia praticada nas escolas de Porto e Lisboa. Demonstra desde esta altura preocupação com o problema do carácter da arquitetura, tornando-se assim uma preocupação básica do autor.

Na Escola Távora deixa o seu contributo demonstrando progressivamente a importância da sua intervenção, contando também com o enriquecedor contributo do mestre Carlos Ramos.

*“um ensino em que até certo ponto a modernidade era encarada dum ponto de vista estilístico (...) onde se podia utilizar aquilo que então se chamava Estilo Moderno, que nessa altura estava a sofrer uma enorme evolução por influência da arquitectura italiana e alemã. Ainda acompanhei o final da arquitectura italiana do fascismo, e parte da alemã, com Speer e outros arquitectos do nazismo”*<sup>3</sup>

Como trabalho de final de curso, Távora apresenta na EBAP em 51, o projeto para a “moradia sobre o mar”, na foz do Douro (ver fig.002.). A linguagem utilizada na elaboração desta obra é identificada com conceitos divulgados pelos CIAM. A prova é defendida em 1952, apesar de ser um projeto que não se vem a realizar. Nesta altura é terminado um bloco de habitações na Avenida Brasil.

Távora realiza mais dois conjuntos urbanos até ao ano de 1953: Campo Alegre (1949) (ver fig.003.) e Ramalde (1952) (ver fig.004.). Destes apenas o segundo será parcialmente construído.

No Bairro de Ramalde, são apresentados com alguma evidência os princípios da Carta de Atenas, expostos segundo um esquema rígido de composição. Távora, recém-formado, apresenta-nos aqui uma *“correspondência formal entre a circulação e a construção, uma importante conquista de liberdade no uso do espaço exterior aberto e coletivo.”*<sup>4</sup>, influenciado de certa forma pelo seu mestre Carlos Ramos e pelos ensinamentos de Le Corbusier.

---

3 TÁVORA, Fernando. In: *Fernando Távora: Percorso = a life long trail*, Lisboa : Centro Cultural de Belém, 1993, p.13

4 ZEVI, Bruno. *História da arquitetura moderna*, pref. e estudo de Nuno Portas, 1973. Vol.II. p.732



005.  
Capa Boletim MRAR

*“Obra menos humanizada, resulta da necessidade de afirmação de novos conceitos a contraporem-se aos da rotina oficial”.<sup>5</sup>*

Távora principia a “...defesa dos valores da cultura e da arquitetura internacional”<sup>6</sup>, indo ao encontro das discussões realizadas nos CIAM durante a década de 50.

### **| Influências de autores/obras na conceção do Convento de Gondomar**

*“A palavra moderno define toda a forma de actividade que mantém uma relação perfeita com a Vida. Arquitectura moderna será aquela que traduz exactamente, isto é, segundo uma relação perfeita, a realidade que a envolve.”<sup>7</sup>*

A década de 50 é marcada por uma alteração da produção arquitetónica, que até aqui se caracterizava pelo chamado *Estilo Internacional*, que funcionava como um símbolo da arquitetura moderna.

Os CIAM (Congressos Internacionais da Arquitetura Moderna) que até agora tinham as diretrizes, acabam por ser alvo de alguns desacordos internos que se prendem com o tipo de soluções encontradas para os problemas que tinham que enfrentar.

Em 1956 no décimo CIAM realizado, onde estiveram presentes figuras como Van Eyck, Bakema, os Smithson e de Carlo, foram postos em causa temas como o funcionalismo, que até aqui seria um tema indiscutível. Neste CIAM foram responsabilizados os defensores deste movimento por realizações que impedem que a vida social seja experienciada segundo os parâmetros corretos. Távora, presentenesteencontrojuntamentecomVianadeLima,estádeacordocomestavisão.

Nesta altura dão-se importantes evoluções a nível arquitetónico em Portugal. “O início do desenvolvimento industrial e a consequente perda de importância das atividades ligadas à agricultura conduzirão a um sensível fenómeno de con-

---

5 FERNANDES, Sérgio. *Percurso: arquitetura Portuguesa: 1930-1974*. 2ªed. Porto, Faup Publicações, 1988. Arquitetura Portuguesa Séc. XX, p.125

6 TÁVORA, Fernando. *Fernando Távora: Percurso = a life long trail*, Lisboa : Centro Cultural de Belém, 1993

7 TÁVORA, Fernando, *O Porto e a Arquitetura Moderna*, em ‘Panorama’, Revista Portuguesa de Arte e Turismo, nº4/1952



**006.**  
Escola do Cedro



**007.**  
Casa de Ofir

*centração urbana que afectará especialmente os aglomerados de maior escala”*<sup>8</sup>

Nesta década começa a manifestar-se uma tentativa de abertura a diferentes conceitos que mostram a influência de novas experiências europeias, onde é possível verificar a tentativa de aproximação à realidade de cada situação.

A partir da segunda metade da década de 50 dá-se a afirmação da geração nascida a partir dos anos 20 no Porto composta por arquitetos como Carlos Loureiro, Celestino de Castro, Fernando Távora, Mário Bonito, entre outros.

Em 1952 Carlos Ramos assume a direção da Escola do Porto, levando consigo Távora, Filgueiras, Andresen, Loureiro, Artur Gusmão e Viana de Lima.

A organização de uma exposição em 53 traz alguma consternação, principalmente no meio católico, que vem a ser o ponto de partida para o Movimento de Renovação da Arte Religiosa. (MRAR)<sup>9</sup> (ver anexo V)

Este movimento vem a ter um papel de destaque no processo de afirmação e consolidação da arquitetura religiosa moderna em Portugal. Através do Boletim publicado com alguma irregularidade entre 1957 e 1967, este movimento veio contribuir para a renovação cultural da Igreja em Portugal. O Boletim publicado em dezembro de 1961 apresenta de forma genérica a obra do Convento de Gondomar, seguindo-se de um breve resumo sobre o debate realizado na época e que teve a intervenção de P. João de Almeida e de arquitetos como Costa Cabral, Freitas Leal, Formosinho Sanchez, Erich Corsepius e Nuno Portas.

Em 1955 Keil do Amaral, com o intuito de demonstrar as características da arquitetura portuguesa, inicia o que já há muito tempo era sentido por muitos arquitetos, que seria necessário estudar mais a fundo e minuciosamente a produção arquitetónica do país. A ele juntaram-se outros arquitetos que, motivados por estas questões históricas da arquitetura e das suas raízes, elaboraram o Inquérito à Arquitetura Portuguesa. As equipas envolvidas no inquérito no Norte do país eram orientadas por F. Távora e O. Filgueiras. Estes tinham uma visão mais moderna e menos funcionalista que a maioria dos seus colegas, que atribuíam mais importância à paisagem e aos modos de vida do que à morfologia arquitetónica ou construtiva. Este Inquérito é publicado apenas em 1961.

---

8 FERNANDES, Sérgio. *Percurso: arquitetura Portuguesa: 1930-1974*, Porto, Faup Publicações, 1988. Arquitetura Portuguesa Séc. XX, pp.100-101

9 Movimento que veio demonstrar preocupação e oposição com a direção que a arte e a arquitetura religiosa do nosso país iriam tomar, que se baseava na renovação da linguagem arquitetónica segundo os padrões modernos.



**008. e 009.**  
Edifício Fernando  
Távora, Aveiro, 2013

No ano de 1957 Carlos Duarte e Nuno Portas passam a dirigir a revista ‘Arquitetura’ e assumem posição tendo como exemplo, entre outros, as obras de Fernando Távora.

Neste mesmo ano está em desenvolvimento uma obra marcante no percurso de Távora, a Casa de Ofir (ver fig. 007.), que parece ligar a teoria à prática e que foi condensada posteriormente na Escola do Cedro (ver fig. 006.).

A arquitetura dos anos cinquenta, voltada para questões de linguagem e que se opõe à visão dos engenheiros e projetistas, termina passando a uma fase de separação. A arquitetura, dita dos arquitetos, passa a basear-se em intervenções que têm como objetivo causar impacto e ao mesmo tempo tendem a aumentar o território da arquitetura através da revelação de modelos formais da cultura do espaço, do lugar, e divulgar também os princípios metodológicos que intervêm em todo o processo projetual.

Depois de na década de 50 ter sido retomada a arquitetura moderna, na década de 60 esta mesma modernidade é questionada “*surgindo as primeiras dúvidas e procuras por caminhos diferentes*”<sup>10</sup>

A década de sessenta é marcada pela controvérsia do “estilo internacional” frente ao estilo nacional que “*mobilizara a resistência progressista ao regime desde o pós-guerra*”<sup>11</sup>, e que se encontrava praticamente acabada.

As contradições do poder aumentam quando tendem a proteger ao mesmo tempo os segmentos mais atrasados da burguesia fundiária (ligada à agricultura) e os grupos monopolistas mais proeminentes da Europa. Com estes fatores alguns espaços de liberalização tornam-se imprescindíveis, tais como o aparecimento de uma nova classe média urbana, o surgimento de uma tecnologia mais desenvolvida, o capital industrial e financeiro pressionando de certa forma para a procura de expressão política no mecanismo do Estado e surgimento de movimentações democráticas e de estudantes.

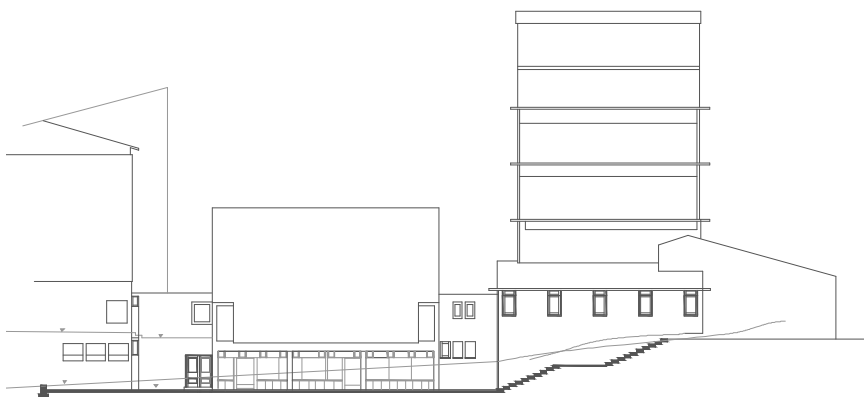
O centro urbano é agora mais pressionado pelo predomínio de interesses voltados para a agricultura. Enquanto isto, a cidade de Lisboa regenera-se com o seu próprio tecido – como consequência das condições de produção, do congela-

---

10 FERNANDES, José Manuel, *Anos 60, Anos de Consequência? In Anos 60: anos de rutura: arquitetura portuguesa nos anos sessenta*, Lisboa, Livros Horizonte, 1994. 15pp.

11 PORTAS, Nuno e Manuel Mendes, *Arquitetura Portuguesa Contemporânea: anos sessenta/anos oitenta*, Porto : Fundação de Serralves, 1991





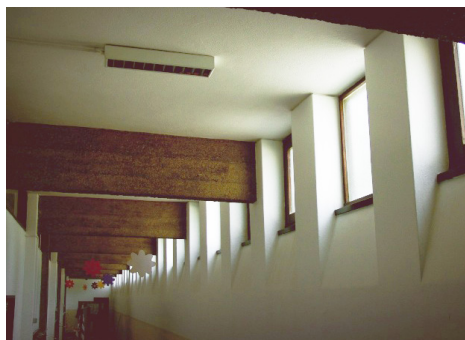
**010.**  
Convento de  
Gondomar - corte a  
acompanhar a pendente  
do terreno  
Escala 1/500



**011.**  
Escola do Cedro



**012.**  
Convento de Gon-  
domar



**013.**  
Escola do Cedro



mento de rendas e a aceitação oficial para a densificação do lote – este fator veio permitir que, em alguns segmentos, surgisse uma arquitetura de alto standing para hotéis, bancos e multinacionais, como vem a acontecer mais tarde no Porto.

As cidades de Porto e Lisboa enfrentam nesta altura dificuldade em albergar pessoas provenientes do campo devido ao êxodo rural, não possuindo a capacidade financeira para a criação de bairros sociais, o que gera uma suburbanização excessiva e consequentemente surgem grandes empreendimentos hoteleiros.

Na década de sessenta Távora demonstra uma evolução no seu pensamento no que diz respeito a questões do “*carácter’ português na sua arquitetura*”<sup>12</sup>. Neste sentido vai verificar-se um aprofundamento da sua arquitetura, demonstrando novos objetivos e referências, resultantes do seu trajeto na década de 50.

Em 1961 é publicado finalmente o *Inquérito à Arquitetura Popular Portuguesa*<sup>13</sup> que vem mostrar um novo território e um novo modo de construir. Constituindo um contributo fundamental na reflexão sobre a linguagem arquitetónica, em que o Moderno e Regional continuam a ser fundamentais no processo de intervenção e clarificação disciplinar.

Nesta fase os arquitetos portugueses abrem-se mais ao mundo exterior e começam a fazer mais viagens de estudo com o intuito de ampliarem o seu conhecimento, frequentando também encontros internacionais, pelo que nesta altura a produção arquitetónica se torna mais variada.

A arquitetura produzida nesta fase tem um crescimento mais a nível individual – obra de autor. As obras mais marcantes desta década são produzidas por arquitetos como Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas, Manuel Tainha, Chorão Ramalho, Fernando Távora, Álvaro Siza.

Primeiramente situam-se obras como o Centro Comercial do Carmo, no Porto, e o Plano e Edifícios da Zona Central de Aveiro (ver fig. 008. e 009.), obras que datam de 62 a 65, onde são notórios os valores que Távora tanto preza, ligados à tradição e modernidade, procurando integrar estas obras na própria malha antiga das cidades e respeitando o ambiente histórico das novas arquiteturas que emergem destes valores, podendo ser comparadas com a sensibilidade das

---

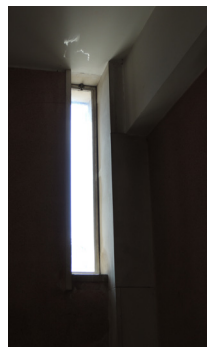
12 TÁVORA, Fernando. *Fernando Távora: Percurso = a life long trail*, Lisboa : Centro Cultural de Belém, 1993, p.16

13 Este inquérito teve como objetivo não só fazer um inventário de formas e técnicas construtivas mas também propor uma aproximação ao lugar, às formas de povoamento e às formas de vida.



**014.**  
Convento de Gon-  
domar

**015.**  
Escola do Cedro



**016.**  
Edifício Fernando  
Távora, Aveiro

**017. e 018.**  
Convento de Gondomar



**019.**  
Convento de Gon-  
domar

**020.**  
Edifício Fernando  
Távora, Aveiro

**021.**  
Escola do Cedro

arquiteturas de Ignazio Gardella e Mario Ridolfi. Esta modernidade revê-se em obras como a Estação de serviço de Seia, a Casa da Igreja em Basto, o Estudo de Renovação do Barredo/Porto, a Quinta de Santiago em Matosinhos e a obra estudada neste trabalho o Convento de Gondomar, todas estas realizadas entre 1959 e 1971. A linguagem moderna nestas obras manifesta-se através de “... *um desenho mais autónomo e mais inserido na nossa tradição arquitectónica, agora já assumido como condição de modernidade*”<sup>14</sup>

Nestes trabalhos são abordados pela primeira vez, quatro temas fundamentais para o enraizamento da sua arquitetura:

- *Renovação urbana*, presente na obra do Barredo.
- *Maior comunicação entre formas arquitectónicas do passado e presente*, presente nas obras de Basto e Santiago.
- *A reutilização de sistemas construtivos tradicionais*, presente nas obras de Seia.
- *A recuperação dos esquemas compositivos clássicos*, presente na obra do Convento de Gondomar.

### **| Comparação com outras obras**

O Convento de Gondomar, com início em 1961 é realizado posteriormente à obra da Escola do Cedro (1957-1961), em Vila Nova de Gaia. O facto de serem duas obras da mesma época, e apesar de terem usos distintos, faz com que contenham vários aspetos comuns, sendo possível comparar as duas obras.

Na sequência da visita às duas obras verifica-se que ambas se implantam em terrenos com alguma pendente, possibilitando a Távora adaptar os diferentes volumes à topografia do terreno. Em ambos os trabalhos se efetuarmos um corte pelo terrenoacompanhando a sua inclinação, é possível compreender a adaptação dos diferentes volumes à sua pendente. (ver fig. 010. e 011.)

Nos interiores são também notórias as semelhanças entre as duas obras. A introdução de betão nos elementos estruturais (ver fig. 012. e 013.) , como vigas e pilares, contrastando com as paredes brancas, são características que conferem

---

<sup>14</sup> TÁVORA, Fernando. *Fernando Távora: Percurso = a life long trail*, Lisboa : Centro Cultural de Belém, 1993, p.17

um certo simbolismo e estas obras, assim como os pavimentos, em que é utilizado um material cerâmico avermelhado, alternado com um branco utilizado para marcação das entradas principais de uma e outra obra, no caso do convento em todos os acessos a diferentes espaços, no caso da escola em todas as entradas de salas de aula (ver fig. 014. e 015.). As caixilharias em madeira são também um elemento marcante nas duas obras.

Relativamente à volumetria dos edifícios consegue identificar-se em ambas elementos que ressaltam no conjunto pela sua semelhança, sendo que no caso da Escola do Cedro referimo-nos aos dois volumes das salas de aula e no Convento de Gondomar tratam-se dos volumes correspondentes ao Noviciado (S. Francisco) e ao volume das Irmãs Professas. Em ambos os conjuntos edificados estes volumes parecem adotar um valor formal mais rígido, assumindo um maior destaque na composição, enquanto que os restantes volumes parecem promover apenas a união das partes.

A luz é um fator muito presente e com destaque nestas obras, sendo inserida através de pequenas janelas ou lanternins colocados em pontos estratégicos que confere aos edifícios iluminação de diferentes formas nas diversas partes do dia, criando um certo dinamismo aos espaços mesmo que regulares (ver fig. 016. , 017 e 018.). Este elemento é também verificado na obra de Aveiro, construída em simultâneo com o Convento, e onde se pode verificar o tratamento da iluminação de forma cuidada, presente principalmente nas escadarias, através de estreitos “rasgos” inseridos pontualmente e que permitem iluminar todo o percurso do visitante ao longo da subida/descida, assemelhando-se aos pontos de luz também introduzidos nos acessos verticais do Convento.

Avaliando exteriormente os três edifícios – Convento de Gondomar, Escola do Cedro e a Casa Municipal em Aveiro – consegue-se ter uma leitura semelhante aos três. A mesma verticalidade é criada pelas janelas das fachadas, rematadas na parte inferior por uma continuidade de pequenas janelas. Na Escola do Cedro esta linguagem não é tão marcada, verificando-se apenas nas mais voltadas a norte. (ver fig. 019. , 020. e 021.)

A arquitetura da década de sessenta vem defender e confirmar a noção de projeto arquitetónico e recuperar a ligação ao local, como um requisito para projetar, abdicando da solução universal para se basear na vida quotidiana e no território.

Os termos linguagem e ideologia, tradição e história são desmistificados, sendo mais objetivos no procedimento, matéria e temas de todo o processo projetual, tais como: *“construção da cidade, e o desenho urbano, morfologia urbana e tipologia edificatórias, racionalização do processo de desenho, investigação aplicada, procedimento artístico e os mecanismos da construção formal; o território da arquitetura e o pluridisciplinar – as novas ciências humanas, o estruturalismo.”*<sup>15</sup>

Mais tarde surge o chamado “estilo internacional” que se vem afirmar com a substituição de lotes ou quarteirões da cidade atual pelo uso de formas mais arrojadas/populares.

Como reação ao internacionalismo tardio foram criados pequenos ateliers que *“face à plenitude do ofício persistentemente ameaçado, afirmam o direito de proposta e a dignidade do profissionalismo, sustentando o rigor experimental da prática artesanal de acção projectual, em torno de um número limitado de programas nas áreas do projeto de urbanização do prédio de rendimento, da habitação unifamiliar, dos equipamentos”*<sup>16</sup>

A moradia individualizada para os arquitetos mais novos é a oportunidade para afirmarem a sua linguagem, para se afirmarem no mundo da arquitetura e aparecerem referenciados em Revistas (Binário, Arquitetura).

Enquanto noutros países Europeus os “planos de ordenamento” demonstraram a sua importância sobre as questões territoriais, em Portugal o plano urbanístico limitava-se ao discurso sobre o “bairro” e a tipologia de edificação da residência.

A formação urbanística não era ainda muito presente na formação dos arquitetos, tornando-se necessário recorrer aos profissionais estrangeiros para operações de regulação territorial.

*“Na segunda metade da década de sessenta, num período marcado pelo conservadorismo autoritário do poder político e pela ausência de estratégias de modernização do poder económico, acentuam-se os desequilíbrios territoriais e a aleatoriedade do crescimento urbano.”*<sup>17</sup>

---

15 PORTAS, Nuno e Manuel Mendes, *Arquitetura Portuguesa Contemporânea: anos sessenta/anos oitenta*, Porto : Fundação de Serralves, 1991

16 PORTAS, Nuno e Manuel Mendes, *Arquitetura Portuguesa Contemporânea: anos sessenta/anos oitenta*, Porto : Fundação de Serralves, 1991

17 PORTAS, Nuno e Manuel Mendes, *Arquitetura Portuguesa Contemporânea: anos sessenta/anos oitenta*, Porto : Fundação de Serralves, 1991





022.  
Convento de Gondomar

As operações de loteamento separadas da cidade assumem um papel de instrumento único na criação de solo urbanizado. A consolidação das áreas metropolitanas – Lisboa, Porto, Setúbal, Guimarães, Braga – faz com que alguns setores profissionais se unam em ações comuns com o objetivo de defenderem o planeamento urbano.

As Escolas de Belas-Artes de Lisboa e Porto demonstram também nesta segunda metade da década de sessenta, tentativas de melhoramento do ensino, já que destas podem resultar mudanças de atitude/pensamento e também de linguagem, que podem vir a manifestar-se na década seguinte.

Apartir das décadas de 70/80 Távora começa a ampliar a sua orientação teórica, que até ao momento se centrava mais em problemas da nova arquitetura. Permanece no entanto com o mesmo interesse e aplicando o mesmo conhecimento obtido com as obras anteriores, como o Convento de Gondomar e as obras em Aveiro.

Segundo alguns críticos e professores de arquitetura, como Nuno Portas e M. Mendes, o desenho de Távora parecia processar-se numa *“íntima solidariedade entre a paisagem e a razão artificial do tempo: conservar e construir são momentos de um mesmo método na transformação dos edifícios, garante de vida e o respeito pela sua identidade arquitetónica, continuando-a, inovando-a.”*<sup>18</sup>

A pesquisa de Távora propõe uma adequação da arquitetura do Movimento Moderno, baseando-se num profundo estudo sobre a nossa arquitetura e sobre a construção dita popular. Com a sua pesquisa, Távora ainda não consegue aplicar a sua posição teórica à proposta desenhada, continuando a insistir que a melhor opção será a de aprofundar o conhecimento sobre a nova arquitetura, para assim poder prosseguir com a sua modernidade. Távora parte mais tarde em defesa dos valores da cultura e da arquitetura internacional.

Os trabalhos de Távora demonstram alguma sensibilidade em relação às obras de Le Corbusier ou Alvar Aalto, respeitando igualmente os valores tradicionais e também de culturas exóticas coloniais.

Na continuidade do seu percurso Távora prosseguiu com a sua linha de pensamento, aprofundando os valores de modernidade e tradição com *“base na procura simultânea duma contextualização do desenho urbano e duma interpretação ambiental da arquitectura subsequente, na linha do “historicismo” italiano, quer explorando uma mais promissora vertente, onde a linguagem moderna*

---

18 TÁVORA, Fernando. *Fernando Távora: Percurso = a life long trail*, Lisboa : Centro Cultural de Belém, 1993, p.16



**023.**  
Monte Crasto



**024.**  
Inserção do Convento  
no Território



*se define a partir de um desenho mais autónomo e inserido na nossa tradição”*<sup>19</sup>

Segundo Álvaro Siza “*numa primeira observação, a obra de Fernando Távora, respira tranquilidade. Nenhum drama aflora. Resulta estranho o seu fascínio ou o da personalidade do autor.*”<sup>20</sup>

---

19 TÁVORA, Fernando. *Fernando Távora: Percurso = a life long trail*, Lisboa : Centro Cultural de Belém, 1993, p.21

20 TÁVORA, Fernando. *Fernando Távora: Percurso = a life long trail*, Lisboa : Centro Cultural de Belém, 1993, p.22



**025.**  
Convento de Gon-  
domar - ponto de vista  
Monte Crasto



**026.**  
Inserção do Convento  
no território

## 2 | ANÁLISE DO TERRITÓRIO

### 2.1 | LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO

*“Terra formidável, das suas entranhas nascem águas de eras despoluídas, férreas, sulfurosas, bromadas, iodadas, das medicinas da pele. E águas de beber, matando sedes a milhões, águas do sousa, do Ferreira, do Douro. Rios de peixarias, margens deleitosas e paisagens deslumbrantes onde os planos cedem lugar às encostas abismais.”*<sup>21</sup>

A cidade de Gondomar é uma província do Douro Litoral, localizada na região metropolitana do Porto, sendo considerada uma terra com marcas históricas, em que vários achados revelam que houve vivência humana desde a pré-história. A exploração realizada nas regiões mais próximas às minas de ouro e a localização estratégica do monte “Crasto” (ver fig. 023.) demonstram a presença de Romanos por estas terras.

O rio que acompanha o concelho é o rio Douro, com a extensão de 32km que se estende de Melres a Valbom e que atribui à cidade um património Etnográfico único, de antigos costumes, entre os quais podemos destacar a pesca da lampreia e a pesca artesanal que ainda se praticam na freguesia da Lomba.

Esta cidade é também conhecida pela sua tradição agrícola, bem presente por todo o território, devido também ao facto de ser transmitida de geração em geração, proporcionando a cada família a sua parcela de terra para cultivo próprio.

A implantação do convento é realizada numa ampla propriedade situada nesta cidade, encontrando-se a poucos quilómetros da cidade do Porto (ver fig. 024.). Insere-se num território em que convivem, em simultâneo, várias estruturas urbanas consolidadas e tecidos urbanos incompletos em constante transfor-

---

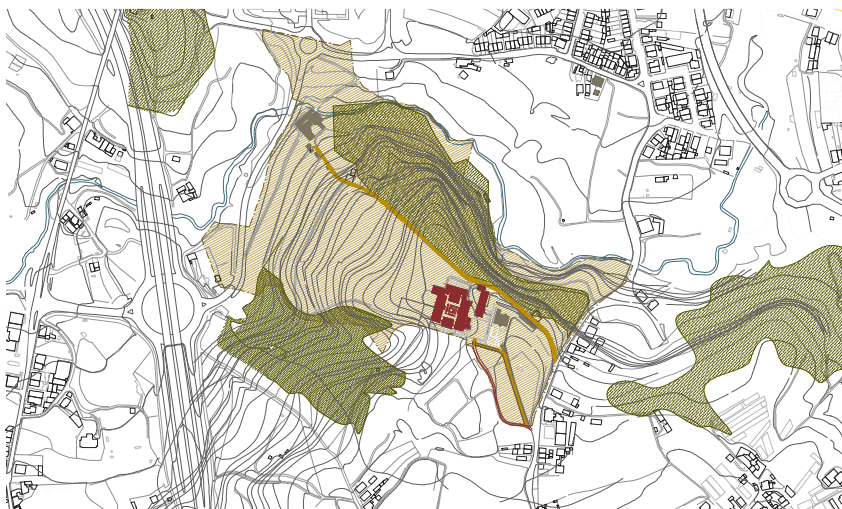
21 PACHECO, Helder. *O Grande Porto: Gondomar : Maia : Matosinhos : Valongo : Vila Nova de Gaia*. Novos Guias de Portugal. Editorial Presença.



**027.**  
Vista aérea - A43



**028.**  
Foto terreno - lado  
Poente do Convento



**029.**  
Delimitação da Quinta  
da Azenha  
Esc. 1/5000



mação, vazios urbanos expectantes, também com as áreas agrícolas de diferentes dimensões e vocações e áreas de ocupação florestal de escala variável, que formam um conjunto escassamente fragmentado. Esta fragmentação é provocada pelos diferentes modos de crescimento do território, acrescidos de descon continuidades desenvolvidas por programas de grande escala, por um aumento da habitação e por uma rede de novas acessibilidades. Todas estas alterações no território foram criadas, maioritariamente, após a implantação do Convento a partir de 1971.

O crescimento da área habitacional é mais concentrado a Norte e Nordeste do Convento fazendo-se sentir também, a uma escala mais aproximada, junto à Estrada Municipal, que permite a ligação ao Convento.

A Quinta da Azenha está situada numa parte do território que acarreta diversas qualidades, quer pela proximidade aos centros de ambas as cidades, Porto e Gondomar, quer a nível paisagístico, pois o conjunto possui uma ampla panorâmica sobre a cidade do Porto, assim como, se olharmos no sentido inverso, este pode ser observado de vários pontos da cidade. O ponto onde melhor se pode enquadrar o edifício conventual, sendo que é o que se encontra mais elevado no território, é o Monte Crasto. (ver fig.025.). Outro dos fatores que contribui para que o terreno esteja numa posição de destaque é o facto de, na sua envolvente próxima, estar rodeado de uma considerável área verde.

## 2.2 | ESTUDO DA EVOLUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO TERRITÓRIO

Segundo Kevin Lynch a cidade ou imagem urbana pode ser classificada em cinco tipos de elementos: vias, limites, bairros, cruzamentos e elementos marcantes. As vias são definidas como os canais onde o observador se move, podendo ser ruas, passeios, linhas de trânsito, canais, caminhos de ferro, entre outros, e os seus limites não são considerados pelos habitantes como vias. *“São as fronteiras entre duas partes, interrupções lineares na continuidade, costas marítimas ou fluviais, cortes do caminho de ferro, paredes, locais de desenvolvimento.”*<sup>22</sup> Os bairros são regiões urbanas, que podem ser de reduzida ou grande dimensão e são os locais onde o observador se fixa e onde pode ter algo em comum e de identificável com a restante comunidade. Os cru-

---

22 LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*, trad. Maria Cristina Tavares Afonso, Lisboa : Edições 70, 1999, pág.58



**030.**  
Monte Crasto



**031.**  
Monte Crasto



**032.**  
Acesso à construção  
existente no terreno

zamentos são pontos estratégicos da cidade, nos quais o observador pode entrar e que constituem centros para onde ele se desloca. “*Podem ser essencialmente junções, locais de interrupção num transporte, um entrecruzar ou convergir de vias, momentos de mudança de uma estrutura para outra.*”<sup>23</sup>. Quando se refere a pontos marcantes, estes são entendidos como uma referência no território, podendo ser representados por um objeto físico como um edifício, um sinal, loja ou montanha, em que o seu uso implica o seu destaque/evidência. “*Alguns destes pontos marcantes situam-se a grande distância, acima dos cumes de outros elementos mais pequenos e são usados como referências radiais.*”<sup>24</sup>

Tal como Lynch, e após uma análise pormenorizada, consegue identificar-se todos estes pontos distribuídos um pouco por todo o território, alguns deles já mencionados anteriormente.

As vias são elementos marcantes no território e têm um papel de relevo na definição do mesmo. A questão da mobilidade marca-se particularmente por desequilíbrios e desproporção, relacionados com a estrutura viária. Um dos fatores que veio contribuir para este desequilíbrio foi inserção em 2005 de uma autoestrada (A 43<sup>25</sup>) a oeste do terreno (ver fig. 027.), que se pode caracterizar por macro via, provocando um “corte” no território, tanto a nível físico como a nível visual/paisagístico. Este teve repercussões na relação visual que existia entre o convento e a cidade do Porto. (ver fig. 028.)

Apesar de não ter tanto destaque no território, a chamada Avenida da Condu-ta, situada a Leste/Nordeste do terreno, é uma ligação que distribui vários pontos da cidade, sendo também inaugurada posteriormente à construção do Convento.

Estas vias vieram ajudar na estruturação do território e na organização viária, retirando algum “peso” que existia nas vias de menor dimensão, que apesar de terem carateres distintos, acabam por ter a mesma funcionalidade, a distribuição.

Os limites neste caso referem-se à área da Quinta da Azenha, definidas a sul do terreno por muros de contenção ou por vias que marcam definem o perímetro. Mais a Norte a barreira que delimita a propriedade, é feita essencialmente pela diferenciação entre os verdes mais descaracterizados e as áreas agrícolas, não

---

23 LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*, trad. Maria Cristina Tavares Afonso, Lisboa : Edições 70, 1999, pág.58

24 LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*, trad. Maria Cristina Tavares Afonso, Lisboa : Edições 70, 1999, pág.59

25 A 43 - Via Rápida de Gondomar tem como principal objetivo funcionar como ligação preferencial entre as cidades do Porto e Gondomar. ([www.autoportal.iol.pt](http://www.autoportal.iol.pt))





**033.**  
Pendente a Noroeste  
no terreno

sendo neste caso um limite físico. (ver fig. 029.)

Avançando para o que Lynch refere como elementos marcantes, um ponto dos pontos de referência bastante significativos no território é o chamado Monte Crasto. Este é um ponto central da cidade de Gondomar que aparece como uma “fortaleza natural” e que integra o nome latino “crasto” (castelo), devido à sua localização num ponto elevado (aproximadamente 194m de altitude), afirmando-se como uma espécie de miradouro para a cidade, nomeadamente para os lados sul e poente. (ver fig. 030. e 031.) O monte é também uma referência para o edifício conventual, isto é observando o território o edifício situa-se a noroeste deste ponto. Outro dos pontos de referência para o Convento é a zona industrial criada mais a norte, posteriormente à implantação deste.

## 2.3 | APROXIMAÇÃO À ÁREA DE ESTUDO – QUINTA DA AZENHA

*“Uma vez que supomos existir uma inter-relação entre qualquer elemento urbano e um facto urbano de natureza mais complexa até à cidade em que se manifestam, devemos esclarecer a que contorno urbano nos referimos. Este contorno urbano mínimo é definido pela área de estudo”*<sup>26</sup>

Para Rossi o estudo da área, é entendido como parte constituinte da cidade, importante para a análise da forma da cidade como elemento característico e muitas vezes decisivo da sua forma.

Ao partirmos para a análise a uma escala mais aproximada da área de estudo em questão foi possível perceber o carácter e a identidade do lugar. O terreno é dotado de uma pendente acentuada que desce de Sudeste para Noroeste e que se abre num amplo vale rematado pela cidade do Porto.

Na propriedade existe uma construção, antiga residência, em que *“o acesso é constituído por um caminho de traçado recto e de mau perfil longitudinal que liga a casa à Estrada Municipal.”*<sup>27</sup> (ver fig. 032.)

O terreno é atravessado por um caminho de carácter agrícola que une os vários

---

26 ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade*, trad. José Charters Monteiro, José da Nóbrega Sousa Martins; Lisboa : Cosmos, 1977, pág.78

27 TÁVORA, Fernando. I FRANCISCANAS DE CALAIS – CONVENTO: Ante-Projeto - Memória Descritiva; Porto, outubro de 1961. Arquivo, Fundação Instituto Arquiteto José Marques da Silva (FIMS)



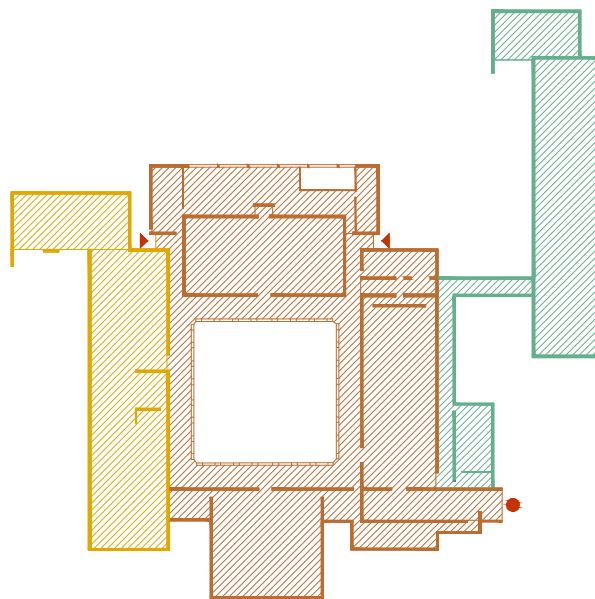
**034.**  
Convento de  
Gondomar

edifícios da quinta entre si e à Estrada Municipal.

*“Embora o terreno escolhido para implementação do novo edifício não possua vegetação arbórea de interesse especial mas NE dele, e do outro lado do caminho que atravessa a quinta situa-se, em terreno de forte pendente, uma massa arbórea de apreciável volume.”* <sup>28</sup> (ver fig. 033.)

---

28 TÁVORA, Fernando. I FRANCISCANAS DE CALAIS – CONVENTO: Ante-Projeto - Memória Descritiva; Porto, outubro de 1961. Arquivo, Fundação Instituto Arquiteto José Marques da Silva (FIMS)



**035.**  
Esquema compositivo  
Esc. 1/1000

- ▶ Entradas Serviço
- Entrada Principal
- ▨ Áreas comuns
- ▨ Irmãs Professas
- ▨ Noviciado



**036.**  
Imagem Aérea  
Convento

### 3 | CONVENTO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DE CALAIS

#### 3.1 | ANÁLISE/DESCRIÇÃO DAS VÁRIAS FASES DE CONSTRUÇÃO

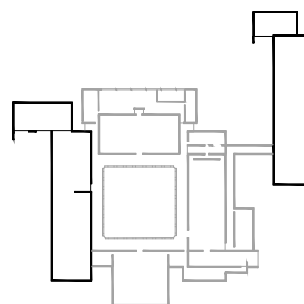
*“complexo arquitectónico de articulações simples, concepção espacial despojada e tratamento regularizado de vãos de fachadas, noutros casos assumidamente cegas, se é ainda algo sensível ao formulário europeu da transição dos anos 50/60, reflete já, e sobretudo, um posicionamento nostálgico face à nossa arquitectura tradicional, assumindo, “uma inquestionável expressão portuguesa, simples, dura e clara”.<sup>29</sup>*

A obra do convento de Gondomar foi desenvolvida em três fases de construção com início em 1961, que se prolongaram ao longo de dez anos. A implantação do edifício foi executada num meio rural, sem grandes referências de carácter urbano. Contudo, com o passar do tempo, o território envolvente à Quinta da Azenha foi-se alterando e, tal como referido anteriormente, deu-se um aumento considerável de construção de carácter habitacional e industrial. O aumento das estruturas deu origem a uma diminuição considerável dos espaços verdes expectantes e agrícolas presentes no território.

O projeto desenvolveu-se sem referências exteriores, pois no terreno existia apenas uma casa, que de certa forma pode ter sido usada como orientação para o desenho do Convento, devido à sua proximidade como edifício e que faz transparecer um pouco esta ideia. Todo o conjunto edificado é desenvolvido em torno do claustro, definido como elemento central da volumetria. Em torno deste espaço aglutinam-se todos os elementos que complementam o conjunto, com os blocos dos quartos/ celas ao norte e nascente, o refeitório a norte, salão comum a sul e a capela a nascente.

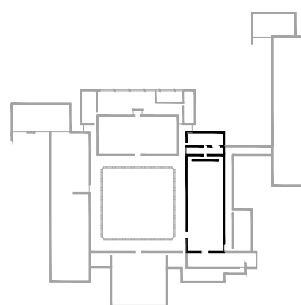
---

<sup>29</sup> VARELA GOMES, Paulo. *Paradoxos/Trinta Anos de Arquitetura*, Lisboa, Livros Horizonte, 1969; pág.75 cit in: *Fernando Távora*, editado por Luiz Trigueiros, com artigos de Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza, Bernardo Ferrão e Eduardo Souto Moura e com Grafismos de Ana Maria Chora. -Lisboa : Blau.

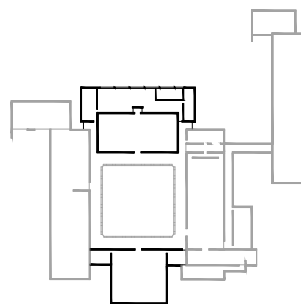


**037.**  
Esquemas  
distribuição funcional  
Esc. 1/2000

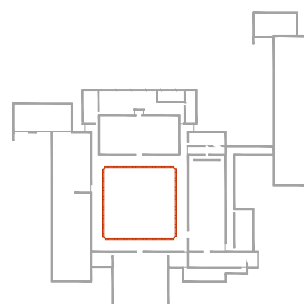
a. Noviciado e Irmãs  
Professas



b. Capela



c. Refeitório e Salas de  
Festas



d. Claustro



*“A sua construção é diferida no tempo e o seu programa religioso parecem ter guiado a opção do projecto de se desenvolver em torno de um claustro.”<sup>30</sup>*

O volume de destaque de todo o conjunto, que fica precisamente à cota mais elevada de toda a implantação, é o bloco que integra os quartos das noviças, a nascente.

Todas as formas surgem adaptadas à topografia do terreno e transparecem uma certa autonomia entre elas, quer a nível de desenho quer volumétrico, o que permite que o claustro “respire” um pouco entre toda a composição.

Para melhor entender a evolução do projeto foi necessário estudar todas as fases do mesmo, começando pela ideia inicial de Távora, o anteprojeto. Neste Távora previa as seguintes instalações:

- A Entrada seria uma sala de visitas para as Irmãs Professas e Noviças, também utilizada como acesso ao público para a zona de coro da capela.
- As áreas comuns seriam a capela, a sala de festas/refeitório, a cozinha (com as respetivas copa e dispensa), a lavandaria, sala de brunir<sup>31</sup> e rouparia.
- O Noviciado<sup>32</sup>, espaço atribuído às noviças, conteria um oratório, um escritório para a mestra de noviças (que inclui um vestíbulo e arquivo), gabinete médico, duas salas de aula, uma sala de costura e sala de noviciado.
- As Irmãs Professas<sup>33</sup>, no primeiro piso teriam disponíveis as áreas como o escritório da Superiora local (com o vestíbulo e o arquivo), uma sala de costura, uma sala para a comunidade, dois quartos de dormir com banhos comuns, três quartos de dormir com banho individual, um escritório e um quarto com banho privativo para a Madre Provincial.

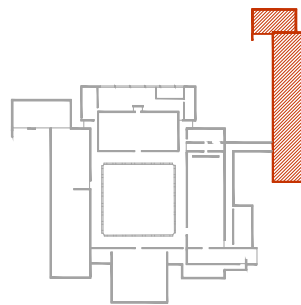
---

30 BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried. *Portugal: arquitetura do século XX*. München : Prestel, 1997, p.249

31 Brunir – engomar ou passar a ferro. *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto Editora, 2004

32 Noviciado – período de preparação pelo qual passam os candidatos/as ao ingresso numa ordem ou congregação religiosa. In: *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto Editora, 2004

33 Professa/s – que professou ou fez votos numa ordem religiosa. In: *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto Editora, 2004



**038.**  
Corpo Noviciado -  
S. Francisco

**039.**  
Esquema - 1ª fase de  
construção  
Corpo Noviciado  
Esc. 1/2000



**040.**  
Corpo do Noviciado -  
S. Francisco

- O Patronato, para os alunos externos, com duas salas de aula e serviços anexos.

- As caves no setor de serviço das Irmãs Professas e no noviciado reservam parte da sua superfície para o celeiro e adega.

O número estimado para ocupação do edifício seria de cerca de 160 ocupantes, e teria um número considerável de visitantes em dias de cerimónia.

*“A solução ante-projectada pretende, satisfazendo aos múltiplos aspetos e condicionamentos do programa, inserir-se harmoniosamente no local escolhido para construção.”* <sup>34</sup>

O projeto propõe dois corpos paralelos, dispostos nos extremos da composição (Noviciado e Irmãs professoras) (esquema a.). O volume da capela fica paralelo e estes dois corpos (esquema b.), enquanto que os outros dois volumes correspondem ao refeitório, anexos e salas de festas (esquema c.). Todo o conjunto, incluindo a Capela e o pavilhão das Irmãs Professas é articulado em torno de um claustro de planta quadrada (esquema d.).

Távora sugere neste anteprojecto, que seja feito um novo acesso que ligaria o edifício à Estrada Municipal. Este acesso irá ter o seu ponto de chegada junto à entrada do convento, abrindo-se num grande pátio de receção ao edifício.

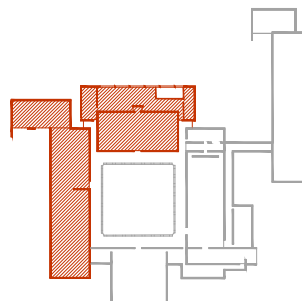
Quanto ao caminho de serviço agrícola já existente no terreno, teria segundo este projeto de se desviar um pouco, para que pudesse passar num dos extremos do pavilhão do Noviciado, permitindo assim o acesso à cave localizada no mesmo pavilhão e onde também se encontram o celeiro e adega. Este mesmo percurso iria garantir o acesso às zonas de serviços – cozinha e lavandaria.

Em relação à orientação do edifício houve um cuidado especial em dispor as várias instalações segundo a melhor posição, sublinhando-se o facto de os eixos maiores dos corpos do Noviciado e das Irmãs Professas estarem orientados sensivelmente a partir do eixo heliotérmico, conferindo às celas do respetivo volume quantidades proporcionais de calor.

Relativamente a materiais, foi previsto o emprego de vários muito presentes em obras das décadas de 50/60, como paredes de alvenaria de granito, pavimentos e lajes de cobertura em betão armado, paredes divisórias em tijolo e a telha

---

34 TÁVORA, Fernando. I FRANCISCANAS DE CALAIS – CONVENTO, Ante-Projeto – Memória Descritiva. Porto, outubro de 1961. Arquivo, Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva (FIMS)



**04.**  
Refeitório e residência  
das comunidades.  
Convento de Gon-  
domar, 2013

**042.**  
Esquema - 2ª fase de  
construção  
Refeitório e residência  
das comunidades  
Esc. 1/2000



**043.**  
Residência das comu-  
nidades  
Convento de Gon-  
domar, 2013



**044. e 045.**  
Refeitório

utilizada para coberturas.

Exteriormente o edifício é rebocado, excetuando superfícies em que há envasamento e onde o granito será aparente e o ceresitamento apenas feito pelo interior.

*“Os acabamentos interiores serão de um modo geral, simples e a especificar em pormenor aquando da elaboração do projecto”<sup>35</sup>*

As caixilharias previstas serão em madeira de casquinha ou de castanho pintado e as interiores serão definidas também posteriormente.

*“Evidentemente que o Convento não “funcionará” perfeitamente se, para além da garantia da satisfação de todas as necessidades de ordem material, ele não constituir pela sua beleza e pela sua expressão um ambiente acolhedor e suporte de uma intensa vida espiritual. Porque tal necessidade é por demais evidente ela não foi esquecida ao longo de todo o processo de elaboração desde Ante-Projecto.*

*Quer ao estudar a massa do edifício quer ao definir os múltiplos ambientes e espaços que ele vai criar foi nossa intenção que este Convento tivesse, pela sua “presença”, uma forte e benéfica influência sobre os seus ocupantes.”<sup>36</sup>*

Depois da análise deste anteprojecto e de o compararmos com o projecto construído, constatamos que este não difere muito daquilo que inicialmente teria sido pensado. Foi possível verificar tais factos após da análise dos desenhos e das descrições do projecto, sobre as quais falar-se-á de seguida.

## **| 1ª Fase (1961-1965)**

Após a elaboração de um anteprojecto, parte-se para uma fase mais definitiva de todo este complexo processo, iniciando-se uma construção faseada do conjunto edificado.

A primeira fase de construção, com início em 1961 é assinalada com implantação do corpo correspondente ao Noviciado (ver fig. 038.). Este volume é constituído por quatro pisos, entre os quais o primeiro é a cave. No primeiro piso

---

35 TÁVORA, Fernando. I FRANCISCANAS DE CALAIS – CONVENTO, Ante-Projecto – Memória Descritiva. Porto, outubro de 1961. Arquivo, Fundação Instituto Arquiteto José Marques da Silva (FIMS)

36 TÁVORA, Fernando. I FRANCISCANAS DE CALAIS – CONVENTO, Ante-Projecto – Memória Descritiva. Porto, outubro de 1961. Arquivo, Fundação Instituto Arquiteto José Marques da Silva (FIMS)



**046.**  
Escadas de acesso ao  
colégio



**047.**  
Átrio colégio



é onde se situam o alambique, lagares, adega e celeiro e uma arrecadação. No segundo piso, para além dos respetivos acessos e instalações sanitárias, situa-se um pequeno oratório, um escritório, o gabinete médico, duas salas de aula, uma sala de costura e a sala do noviciado. (ver anexo II) Os terceiro e quarto pisos englobam as celas e as respetivas instalações sanitárias.

No que se refere às fundações do edifício e muros de suporte, os materiais utilizados são a alvenaria de granito e nas paredes exteriores perpianho de 0.28m de espessura. As paredes interiores são constituídas por tijolo furado. Em relação a pavimentos e elementos de suporte, como pilares e vigas são em betão armado.

Na sua maioria as paredes e divisórias são rebocadas, com exceção dos envasamentos em granito aparente aplicado nos alçados e nas instalações sanitárias em que são aplicados lambris de azulejo com 2m de altura. Em relação aos pavimentos, no primeiro piso são em betonilha e nos pisos superiores em mosaico cerâmico ou taco. Todas as carpintarias quer interiores quer exteriores, são em madeira de sicupira para posteriormente envernizar.

Esta primeira descrição já demonstra uma grande preocupação quer a nível construtivo quer a nível de materiais.

## | 2ª Fase (1965-1969)

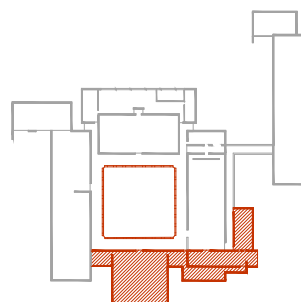
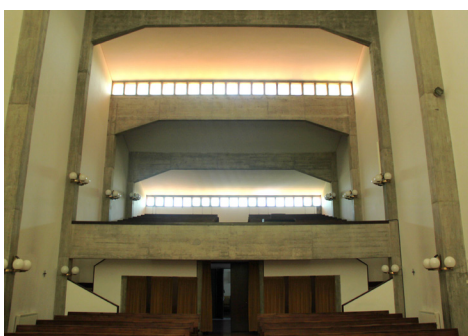
Na segunda fase, com início aproximadamente em 1965, os volumes construídos foram os situados a poente e a norte que compreendem respetivamente a residência das comunidades e o corpo do refeitório e serviços gerais. (ver fig. 042.)

Esta foi sem dúvida a fase mais conturbada. Após analisar e confrontar os escritos de Távora, com os desenhos existentes e com a obra construída, verificou-se que estes elementos não demonstram coerência. As memórias descritivas de Távora para esta segunda fase de projeto não estão em conformidade com a construção existente, não demonstrando em todo o conjunto o caráter religioso que deveria existir no edifício. Na realidade a construção desta segunda fase, no primeiro e segundo pisos, centrou-se numa adaptação do projeto inicial a um espaço colegial. Contudo, esta “adaptação” só foi realizada depois de ter sido lançada a primeira hipótese de projeto, ou seja, até março de 1964 a ideia do projeto inicial era mantida, facto este que no espaço se veio a alterar. Em março de 1965 aparecem desenhos diferentes dos apresentados no anteprojeto, estes já compreendem o espaço do colégio.





**048. e 049.**  
Capela  
Convento de  
Gondomar, 2010



**050.**  
Capela  
Convento de  
Gondomar, 2010

**051.**  
Esquema - 3ª fase de  
construção  
Sala de entrada, sala  
de visitas, portaria e  
claustro  
Esc. 1/2000



**052.**  
Vista do claustro  
Convento de  
Gondomar, 2010

Segundo os únicos escritos de Távora para esta fase, a descrição dos primeiro e segundo pisos deste volume é a seguinte *“O edifício destinado a residência é construído em 5 pisos, sendo o 1º destinado a arrecadações. No 2º piso, à cota do futuro Claustro encontram-se uma sala para a comunidade, uma sala de trabalho, quartos, escritórios, arrecadações e instalações sanitárias. As comunicações verticais estão asseguradas por escadas e um ascensor.”*<sup>37</sup>

Apesar desta memória descritiva ser reportada a novembro de 1965, no mês de março deste mesmo ano, com base nos desenhos do colégio, o projeto já estaria concluído e a construção do mesmo ter-se-ia já iniciado. (ver anexo II)

Nos desenhos do segundo piso (ver anexo II), podemos verificar que o projeto inicial foi readaptado, procurando ajustar a antiga proposta dos quartos e escritório do convento, a salas de aula para as crianças e um gabinete de professores. Assim o que seriam no projeto inicial seis quartos com respetivas instalações sanitárias, dois escritórios, uma arrecadação e rouparia, viria a adaptar-se respetivamente a três salas de ensino primário, uma sala de professores (que veio ocupar um dos gabinetes), o segundo gabinete foi convertido em secretaria e a arrecadação transformada num espaço para instalações sanitárias. Outro dos espaços que existia neste piso era o da rouparia, que passou a ser ocupado por uma caixa de escadas de acesso independente ao colégio. Este elemento é perfeitamente justificável visto que a principal caixa de escadas, elemento de destaque quer no desenho quer a nível volumétrico neste corpo, limita o acesso às irmãs franciscanas, possibilitando o acesso às celas nos pisos superiores. (ver fig. 046.)

O primeiro piso deste volume sofreu também esta adaptação, no entanto não se realizaram tantas modificações, pois a sua função inicial era a de espaços de arrecadação. Estes espaços foram transformados em mais três salas de ensino infantil, mantendo igualmente um espaço de arrecadação e acrescentando instalações sanitárias, de acordo com as necessidades das crianças. Foram também acrescentados a respetiva caixa de escadas e um espaço de vestiário, que hoje tem apenas a função de átrio, pontuado com algum mobiliário (pequenos bancos). (ver fig. 047.) Estes elementos são desenhados pelo próprio Fernando Távora, assim como alguns dos armários/cacifos presentes nos corredores.

---

37 TÁVORA, Fernando. I FRANCISCANAS DE CALAIS – CONVENTO, 2ªFase – Memória Descritiva e Justificativa. Porto, 10 de novembro de 1965. Arquivo, Fundação Instituto Arquiteto José Marques da Silva (FIMS)



**053.**  
Fachada do volume  
poente



**054.**  
Sala de aula Externato  
Santa Margarida



**055.**  
Corredor de acesso às  
salas de aula



**056.**  
Sala de informática

O outro corpo definido nesta fase de construção corresponde aos serviços e desenvolve-se em dois pisos, um dos quais funciona como cave. No primeiro piso deste corpo situam-se a lavandaria que usufrui de iluminação natural, concedida por lanternins e por aberturas numa das fachadas, que permitem também uma melhor ventilação do espaço. No piso 2 é onde se podem encontrar o refeitório, a cozinha, despensas, rouparia e arrecadações. A comunicação vertical é realizada através de uma caixa de escadas e um monta-cargas que assegura os serviços de lavandaria e rouparia.

Os materiais utilizados são, na sua maioria, o reboco nas paredes divisórias, com exceção do envasamento em granito aparente da fachada, mantendo assim a mesma lógica do volume da residência. As instalações sanitárias seguem também a mesma linguagem, com lambris de azulejo com 2m de altura. Em relação aos pavimentos são em betonilha no primeiro piso, com exceção da lavandaria em mosaico cerâmico, também aplicado nos pisos superiores, onde também se pode encontrar o taco. As carpintarias interiores e exteriores seguem o mesmo esquema do primeiro piso.

### | 3ª Fase (1969-1971)

A terceira e última fase de construção do edifício desenvolve-se a partir de 1969 e vem completar o conjunto edificado, que em conjugação com os dois volumes construídos anteriormente vão definir o claustro, elemento central da composição. (ver fig. 051)

*“O claustro funciona como zona de distribuição dos percursos principais e como zona de estar e de convívio.”<sup>38</sup>*

Da primeira parte desta 3ª fase fazem parte o vestíbulo, a sala de entrada, a sala de visitas e a portaria. A segunda parte é constituída pelo vestíbulo da capela e capela com coro (ver fig. 048., 049. e 050.), com os respetivos anexos – sacristia e sala. (ver fig. 051.)

Numa terceira parte são realizados os anexos da capela destinados ao claustro e refeitório e sob a sala polivalente situam-se duas salas para o ensino de catequese, devidamente equipadas com instalações sanitárias e vestiário.

---

38 TÁVORA, Fernando. I FRANCISCANAS DE CALAIS – CONVENTO, 3ª Fase – Memória Descritiva e Justificativa; Porto, 15 de janeiro de 1969. Arquivo, Fundação Instituto Arquiteto José Marques da Silva (FIMS)





**057.**  
Espaços exteriores  
para utilização do  
colégio

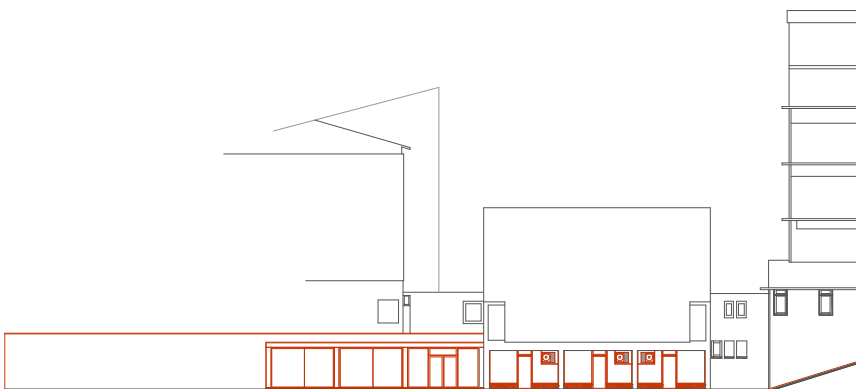


**058.**  
Pavilhão

**059.**  
Espaços exteriores



**060.**  
Ligação do colégio ao  
pavilhão



**061.**  
Ligação do colégio ao  
pavilhão  
1/500

Em relação aos materiais, tal como nas fases anteriores, o edifício é construído com uma estrutura mista de alvenaria de granito e betão. As lajes dos pavimentos e cobertura são também em betão, revestidos respetivamente por tijoleiras e telha. “As paredes exteriores terão um envasamento em cantaria de granito a pico fino, sendo os parâmetros restantes rebocados e pintados.”<sup>39</sup>

As divisões interiores mantêm-se em tijolo e as caixilharias em madeira de sicupira. Para acabamentos são utilizados o taco, essencialmente nas zonas das celas, o mosaico e granito em pavimentos.

### 3.2 | ANÁLISE E CRÍTICA DAS ALTERAÇÕES SOFRIDAS NO EDIFÍCIO E RESPECTIVA ENVOLVENTE

#### | Consequências da adaptação do convento - colégio

Após a análise da 2ª fase de construção depreende-se que para se conseguir a adaptação de espaços do convento ao colégio, foi necessário efetuar um redimensionamento de espaços interiores, tal como uma alteração significativa na fachada do edifício. Uma operação complexa e que veio “danificar” de certa forma a lógica conjunta existente no projeto original. (ver fig. 053.)

Devido a estas adaptações os espaços interiores foram alterados, quebrando-se a continuidade que existiria entre os pisos superiores e a métrica semelhante em todos os pisos.

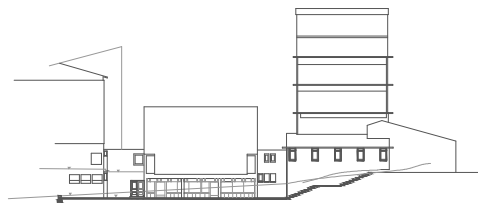
Para além destes aspetos direcionados para a vertente arquitetónica, existe uma vertente de vivência do espaço que se encontra muito presente e que está diretamente relacionado com a adaptação dos espaços para crianças. Este fator é de grande relevância já que o edifício estava inicialmente direcionado para o usufruto da comunidade franciscana e de vivência em comunidade, voltando-se para o interior do edifício (vertente espiritual), tal como toda a lógica do conjunto, sendo transformado num espaço com um uso muito distinto e que não se adapta ao caráter do edifício original. As crianças precisam de um espaço mais aberto e amplo que lhes permita ter um contacto mais direto com o exterior. Estas salas de aula acabaram por se transformar em espaços muito fechados, com pouca relação com o exterior, devido também à aplicação de gradeamentos nas janelas.

---

39 TÁVORA, Fernando. I FRANCISCANAS DE CALAIS – CONVENTO, 3ª Fase – Memória Descritiva e Justificativa; Porto, 15 de janeiro de 1969. Arquivo, Fundação Instituto Arquiteto José Marques da Silva (FIMS)

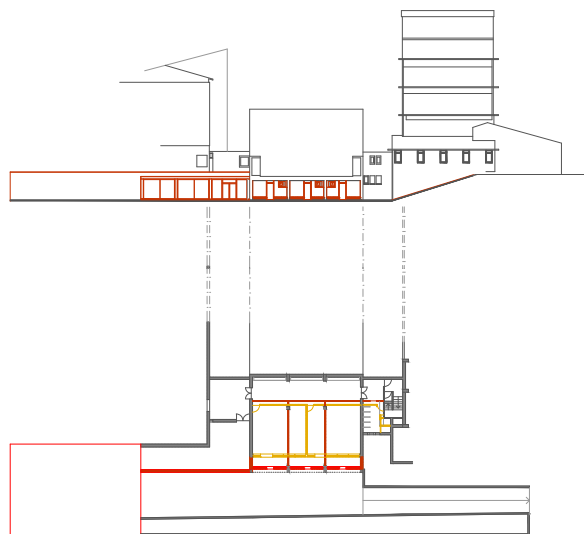


**062. e 063.**  
Imagens aéreas -  
espaços exteriores



**064. e 065.**  
Parque infantil

**066.**  
Corte pelo terreno -  
anterior à adaptação a  
colégio  
Esc. 1/1000



**067.**  
Corte pelo terreno -  
atual  
Esc. 1/1000

— Demolições  
— Construção atual

**068.**  
Planta atual  
Esc. 1/1000

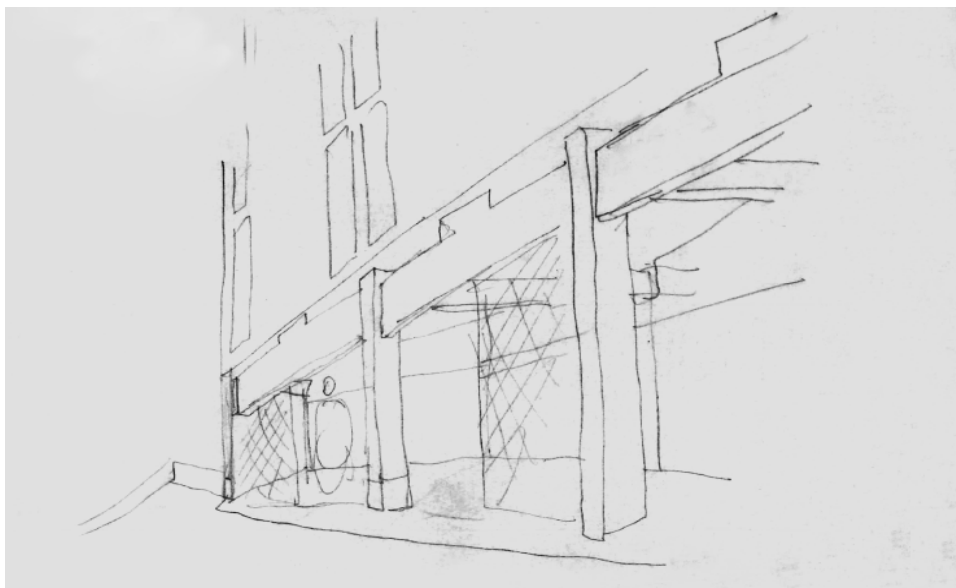


Outro dos aspetos a referir nestas alterações é o facto de se terem refletido na composição que existia da fachada do edifício, deixando de ser possível uma grande interação entre o espaço interior e espaço exterior. As crianças permanecem “confinadas” a um espaço interior um pouco desadequado a este tipo de equipamento.

Devido a este facto, foram posteriormente construídos uma série de espaços exteriores, “anexos” ao convento, dos quais falar-se-á seguidamente.

Quando observamos pela primeira vez o edifício e a sua envolvente alguns dos elementos que ressaltam da composição são os ditos “anexos”, criados para usufruto das crianças do colégio. (ver fig. 056.) Elementos estes facilmente identificados no conjunto, mesmo sem existir qualquer noção arquitetónica por parte do observador ou qualquer conhecimento sobre o projeto original, pois estes não demonstram uma ligação com o edifício existente, transmitindo a ideia de que são elementos que foram “encostados” à obra inicial com o objetivo de tirarem algum benefício do espaço exterior e da ampla Quinta onde o edifício se insere. Fazem parte destes elementos um pavilhão gimnodesportivo, um parque infantil e um campo de jogos. O pavilhão está anexo ao volume situado a poente (ver fig. 057. e 058.), sendo possível aceder-se ao mesmo através de uma ligação criada especialmente para este propósito e que permite às crianças um acesso direto ao pavilhão e às áreas exteriores, sem ser necessário abandonarem o recinto do colégio/convento e sem se exporem às condições meteorológicas.

Este acesso é outro dos elementos que veio adulterar a composição existente. Devido à sua realização o jogo de cheios e vazios que existia no conjunto edificado foi quebrado. (ver fig. 059. e 060.) Precisamente neste ponto existia ainda uma porta de acesso, que apesar de ter sido obstruída seria a passagem que, segundo os desenhos de Távora, permitia o acesso principal ao colégio, este que atribuía algum sentido à reentrância existente naquele ponto e que faria parte do já mencionado jogo de cheios e vazios. Para além do fator compositivo, a lógica de alçado foi também alterada, sendo reformulado o alçado naquele ponto do edifício que em nada remete para o alçado original. Esta nova fachada possui grandes envidraçados, em que as caixilharias são fixas, contendo apenas uma porta por onde é realizada a saída das crianças no final de cada dia de escola. O alçado existente não teve qualquer influência na criação deste novo alçado, sendo criado apenas pelo ponto de vista funcional, com o objetivo de melhorar as necessidades do colégio. De facto, para as necessidades apresentadas, os



**069.**  
Esboço de espaços  
exteriores, 1961  
Fernando Távora



**070.**  
Volume a sul, anterior  
à adaptação do colégio.  
Convento de  
Gondomar

**071.**  
Volume a sul.  
Convento de  
Gondomar, 2013



**072.**  
Residência  
Convento de Gon-  
domar, 2013

envidraçados seriam a opção que melhor se adequava à situação, pois para além de permitirem o acesso às crianças possibilita também que estas ao atravessarem vão tendo gradualmente contacto com o exterior, até acederem ao espaço concreto.

Outro dos espaços acrescentados ao edifício principal é o parque infantil. Este é um espaço exterior que se encontra no seguimento do bloco do colégio (volume situado a poente), entre o pátio deste volume, que está a uma cota mais elevada no terreno e o pavilhão gimnodesportivo. (ver fig. 062. e 063.) Este espaço tem acesso também pela ligação referida anteriormente e é destinado a crianças do ensino pré-escolar. É um espaço em que o pavimento é apropriado para garantir a segurança das crianças destas idades, sendo composto por um granulado de borracha (EPDM), que proporciona ao espaço um maior conforto para as crianças. O recinto contém mobiliário infantil adequado a este tipo de espaço exterior. (ver fig. 064. e 065.)

A uma cota inferior encontra-se ainda uma pequena continuidade deste espaço infantil, seguido do campo de jogos. O acesso a esta cota é feito por intermédio de uma rampa situada junto ao muro do pátio que pertence ao desenho inicial do conjunto, permitindo que haja uma continuidade entre os dois espaços e que a transição entre os dois recintos – parque infantil e campo de jogos – seja feita de uma forma mais gradual. O campo de jogos é cercado por uma rede alta que impede a passagem das crianças para os campos de cultivo que predominam por toda a Quinta, tentando desta forma também preservar o espaço verde que envolve estes espaços infantis.

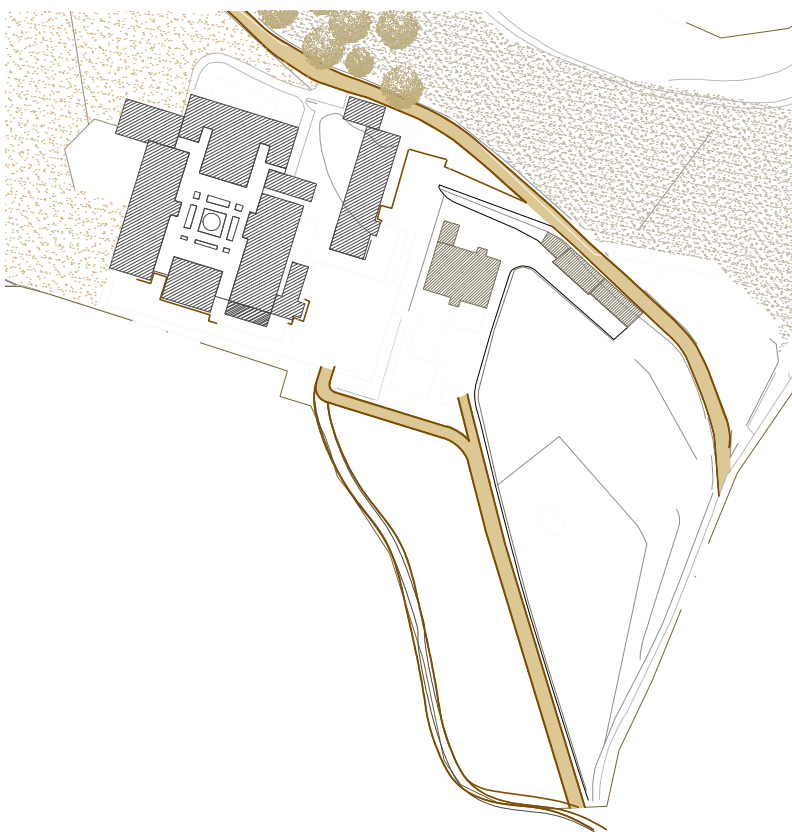
Para além destes espaços à cota baixa existe ainda um outro volume, que se situa junto ao pavilhão gimnodesportivo, que funciona como complemento (arrumo), onde se guarda todo o material que é utilizado nas atividades praticadas dentro e fora do pavilhão.

A intenção da criação destes espaços exteriores seria benéfica caso não perturbasse a lógica do projeto original. Neste caso a proposta dos espaços acaba por ser um pouco desadequada, visto não permitir que o edifício “respire”, não lhe conferindo a distância suficiente para que o mesmo possa ter simplesmente a mesma interação que teria outrora com o terreno. A relação espacial e de contacto com a natureza que existia entre o conjunto edificado e o terreno acaba por ser “cortada” aquando da implantação destes elementos.

Para além dos espaços implantados no exterior do edifício outros espaços foram alterados no volume da residência das comunidades (Poente),



**073.**  
Pátio de entrada.  
Convento de Gon-  
domar, 2013



**074.**  
Alteração das vias  
1/2000



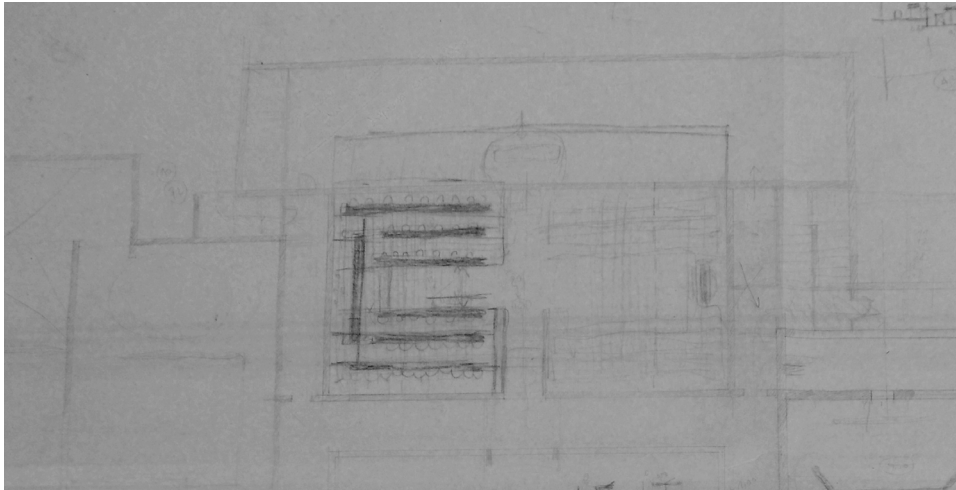
**075.**  
Vista de chegada ao  
Convento



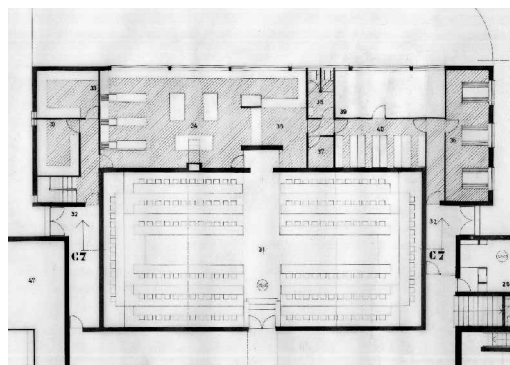
posteriormente à implantação do colégio. No volume junto à capela, constituído por uma sala polivalente no piso superior e no piso inferior por duas salas de ensino infantil, o piso alterado foi o inferior. (ver fig. 067. e 068.) As duas salas de aula passaram a três, subdividindo-se o espaço para um melhor aproveitamento do mesmo. Para além deste reaproveitamento de espaço as salas foram também aumentadas em comprimento, estendendo-se para o exterior do volume, como se pode constatar pelas imagens (ver fig. 070. e 071.). Este volume teria o piso superior saliente e era suportado por quatro pilares. As salas foram estendidas até aos pilares retirando assim, mais uma vez a intenção arquitetónica que era produzida com o balanço no volume, que reforçava o seu carácter e que se encaixava na leitura do conjunto, marcando o jogo de cheio/vazio que se verificava quer em planta, quer em alçado. Para além de se ter quebrado a composição, devido à modificação de duas para três salas, o próprio alçado foi redesenhado, mantendo-se o pequeno murete em granito que percorre todas as salas, sendo apenas interrompido onde se encontram as aberturas das salas. As caixilharias neste novo alçado são metálicas, diferenciando-se das caixilharias do restante volume. Também presentes no alçado são os sistemas de ventilação, que se encontram suspensos no exterior de cada uma das salas de aula. Cada sala possui uma porta de acesso ao exterior, permitindo uma maior relação entre os dois espaços: o interior sendo um espaço mais direcionado para aprendizagem e o espaço exterior que é um espaço de maior liberdade. (ver fig. 067 e 068.) Apesar das alterações realizadas ao projeto inicial, consegue retirar-se um elemento positivo sendo que, comparativamente às salas de aula que o autor havia projetado para o volume a poente, estas parecem ter uma continuidade para o exterior. Com isto apercebemo-nos que estas salas foram pensadas posteriormente à obra de Távora e que o autor optou por garantir um espaço adequado para estas crianças, em vez de respeitar os limites que o edifício lhe conferia.

Para o piso superior, que corresponde à área destas salas, Távora previa um espaço de ginásio. Contudo, devido ao facto de ter sido criado um pavilhão gimnodesportivo exterior ao convento a área prevista por Távora para o efeito foi ocupada por uma sala polivalente, onde decorrem atividades extracurriculares.

Observando novamente o terreno é possível identificar outra alteração significativa na envolvente próxima ao convento, os acessos.



**076.**  
Esquisso Fernando  
Távora



**077.**  
Planta refeitório  
Esc. 1/500



**078.**  
Volume S. Francisco

Um dos acessos fazia a ligação da única construção existente no terreno anteriormente à construção do Convento à estrada municipal.

*“Junto ao local existe uma construção, antiga residência, que pensa adaptar-se, em fase posterior, para instalação complementar, e cujo acesso é constituído por um caminho de traçado recto e de mau perfil longitudinal que liga a casa à Estrada Municipal”*<sup>40</sup>

Apesar deste acesso, Távora projeta um novo, independente deste, que liga o convento à estrada principal. Este acesso confluía num grande pátio que fazia a receção ao Convento. ( ver fig. 073.) Este enquadramento de chegada ao amplo pátio que marca a entrada do edifício é anulado quando, anos mais tarde, se unem os dois acessos. A união destes dois percursos deve-se ao facto de a congregação tomar posse da antiga residência para a utilizar como instalação complementar.

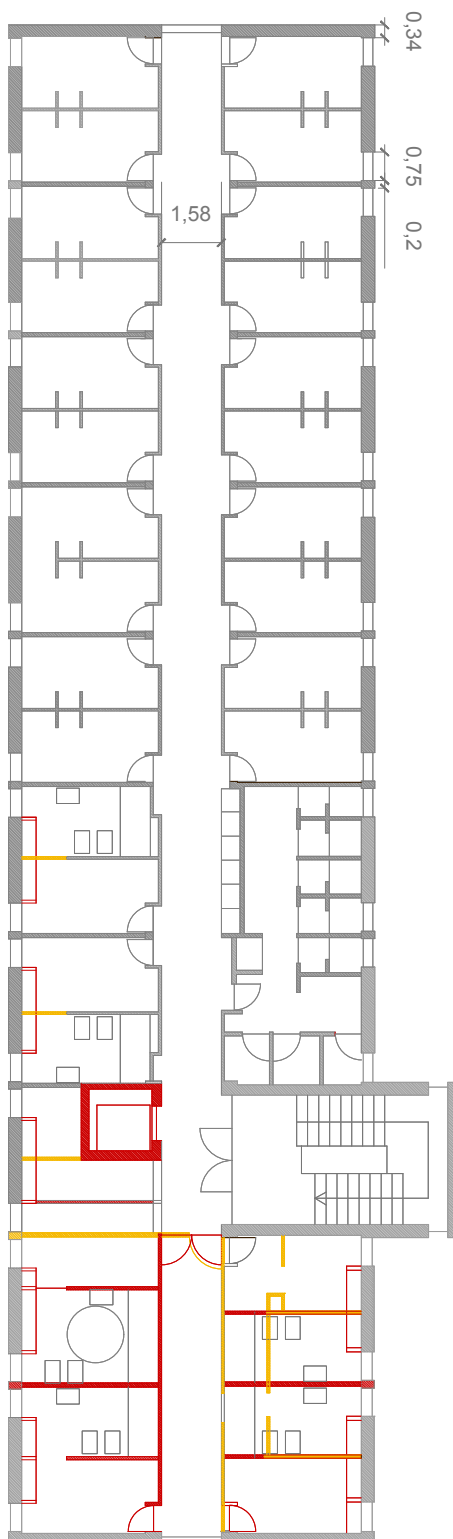
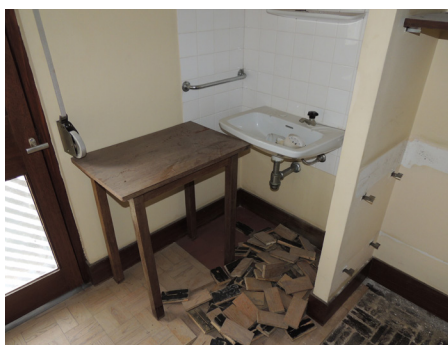
Esta “união” veio anular o acesso que Fernando Távora havia projetado, mantendo-se a ligação pré-existente e procurando manter a mesma lógica de chegada ao pátio. (ver fig. 074.) Este acesso passou a ser um caminho muito mais largo que o acesso existente, pois foi também pensado para conseguir suportar a mobilidade automóvel. Devido ao automóvel foi também agregado a este acesso um parque de estacionamento, pensado essencialmente para os encarregados e professores que acedem ao colégio.

No entanto, a ideia inicial de Távora não se conseguiu manter. Todo o estreito percurso que quase se desenhava por si, surgindo pela delimitação dos campos agrícolas que se tornava num caminho que irrompia de forma natural pelo terreno, confluindo num amplo espaço de chegada, transformou-se num acesso rígido, de mau perfil que a certo ponto se divide em dois caminhos – o de acesso à residência e outro que continua até ao convento. Quando chegamos ao pátio de receção do edifício deparamo-nos com uma espécie de “rotunda” com um pequeno lago, que anula por completo o enquadramento e composição que reforçava a zona de entrada do edifício. (ver fig. 075.) Apesar de ter sido criado um parque automóvel que antecede a chegada ao edifício, os visitantes e as pessoas que frequentam diariamente o convento/colégio, levam os seus automóveis até à zona de entrada, utilizando o lago que assume uma posição central no pátio

---

40 TÁVORA, Fernando. I FRANCISCANAS DE CALAIS – CONVENTO, Ante-Projeto – Memória Descritiva; Porto, outubro de 1961. Arquivo, Fundação Instituto Arquiteto José Marques da Silva (FIMS)





**079.**  
Interior da cela -  
Gaveta desenhada por  
Távora

**080.**  
Interior da cela - Zona  
de lavatório

**081.**  
Interior da cela - visão  
geral

— Demolições  
— Reabilitação/  
Construção atual

**082.**  
Planta com indicação  
da secção a reabilitar  
Esc. 1/200

como “rotunda” e efetuam o estacionamento das viaturas junto à entrada principal do edifício.

Voltando a observar o interior do convento, podemos verificar que outro dos volumes que sofreu alterações devido à abertura do colégio foi o refeitório. Tratando-se de um colégio que compreende dois níveis de ensino, pré-escolar e primeiro ciclo de ensino básico, há a necessidade de se ter um espaço para refeições. Como tal, não existindo outra área disponível que responda às necessidades impostas, adapta-se o refeitório pertencente às Irmãs Franciscanas, ao colégio.

Assim sendo, o projeto que existia inicialmente para o refeitório do convento, é também alterado. Ao observarmos a planta do anteprojeto que data de 1961 (ver fig. 077.) verificamos que se trata de um espaço organizado por patamares, ou seja, o espaço é organizado em degraus que nos conduzem a uma cota inferior à da entrada, em que todas as mesas do refeitório eram dispostas em diferentes níveis confluindo num espaço central, como se de um auditório se tratasse. “... *com disposição concêntrica de mesas colocadas a vários níveis e com um jogo movimentado de tectos e entradas de luz zenital.*”<sup>41</sup>

Este espaço de elevado interesse arquitetónico, devido à ocupação por crianças foi modificado. O refeitório foi nivelado, perdendo o caráter de “balcão” que o diferenciava dos restantes espaços. Para as irmãs permanecerem com o seu espaço privado, também utilizado para momentos de introspeção e orações durante as refeições, acabou por ser também dividido, separado por uma espécie de “biombo” em madeira que percorre todo comprimento da sala, fechado na parte superior (acima da trave de betão até à cobertura) por um grande envidraçado. No entanto, apesar de esta divisão separar fisicamente as irmãs das crianças, a nível de isolamento sonoro não se verificou tanto sucesso visto que é ainda possível ouvir-se os ruídos de um lado para o outro desta “barreira”.

As alterações sofridas no espaço de refeitório englobaram também a alteração dos materiais, como o pavimento e os azulejos que fazem o lambrim de todo o espaço. O pavimento que anteriormente seria o mesmo que o do claustro, mosaico cerâmico avermelhado e que permitia que existisse uma continuidade entre os espaços, foi alterado, dando lugar a um pavimento cerâmico espelhado de tons preto e castanho, que em nada se assemelham ao pré-existente. Os azule-

---

41 Boletim - Movimento de Renovação da Arte Religiosa. dezembro, 1961.



**083.**  
Edifício S. Francisco - piso de entrada  
- anterior às obras de reabilitação



**084.**  
Edifício S. Francisco - janela sala polivalente  
- no decorrer das obras de reabilitação



**085.**  
Edifício S. Francisco - caixilharia porta de correr - no decorrer das obras de reabilitação

**086.**  
Edifício S. Francisco - piso de entrada - no decorrer das obras de reabilitação

jos que revestem as paredes e que também seguiam o mesmo padrão dos aplicados no claustro foram também alterados para outros de cor e padrão diferentes.

### 3.3 | A NOVA OBRA: VOLUME S. FRANCISCO

O volume ocupado pelo Noviciado, conhecido por volume de S. Francisco, em homenagem a *Francisco de Assis* <sup>42</sup>, é também o primeiro volume a ser construído. (ver fig. 078.)

Este corpo inicialmente, tal como já referido, era constituído por quatro pisos: cave (com alambique, lagares, adega e celeiro); 2º piso constituído por um pequeno oratório, um escritório, um gabinete médico, duas salas de aula, sala de costura e sala de noviciado; os terceiro e quarto pisos são constituídos pelas celas e respetivas instalações sanitárias.

Esta descrição faz parte do projeto inicial para este volume, que mais tarde e com a inserção do colégio é alterado: o segundo piso passou também a ser ocupado pelas crianças do colégio.

Com a apropriação da residência pré-existente no terreno para usufruto do Convento, as Irmãs Noviças que se encontravam no volume de S. Francisco instalaram-se na antiga residência, que passa desde então a designar-se por “Casa de Formação Noviciado”, libertando dois pisos no antigo volume.

Com dois pisos livres correspondentes às celas das Noviças, foi solicitado um projeto para serem efetuadas alterações/adaptações com o objetivo de se poder utilizar o espaço para albergar peregrinos que anualmente se deslocam ao Convento.

Atualmente está em desenvolvimento uma obra, solicitada pela Congregação para acolher os viajantes. Desta obra fazem parte uma série de alterações, das quais as mais significativas se centram nas próprias celas. As celas com dimensões apropriadas apenas para o descanso das irmãs (aprox. 3.60m x 1.90m), permitem integrar no seu interior pouco mobiliário: uma cama, um pequeno armário/gaveta e um lavatório. Este mobiliário é pensado ao pormenor para se adaptar às dimensões da cela: a cama é encostada lateralmente à parede da cela e o seu comprimento é interrompido pela introdução de um armário; este é ladeado por duas paredes que não tem

---

<sup>42</sup> Francisco de Assis – Frade católico italiano.



**087.**  
Edifício S. Francisco -  
corredor de acesso às  
celas (1º piso)



**088.**  
Edifício S. Francisco  
- encontro da parede  
com laje superior  
(1º piso)



continuidade até à laje superior, mas terminam à altura da porta de entrada. Depois do armário até à parede de fundo da cela, existe apenas um pequeno lavatório.

Devido à pequena dimensão das celas, mas tendo também em conta que os peregrinos precisam apenas de um espaço para repouso, as adaptações a serem feitas correspondem ao lado mais a sul do volume, as restantes celas permanecem da mesma forma. (ver fig. 082.)

A principal alteração que afetará todos os pisos deste volume é a inserção de um elevador, cujo objetivo é o de possibilitar o acesso aos pisos superiores de visitantes que possam ter dificuldades motoras e situar-se-á em frente à caixa de escadas. Com este elevador as duas celas que se encontravam em frente à caixa de escadas são consequentemente alteradas e o espaço restante, na parte de trás do elevador servirá apenas como espaço/galeria técnica. Esta galeria para além da maquinaria do próprio elevador permitirá também para passar toda a espécie de cablagem correspondente a águas, iluminação, sistemas de dados e telecomunicações. Inicialmente o único sistema existente no Convento era o de água fria. Para proporcionar o mínimo de condições ao acolhimento destes peregrinos, é necessário proceder-se à respetiva adaptação para água quente.

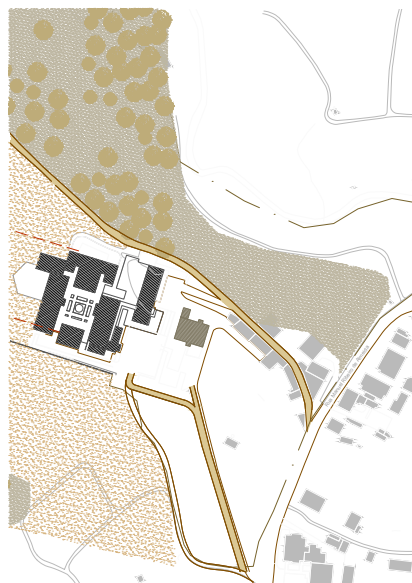
As restantes celas desta parte do edifício serão adaptadas para quartos duplos, genericamente a área correspondente a quatro celas passa a funcionar como dois quartos duplos (com wc.), um dos quartos é adaptado também para visitantes com deficiência, contendo as dimensões adequadas para a entrada e espaço de manobra da cadeira de rodas.

No extremo do edifício existirá igualmente esta adaptação no espaço que era ocupado por uma cozinha/copa com sala de refeições. O motivo desta cozinha ser “exclusiva” do volume das Noviças prende-se com o facto de este ser separado do restante conjunto, o que é propositado. Esta clausura faz parte da formação e aprendizagem destas futuras irmãs, com o objetivo de serem preparadas para a vida espiritual. Fernando Távora teve este ponto em consideração aquando do desenho deste volume, ligando-o ao restante conjunto edificado por apenas um corredor, que é o único ponto de ligação entre eles. Mais tarde quando desenha a copa neste mesmo volume tem como intenção separar as aprendizas das restantes irmãs que completam os seus afazeres no edifício principal, incluindo as refeições que são realizadas no refeitório principal situado mais a Norte de todo o conjunto.





**089.**  
Esquisso - primeiras  
propostas de alteração



**090.**  
Estacionamento  
Colégio

**091.**  
Novas vias. Com mar-  
cação da via desenhada  
por Távora

No que diz respeito a materiais a utilizar, o autor deste restauro tenta ao máximo respeitar os materiais pré-existentes.

Relativamente ao pavimento do piso de entrada, devido à elevada frequência de crianças nesta zona, encontra-se com maior desgaste e será substituído por um novo pavimento (ver fig. 086), devendo-se à impossibilidade de encontrar um pavimento semelhante ao utilizado originalmente. O restante que ainda se encontra em relativo bom estado de conservação será reutilizado para substituir algum do material danificado dos pisos acima, onde estarão localizados os quartos dos visitantes.

Em relação a caixilharias estas serão preservadas ao máximo, na tentativa de não danificar a madeira já um pouco desgastada pelo tempo, substituindo-se apenas nos quartos, por questões térmicas, os vidros originais por vidros duplos, sem grandes alterações na caixilharia, mantendo assim a sua estrutura original. (ver fig. 084. e 085.)

Depois de efetuada a visita a este volume do Convento pode constatar-se que algumas alterações já haviam sido feitas anteriormente a esta obra de reabilitação. Um dos elementos que ressalta da visita é o facto de se terem retirado as caixilharias que faziam a parte superior das divisões (laterais do corredor de acesso). Estas paredes, de acordo com o restante edifício, não deveriam ter continuidade até à laje superior, mas sim terem uma altura de aproximadamente 2.20m acompanhando a altura das portas de acesso aos mesmos e serem rematadas por uma caixilharia de madeira com um grande envidraçado. (ver fig. 088.)



**092.**  
Lago com inscrição da  
Congregação  
Franciscana

## 4 | PROPOSTAS DE PROJETO/ALTERAÇÃO

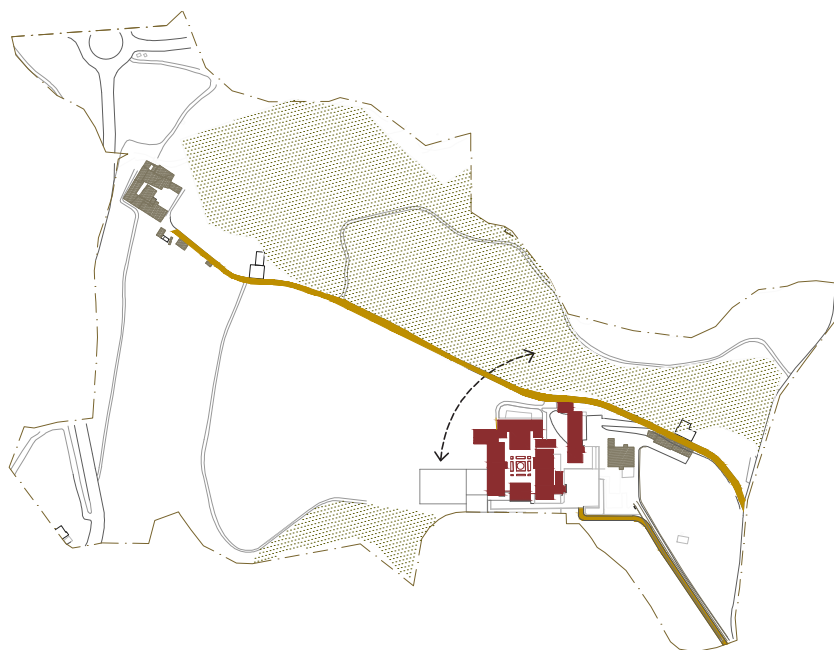
### 4.1 | PROPOSTAS DE ALTERAÇÃO/CORREÇÃO DE ALGUNS ELEMENTOS ALTERADOS AO LONGO DO TEMPO NO CONVENTO E ENVOLVENTE PRÓXIMA

Após uma primeira observação do território e do terreno onde se insere o Convento, o que desperta a atenção do visitante são as alterações sofridas ao longo do tempo quer no conjunto edificado quer na sua envolvente e acessos. Todas as alterações que o terreno e o próprio convento sofreram ao longo do tempo saltam à vista e apercebemo-nos que haveria elementos que não seriam propostos por Távora. Como se observa no caso do estacionamento que é criado antes da chegada ao edifício e que vem “cortar” a continuidade do caminho que dá acesso ao convento; ou o caso da, também já referida anteriormente, “rotunda” que é perceptível logo na chegada ao edifício e que interrompe a ideia de possível “átrio” exterior que faria a receção ao edifício. As restantes alterações, mais evidentes e que estão à vista de qualquer observador, são os “acrescentos” que são feitos ao conjunto edificado, mais propriamente junto ao volume onde está inserido o colégio, que se proporcionaram devido à necessidade de se criarem mais instalações para consequente aproveitamento do colégio.

Assim sendo, a partir desta primeira análise surge a ideia de recuperar/reabilitar algumas destas situações desenvolvidas ao longo do tempo e que acabaram por desvirtuar um edifício que se distinguia pela sua simplicidade formal. (ver fig. 089.) Dentro destas alterações pondera-se a realização de um projeto de reabilitação paisagística, repondo também o que se alterou nas redondezas com o passar do tempo.

Observando estas questões de envolvente ao terreno, pondera-se retomar o caminho traçado inicialmente por Távora, que faria todo o sentido ser um percurso único, tendo em conta que o caminho presente no terreno anteriormente à construção do convento era acesso privado à residência aí existente. (ver fig. 090.)





**093.**  
1ª Proposta de  
localização  
Esc. 1/5000



**094. e 095.**  
Área a norte do  
Convento

e 091) Contudo, este pensamento cai por terra quando nos apercebemos de que o facto de as irmãs terem unido os dois acessos se deve à junção da residência com o Convento, passando esta a integrar também a Congregação das Irmãs Franciscanas. Este facto já teria sido previsto por Távora aquando da elaboração do Ante-Projeto em 1961.

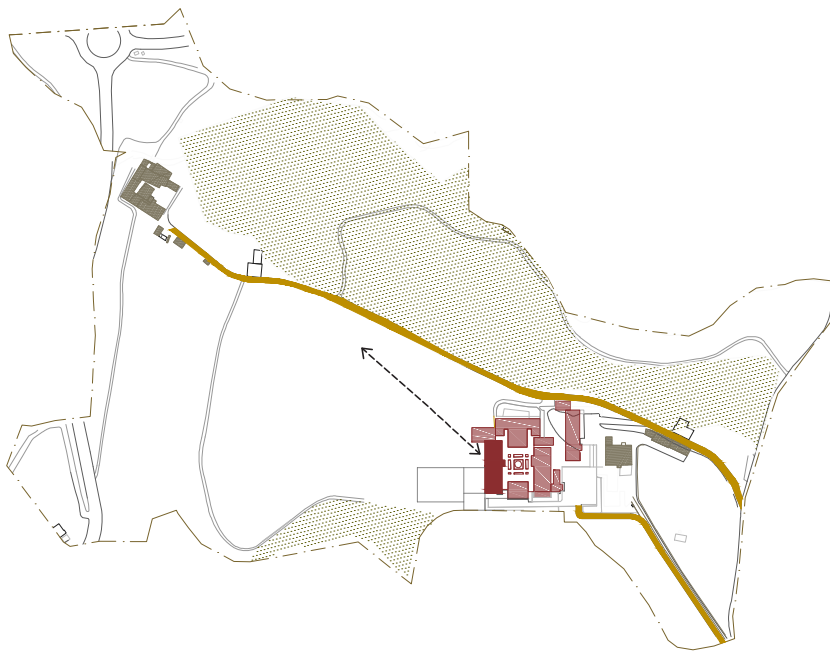
Todavia, esta opção de se terem convertido os dois acessos num só, não parece a mais apropriada, pois o traçado que se encontrava no terreno inicialmente, e que faria o acesso à residência era apenas a solução mais lógica a ser adotada na época (antes de 1961) para permitir o rápido acesso à residência, sem dificultar a ligação a partir da estrada principal. O próprio Távora tendo conhecimento de que a residência passaria a propriedade da Congregação, aquando da elaboração da proposta para o Convento optou por não o fazer e desenhar o seu próprio percurso até ao edifício, o que nos leva a pensar que ele mesmo não estaria de acordo com esta união.

Relativamente à forma circular construída no centro do amplo espaço que faz a receção ao edifício conventual, a forma mais simples seria removê-la, visto ser um elemento que não trouxe nada de benéfico para o rosto do convento. (ver fig.092.)Acaba por ser apenas uma forma de “publicitar” a Congregação Franciscana, sendo comprovado quando observamos o que se encontra inscrito neste ponto, onde se pode ler “Franciscanas Missionárias de Nossa Senhora – Franciscanas de Calais”. A Congregação aproveitando este espaço que marca a entrada principal do edifício, quis deixar a sua marca para que o visitante possa rapidamente tomar conhecimento da sua presença naquele local, terminando apenas por ser mais um elemento perturbador na leitura do conjunto.

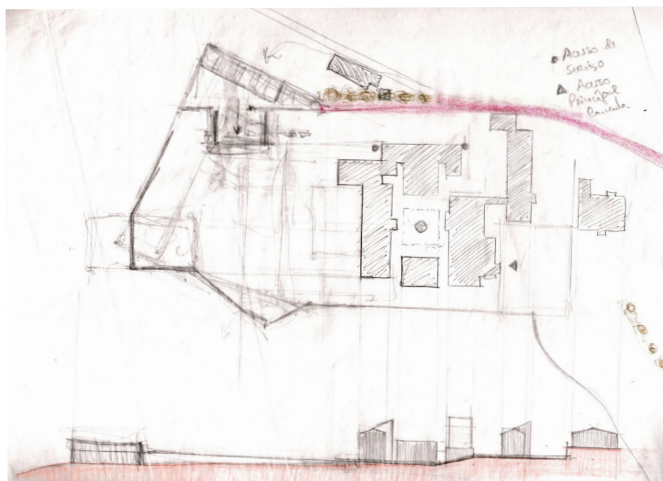
Em relação aos acrescentos realizados junto ao volume onde se encontra o colégio (volume a poente), que congrega um pavilhão gimnodesportivo, um parque infantil e um campo de jogos, a proposta consistiria inicialmente numa realocação destes dentro do mesmo terreno, facilitando o acesso às crianças, principais utilizadoras destes espaços.

A partir deste ponto inicia-se uma procura para a melhor localização destes elementos, tentando não recorrer ao mais óbvio, que seria o que se encontra no local até ao momento: agregar os elementos ao volume onde se encontra o colégio.





**096.**  
2ª Proposta de  
localização  
Esc. 1/5000



**097. e 098.**  
Esquissos - primeiras  
propostas  
relocalização do Con-  
vento

Assim, durante o estudo das diferentes localizações possíveis para estes elementos, tenta-se que estes mantenham um certo afastamento da restante volumetria, respeitando assim o conjunto edificado existente.

A primeira localização a ser pensada foi mais a norte do convento (ver fig. 093.), tentando retirar proveito de um local que era desperdiçado e continha algum mobiliário exterior disperso, como mesas e bancos em pedra (ver fig. 094), apercebendo-nos também que possui algum mobiliário infantil disperso (ver fig. 095.), transmitindo a ideia de que poderia ter existido um primeiro parque infantil naquela zona. De facto, analisando o espaço, por ser uma zona recatada com alguma sombra proporcionada pela arborização que marca esta zona do terreno (Nordeste), e que mantém alguma distância do restante conjunto edificado, torna-se um local favorável à instalação de um espaço infantil. O problema da instalação dos espaços infantis neste local seria mesmo a nível de acesso. As crianças teriam de fazer um grande trajeto desde a saída do recinto do colégio até ao local de implantação, para além de que também seria complicado para as educadoras conseguirem manter a vigilância, devido ao caminho agrícola que atravessa o terreno e que passa mesmo junto a este local, esta torna-se numa zona de passagem de máquinas agrícolas e de automóveis, pelo que não seria o local mais apropriado para a permanência destas crianças, no que diz respeito à segurança das mesmas.

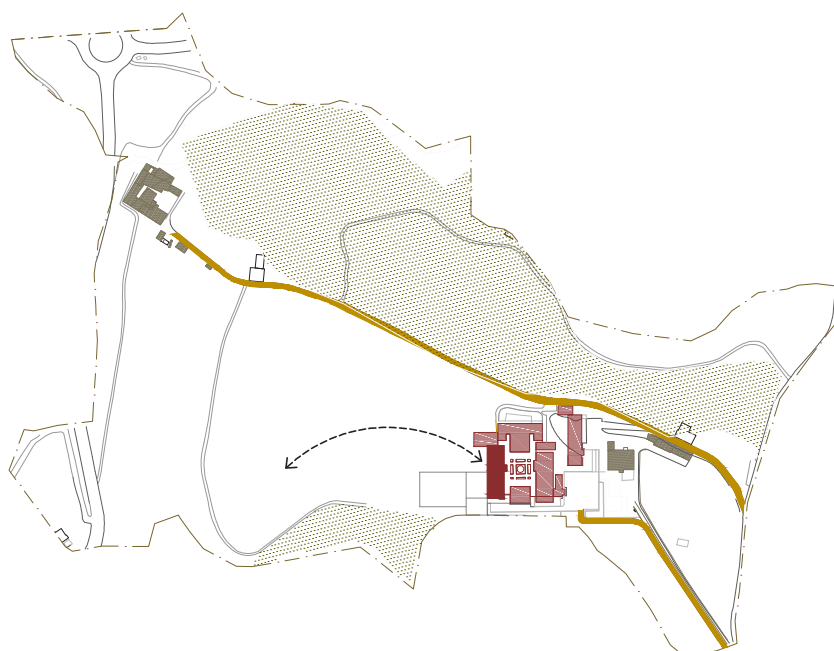
Após estas conclusões, a ideia de situar os recintos nesta zona trouxe outras interrogações... Seria suficiente questionar apenas só estas alterações? Seria bom repensar a própria inserção do colégio no interior do Convento?!

Estas questões levaram a uma extensão da linha de pensamento inicial, ponderando a elaboração de um projeto para um novo colégio.

As duas funções – colégio e convento – tendo em consideração que se trata de instituições de carácter e usos distintos, permanecerem num mesmo edifício tornam a sua convivência complicada.

Assim sendo, iniciou-se um estudo/análise para a descoberta da melhor localização para o novo edifício do colégio.

A primeira opção passou por, se a finalidade seria a de alterar a sua localização, porque não alterar também o acesso ao mesmo?! Passando a ser edifícios independentes não faria sentido terem o mesmo acesso, tendo em conta principalmente que até agora o facto de se utilizar o mesmo acesso para os dois não ajudou ao bom funcionamento do conjunto e ainda trouxe consigo outros



**099.**  
3ª e 4ª propostas de  
localização  
Esc. 1/5000



**100.**  
Inserção do volume no  
terreno  
(sem escala)

problemas. Estes prendem-se sobretudo com o facto de os pais das crianças, para as levarem e irem buscar ao colégio, acabam por tentar uma maior aproximação com o seu automóvel da entrada, para que estas não precisem fazer uma longa deslocação até à entrada do colégio.

Távora quando pensou no projeto para um edifício desta natureza, não pensou que o acesso tivesse tanta afluência de visitantes, mas baseou-se num edifício com um carácter mais intrínseco, em que as pessoas que nele habitam não têm a necessidade de entrar e sair constantemente.

Devido um pouco a este facto e a esta alteração de carácter do edifício criaram-se espaços como o parque de estacionamento, localizado antes da chegada ao largo de entrada do edifício. Para além deste os pais das crianças e as próprias educadoras acabam por levar os seus automóveis mesmo à entrada do convento, tornando o espaço de entrada num espaço para aparcamento automóvel.

Consequentemente, o facto da entrada do “novo” colégio ser realizada pelo mesmo acesso que o convento, começa a ser questionado. A tentativa passava por este acesso ser realizado pelo caminho agrícola que atravessa toda a propriedade mais a norte do conjunto, e que aliás já é utilizado por alguns pais que vão levar e buscar os seus filhos ao colégio, usando o acesso principal apenas no caminho de retorno. (ver fig. 096.) Esta apesar de secundária é uma via muito presente no terreno, com um traçado um pouco irregular, permite igualmente responder às necessidades que o terreno lhe impõe. É claro que, para ser possível efetuar o acesso ao colégio por este estreito caminho teria de se reformular o acesso, dar-lhe um pouco mais de expressão, largura, para poder aguentar a carga de um acesso principal e não um simples caminho agrícola.

Depois de se concluir que o acesso ao “novo” colégio se deveria efetuar, de facto, por este caminho a nordeste do edifício, chega a altura de pensar no ponto central de toda esta questão: a implantação do colégio.

Nesta altura começam a surgir as próximas dúvidas... Se o acesso ao novo edifício se iria realizar pelo caminho já mencionado, o mais lógico seria que o próprio volume edificado se localizasse junto a este percurso, não sendo necessário fazer-se um grande desvio deste trajeto para se chegar finalmente à entrada do mesmo. As primeiras tentativas de implantação passam precisamente por uma abordagem junto a este acesso (ver fig. 096., 097. e 098), mas sem qualquer



**101.**  
Vista do terreno de  
poente para nascente

sucesso devido a vários fatores: o primeiro prende-se com o facto de a implantação ficar muito próxima do convento, entrando num conflito volumétrico com o mesmo. A solução teria de se distanciar um pouco mais do restante conjunto, para possibilitar a este novo edifício uma maior liberdade formal, que não se prendesse com o existente, permitindo também que através de uma nova linguagem formal se adequasse mais à vivência de colégio; por outro lado este novo volume aproximar-se-ia muito do acesso, que iria continuar a ser uma ligação aos espaços agrícolas situados a poente do terreno, e por onde iriam passar máquinas agrícolas que perturbariam o normal funcionamento do colégio.

Continuando com a procura de uma melhor localização na propriedade, tendo em conta também o posicionamento do convento, seguiu-se o muro que faz a delimitação da Quinta a sudoeste, que conduziu a uma zona acomodada por uma grande área arborizada situada a poente do terreno e que constitui uma parte do terreno mais afastada do edifício principal. (ver fig. 099. e 100.)

Depois de encontrado o melhor local para a implantação, tem de se pensar na volumetria do edifício. Tendo em conta que se estuda um terreno em que já existe um edifício dotado de grande valor arquitetónico, torna-se muito complicado pensar num outro edifício que à partida terá que se adaptar ao existente e respeitar sobretudo todo o seu espaço e inserção no território.

Assim sendo, a primeira decisão toma-se em relação à proposta de edificação - o novo edifício não poderia nunca estar à mesma cota que o convento - para respeitar a sua escala, o seu estado de conservação (conferindo-lhe o respetivo afastamento) e a sua localização. O objetivo seria que este novo volume se desenvolvesse a uma cota mais baixa para que mesmo, aquando da aproximação ao edifício conventual, não se destacasse, e se conseguisse preservar a imponência do convento no território. O novo edifício só seria visível para o visitante aquando da aproximação ao mesmo e após a passagem pelo convento.

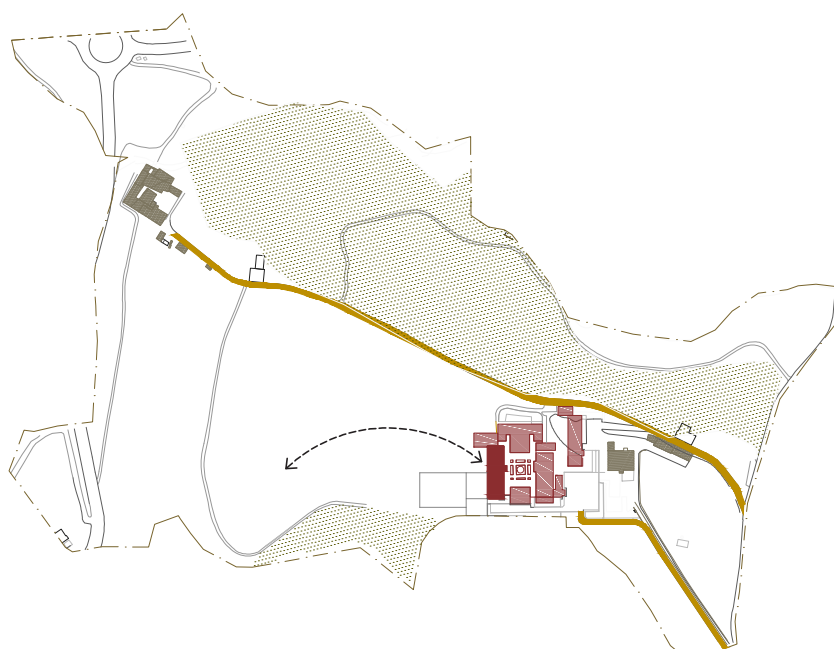
A volumetria deste volume é pensada primeiramente como um volume único, de um único piso, com introdução de dois pátios interiores, em que as suas funções seriam distribuídas em torno dos pátios. Os espaços interiores seriam os mesmos que os que existiam no convento mas pensados no contexto de colégio. (ver anexo II - 1ª proposta)

Como este volume seria apenas de um piso, faria com que a área abrangida tomasse proporções exageradas em relação à de ocupação do convento,





**102.**  
Volume a ponte, onde  
se insere o colégio



**103.**  
4ª Proposta de  
localização  
Esc. 1/5000

optando-se por distribuir as funções por dois pisos (ver anexo II - 2ª proposta), sendo que esta opção iria acarretar outros problemas. Sendo este um edifício direcionado para crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 10 anos de idade, o acesso vertical não poderia ser realizado através de escadas, sendo a rampa a melhor opção para se efetuar a transição entre pisos. Com a redução da área de ocupação do volume já não seria possível continuar com dois pátios interiores, pelo que de dois pátios passaram a um. A distribuição em dois pisos iria fazer com que o pátio interior tivesse um pé direito exagerado e se transformasse numa espécie de “saguão” pois este espaço só seria acessível pelo piso inferior, levando a que as crianças do piso superior ficassem “enclausuradas”, não tendo qualquer contacto com o exterior a não ser pela janela.

Este fator fez com que a ideia de realizar este volume tão virado para si fosse repensada, pois lembrava um pouco a ideia de convento, o que não poderia acontecer neste edifício, visto que as necessidades dos seus ocupantes são diferentes, e é necessária uma maior abertura ao espaço exterior, pelo que confiná-las aquele espaço só iria fazer com estas se sentissem “presas”.

As últimas tentativas para manter este volume edificado passaram para o desenvolvimento de todo o edifício num piso só, enterrando as funções de serviços e trazendo para a face do edifício as principais funções, como é o caso das salas de aula. (ver anexo II - 3ª e 4ª propostas)

A parte central do edifício passou a ser composta por dois pátios um descoberto e outro coberto. O pátio coberto encontrar-se-ia na continuidade do pátio central, mas teria a cobertura de uma pala que faria parte da restante cobertura do edifício. O acesso ao edifício seria feito precisamente pelo caminho que atravessa a propriedade, do qual arrancava um acesso secundário que se iria enterrando no terreno até penetrar no edifício. Este acesso seria mais discreto comparativamente ao volume do edifício.

Todas estas hipóteses de projeto são postas em causa no momento em que se começa a questionar sobre o que sucederia aos espaços ocupados pelo colégio no interior do convento... Poder-se-ia pura e simplesmente usar o projeto original de Távora (do qual existem desenhos) e ocupar estes espaços com os que eram propostos inicialmente. Mas seria plausível ocupar um espaço que à partida a Congregação já teria “dispensado”? Quando neste preciso momento estão a ser realizadas obras de reabilitação para um dos volumes, com o objetivo



**104.**  
Antiga entrada do  
colégio



**105. e 106.**  
Atual entrada/saída do  
colégio

de ser ocupado com outras funções que não as de convento?! (Referindo-nos ao volume de S. Francisco no qual e como já referido anteriormente, estão a ser realizadas obras para o acolhimento de peregrinos), acabaria por ser mais um espaço que deixaria de ser ocupado pelas irmãs Franciscanas.

Tendo em conta estes fatores, este novo projeto acabaria por não ser benéfico, pois iria contribuir para que mais um espaço do convento fosse desocupado.

Observando por outro prisma, o colégio acabou por trazer uma vivência diferente às irmãs, tornando-se numa nova experiência à vida da Congregação, contribuindo para que os dias destas irmãs sejam constantes desafios e que possam também contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Acaba por ser uma troca de experiência mútua a que as diferentes faixas etárias trocam entre si. Quer as irmãs quer as crianças têm benefícios com este convívio constante e talvez também por isso, fosse um corte muito radical separar o que estas irmãs e crianças têm experienciado ao longo destes anos de convívio.

O próprio Fernando Távora não o fez quando lhe foi proposto pelas Irmãs Franciscanas realizar o projeto para o colégio. Não conseguimos confirmar o motivo que levou o autor a não a separar fisicamente as duas instituições, se teria em mente esta ligação entre estas duas faixas etárias, se devido à verba que foi atribuída inicialmente para o projeto, ou simplesmente por uma questão de “comodismo” do próprio autor, por de certa forma não querer prescindir do seu projeto inicial. Assim sendo acabou por aproveitar o volume voltado a ponte para inserir o colégio (ver fig. 102.), redimensionando os espaços que já teriam a sua métrica definida, para os adaptar a salas de aula, confinando as crianças ao espaço do convento.

Devido também a este fator, foram posteriormente realizados os espaços anexos ao convento.

Após todas as tentativas para realocar o colégio e após todas as conclusões retiradas, volta-se um pouco ao pensamento inicial que seria o de “corrigir” alguns erros que foram cometidos após a realização da obra original, incidindo principalmente nos espaços infantis exteriores ao convento.

Estes espaços foram concebidos com a melhor intenção possível - permitir às crianças uma convivência mais direta com o ambiente que rodeia o convento, que é fundamentalmente constituído por espaços verdes, facto que não está muito presente nas escolas que vemos hoje em dia nos centros das cidades, consti-

tuindo neste caso uma mais-valia que estaria a ser desaproveitada, e que Távora não teve em conta aquando da inserção deste colégio.

Partindo deste princípio a ideia seria apenas alterar a localização destes espaços para a mesma zona onde se pretendia inserir a nova proposta de colégio (ver fig. 103.), na tentativa também de dar algum distanciamento do convento, criando um percurso que permitisse que as crianças percorressem e disfrutassem de vários espaços pela quinta e de certa forma se desligassem da zona do convento.

A ideia teria também como intuito, para além de relocalizar estes espaços exteriores, recriar a entrada do colégio que tal como referido anteriormente se situava entre o volume voltado a sudoeste e o volume a poente (ver fig. 104.), e que diferenciaria a entrada conventual da entrada do colégio. Esta alteração tornaria também possível retirar-se o corredor de acesso ao pavilhão exterior que foi criado mesmo na frente ao acesso do colégio (ver fig. 105. e 106.) e que segundo esta proposta deixaria de fazer qualquer sentido, permitindo também recuperar o desenho da fachada que foi alterada devido a esta ligação – colégio-pavilhão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado caracteriza-se por um estudo aprofundado da obra de Fernando Távora e uma análise conformada em várias abordagens de intervenção no território e edificado em estudo.

A primeira parte consistiu num estudo da obra de Fernando Távora, que conduziu a uma linha de pensamento sobre o Movimento Moderno, onde se insere a obra estudada.

Este primeiro estudo da obra de Távora, para além de situar a obra no contexto da época, veio também abrir caminho para uma análise mais aproximada do território onde esta se insere, tornando possível a compreensão da evolução e transformação do território antes e após a inserção do edifício ao longo do tempo.

A conformação desta base de informação sobre autor, obra e território permitiu um avanço para um estudo mais aproximado da obra, das suas diferentes fases construtivas e consequentemente a uma análise crítica sobre as alterações que o conjunto edificado e respetiva envolvente sofreram ao longo do tempo, referindo-se também a obra de reabilitação que está em desenvolvimento neste momento no volume situado a nascente.

Embora a ideia inicial do trabalho tivesse como base a correção de alguns elementos que ao longo do tempo se foram manifestando e que danificaram de certa forma a imagem e sistema compositivo do conjunto edificado, esta não se encontrava totalmente definida. O seu esclarecimento sucedeu com o desenvolvimento do trabalho, tendo sofrido diversas alterações ao longo deste percurso. Estas deveram-se à consciencialização durante o processo de conhecimento da obra, de vários fatores que o próprio autor na altura da sua realização não teve em conta.

O estudo baseou-se assim, numa tentativa de nos colocarmos na posição do próprio autor e tentando atingir uma solução que este não deu à obra e que



preferiu simplificar, aproveitando o seu próprio estudo do terreno e o desenho que já teria para a concretização final de toda a composição.

Távora já teria pensado o edifício como sendo para usufruto único e simplesmente das Irmãs Franciscanas, não ponderando as consequências que poderiam advir da adaptação do edifício a um uso diferente - o de colégio. Levando-nos à conclusão de que Távora teve um pensamento mais simplista ao querer introduzir o colégio no convento, protegendo a obra que já havia projetado e solucionando o problema que lhe foi apresentado apenas com ajustes à mesma. Não atendendo, tal como refere o próprio em relação à obra da Escola Primária do Cedro, *“ao bem estar físico e espiritual de alunos e professores”*.<sup>43</sup>

Os autores que a ele se seguiram e que intervieram na obra original, continuaram a projetar a partir de uma obra que não fora na sua totalidade bem conseguida.

As diferentes abordagens que foram criadas a partir da obra de Távora tiveram a sua razão de ser. Fazem parte de um estudo intenso e de uma visão crítica da obra em si, das alterações que lhe foram feitas e também um pouco à visão que Távora teve na época da sua elaboração. Todas as respostas ensaiadas para resolução dos problemas apresentados, potenciarão a abertura de novas possibilidades de resposta e investigações futuras.

---

43 TÁVORA, Fernando. Escrito em abril de 1963. Publicado em Arquitetura nº 85, dezembro de 1964.

*“Acreditei então que a arquitectura era sobretudo um acontecimento como tantos outros que preenchem a vida dos homens e, como todos eles, sujeita a contingências que a mesma vida implica.”<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> TÁVORA, Fernando. Memória Descritiva da Escola Primária da Quinta do Cedro, 1961.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**BECKER, Annette, TOSTÕES, Ana, WANG, Wilfried** (organização), *Portugal: Arquitetura do século XX*, Prestel, 1997

**ESPOSITO, Antonio**, *Fernando Távora: opera completa*, colab. Francesco del Conte, Raffaella Maddaluno; *Aequitectura Portuguesa – Séc.XX*

**TRIGUEIROS, Luiz**, *Fernando Távora*, com artigos de Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza, Bernardo Ferrão e Eduardo Souto Moura e com grafismos de Ana Maria Chora, Lisboa: Blau

**FERNANDES, José Manuel**, *Anos 60 : anos de rutura : arquitetura portuguesa nos anos sessenta*, Lisboa, Livros Horizonte, 1994

**FERNANDEZ, Sérgio**, *Percursos: arquitetura portuguesa: 1930-1974*, prefácio de Alexandre Alves Costa, 2ª ed., Porto: Faup Publicações, 1988. *Arquitetura portuguesa – Séc.XX*

**FERRAO, Bernardo José**, *Tradição e Modernidade na obra de Fernando Távora, 1947 – 1987*, in Fernando Távora, Blau, Lisboa, 1993

*Finalistas 2010 – Externato Stª Margarida*, Livro realizado pelos pais das crianças do Externato de Santa Margarida, que retrata um pouco da história do Convento, que contou com a especial contribuição do Arquiteto Bernardo Távora, com elementos elementos e fotografias do projeto do colégio. 24 de maio de 2010

**LYNCH, Kevin**, *A imagem da cidade*, trad. Maria Cristina Tavares Afonso, Lisboa: Edições 70, 1999

**ROSSI, Aldo**, *A arquitetura da cidade*, trad. José Charters Monteiro, José da Nóbrega Sousa Martins, Lisboa: Cosmos, 1977

**TOSTÕES, Ana**, *Os verdes anos na arquitetura portuguesa dos anos 50*, 2ªed., Porto: Faup Publicações, 1977, Baseado na dissertação demestrado em História da Arte, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 1955

**TÁVORA, Fernando**, *A arquitetura é o dia a dia*, entrevista por Bernardo Pinto de Almeida, Boletim da Universidade do Porto, outubro/novembro 2003

**TÁVORA, Fernando**, *Coisa Mental*, entrevista por Jorge Figueira, FAUP, Porto, 1992

**TÁVORA, Fernando**, *Da Organização do Espaço*, pref. Nuno Portas, 3ªed., Porto: Faup Publicações, 1996

**TÁVORA, Fernando**, *Fernando Távora: Percurso = a life long trail*, Lisboa : Centro Cultural de Belém, 1993

**TÁVORA, Fernando**, *O Problema da Casa Portuguesa*, Cadernos de Arquitetura, Lisboa, 1947

**TÁVORA, Fernando**, *Revista Panorama: 'O porto e a Arquitetura Moderna'*, N°4, 1952

**PORTAS, Nuno**, *Fernando Távora: 12 anos de atividade profissional*, Revista Arquitetura n° 71, Lisboa, 1961

**PORTAS, Nuno**, *Arquiteturas: História e Crítica, Ensino e Profissão*, Porto: Faup, Publicações, 2005

**PORTAS, Nuno**, *Arquitetura portuguesa contemporânea: anos sessenta – anos oitenta*, organ.Nuno Portas, Manuel Mendes, Porto: Fundação de Serralves, 1991. Catálogo de uma exposição

**SOUSA, Fernando**, *As Franciscanas Missionárias de Nossa Senhora (1868-1992)*, Porto, 1992

**ZEVI, Bruno**, *Historia da arquitetura moderna*, pref. e estudo de Nuno Portas

—

**Visita à exposição** *Fernando Távora, Modernidade Permanente*, decorrida na Escola de Arquitetura da Universidade do Minho, na cidade de Guimarães.

## **Publicações**

*Fernando Távora - Modernidade Permanente*, catálogo da exposição Guimarães 2012, editor José António Bandeirinha

*Fernando Távora, a minha casa – Prólogo*, fascículo do âmbito da iniciativa “Figura Eminente da Universidade do Porto – 2013: Fernando Távora”, organização promovida pela: Reitoria da U. Porto, Faculdade de Arquitetura U. Porto e Fundação Marques da Silva

## **Ligações internet**

Municípios, Gondomar; [www.amp.pt](http://www.amp.pt)

História do Concelho; [www.cm-gondomar.pt](http://www.cm-gondomar.pt)

FIGUEIRA, Jorge, Saudades de Távora – Crónica publicada na Revista 2 a 25 de novembro. <http://www.publico.pt>

[www.snpcultura.org](http://www.snpcultura.org)

## **Referências iconográficas**

**001.** *Fernando Távora - Modernidade Permanente*, catálogo da exposição Guimarães 2012, editor José António Bandeirinha

**002.** Fotografia da autora, em Exposição Modernidade Permanente, Guimarães

**003.** Fotografia da autora, em Exposição Modernidade Permanente, Guimarães

**004.** Fotografia pela autora, em Exposição Modernidade Permanente, Guimarães

**005.** *Finalistas 2010 – Externato St<sup>a</sup> Margarida*, Livro realizado pelos pais das crianças do Externato de Santa Margarida.

**006.** Fotografia cedida por Susana Lima

**007.** Disponível em [maisarquitecturasite.blogspot.pt](http://maisarquitecturasite.blogspot.pt)

**008.** Fotografia da autora

**009.** Fotografia da autora

**010.** Desenho da autora

**011.** Fotografia cedida por Susana Lima

**012.** Fotografia da autora

**013.** Disponível em <http://nunofilipeferreira.com>

- 014.** Fotografia da autora
- 015.** Fotografia cedida por Susana Lima
- 016.** Fotografia da autora
- 017.** Fotografia da autora
- 018.** Fotografia da autora
- 019.** Fotografia da autora
- 020.** Fotografia da autora
- 021.** Disponível em <http://nunofilipeferreira.com>
- 022.** Fotografia da autora
- 023.**Arquivo da Confraria
- 024.** Imagem Google Maps, com manipulação pela autora
- 025.** Fotografia da autora
- 026.**Disponível em <http://www.skyscrapercity.com/>
- 027.** Disponível em <http://www.skyscrapercity.com/>
- 028.** Fotografia da autora
- 029.** Desenho da autora
- 030.** Disponível em <http://www.skyscrapercity.com/>
- 031.** Fotografia da autora
- 032.** Fotografia da autora
- 033.** Fotografia da autora
- 034.** Fotografia da autora
- 035.** Desenho da autora
- 036.** Fotografia da autora
- 037.** Desenho da autora
- 038.** Fotografia da autora
- 039.** Desenho da autora
- 040.** Fotografia da autora
- 041.** Fotografia da autora
- 042.** Desenho da autora
- 043.** Fotografia da autora
- 044.** Fotografia da autora
- 045.** Fotografia da autora
- 046.** Fotografia da autora
- 047.** Fotografia da autora
- 048.** Fotografia cedida pelas Irmãs Franciscanas



- 049.** Fotografia cedida pelas Irmãs Franciscanas
- 050.** Fotografia cedida pelas Irmãs Franciscanas
- 051.** Desenho da autora
- 052.** Fotografia cedida pelas Irmãs Franciscanas
- 053.** Fotografia da autora
- 054.** Fotografia da autora
- 055.** Fotografia da autora
- 056.** Fotografia da autora
- 057.** Fotografia da autora
- 058.** Fotografia da autora
- 059.** Fotografia da autora
- 060.** Fotografia da autora
- 061.** Desenho da autora
- 062.** Imagem aérea Bing Maps
- 063.** Imagem aérea Bing Maps
- 064.** Fotografia da autora
- 065.** Fotografia da autora
- 066.** Desenho da autora
- 067.** Desenho da autora
- 068.** Desenho da autora
- 069.** *Finalistas 2010 – Externato St<sup>a</sup> Margarida*, Livro realizado pelos pais das crianças do Externato de Santa Margarida.
- 070.** Fotografia da autora
- 071.** Fotografia da autora
- 072.** Fotografia da autora
- 073.** Fotografia da autora
- 074.** Desenho da autora
- 075.** Fotografia da autora
- 076.** Fotografia da autora, em Exposição Modernidade Permanente, Guimarães
- 077.** TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora*, com artigos de Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza, Bernardo Ferrão e Eduardo Souto Moura e com grafismos de Ana Maria Chora, Lisboa: Blau. p.106
- 078.** Fotografia da autora
- 079.** Fotografia da autora
- 080.** Fotografia da autora

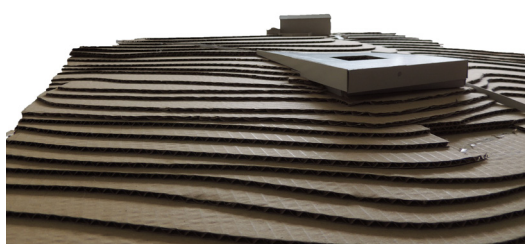
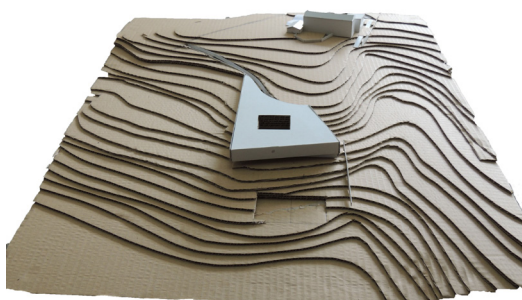
- 081.** Fotografia da autora
- 082.** Desenho base cedido pelo arquiteto Pedro Gabriel, com alterações da autora
- 083.** Fotografia cedida por arquiteto Pedro Gabriel
- 084.** Fotografia da autora
- 085.** Fotografia da autora
- 086.** Fotografia da autora
- 087.** Fotografia da autora
- 088.** Fotografia da autora
- 089.** Desenho da autora
- 090.** Imagem aérea bing maps, com alterações da autora
- 091.** Desenho da autora
- 092.** Fotografia da autora
- 093.** Desenho da autora
- 094.** Fotografia da autora
- 095.** Fotografia da autora
- 096.** Desenho da autora
- 097.** Desenho da autora
- 098.** Desenho da autora
- 099.** Desenho da autora
- 100.** Imagem aérea google maps, com alterações da autora
- 101.** Fotografia da autora
- 102.** Fotografia da autora
- 103.** Desenho da autora
- 104.** Fotografia da autora
- 105.** Fotografia da autora
- 106.** Fotografia da autora



## | ANEXO I

### Levantamento fotográfico das maquetas de estudo

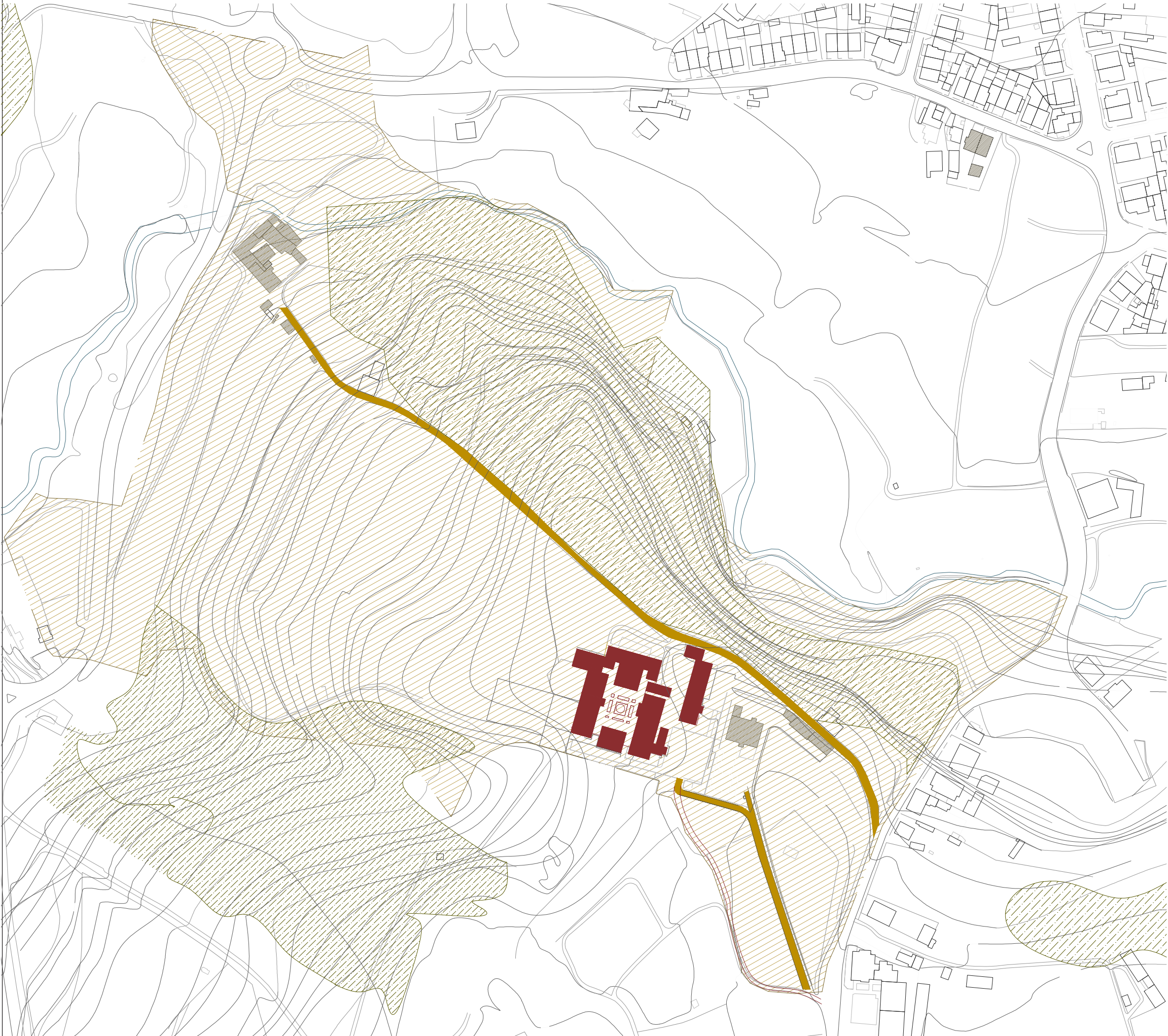
Esc. 1/500







**| ANEXO II**  
**Desenhos das propostas de im-**  
**plantação**



**Área de Estudo**  
Esc. 1/2000

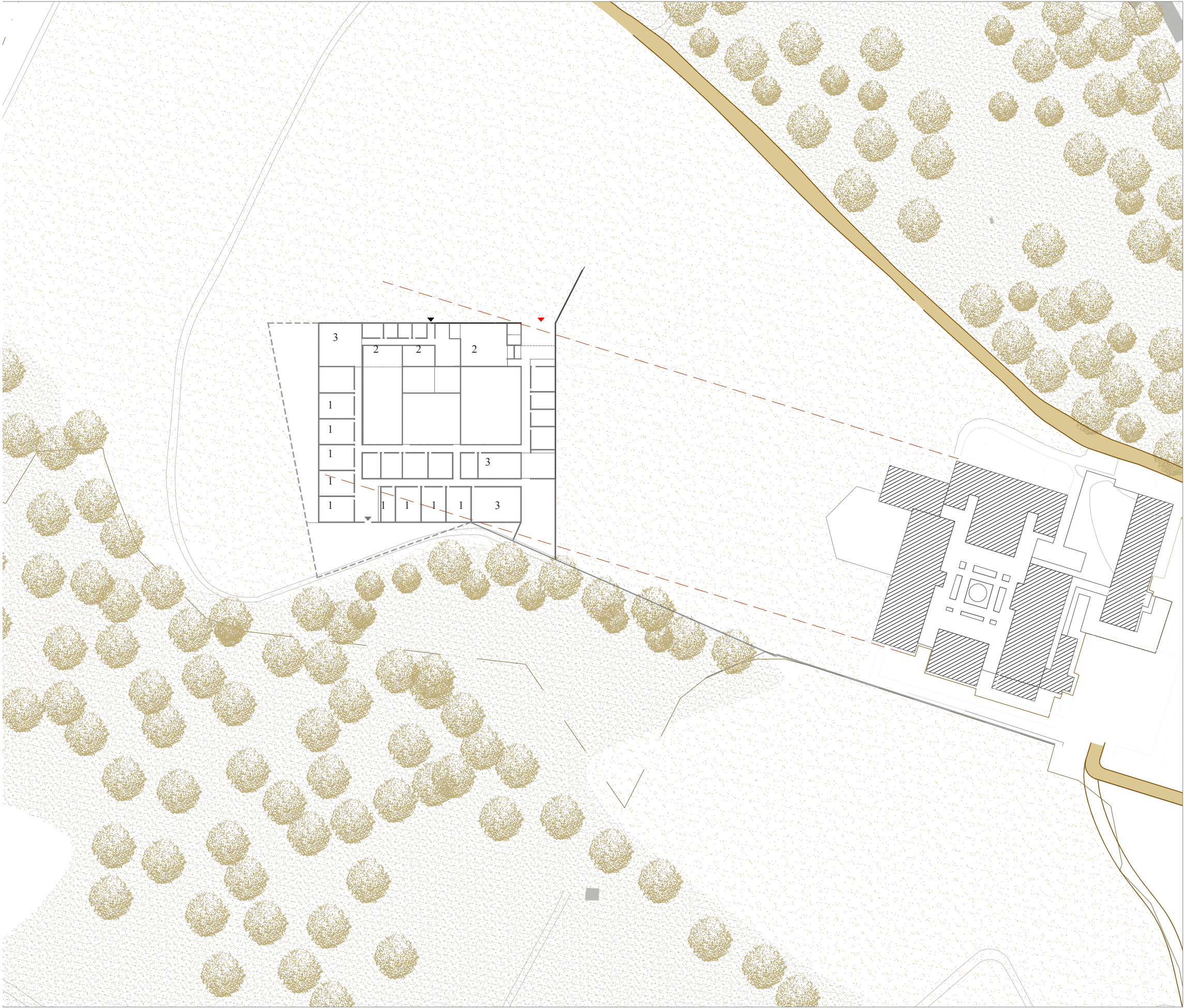


- Limite da Quinta da Azenha
- Convento
- Quinta da Azenha
- Vias Atuais
- Zona arborizada
- Pré-existências









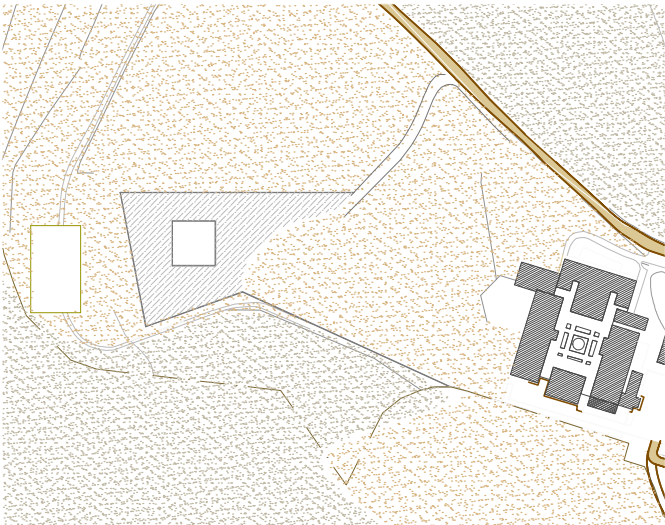
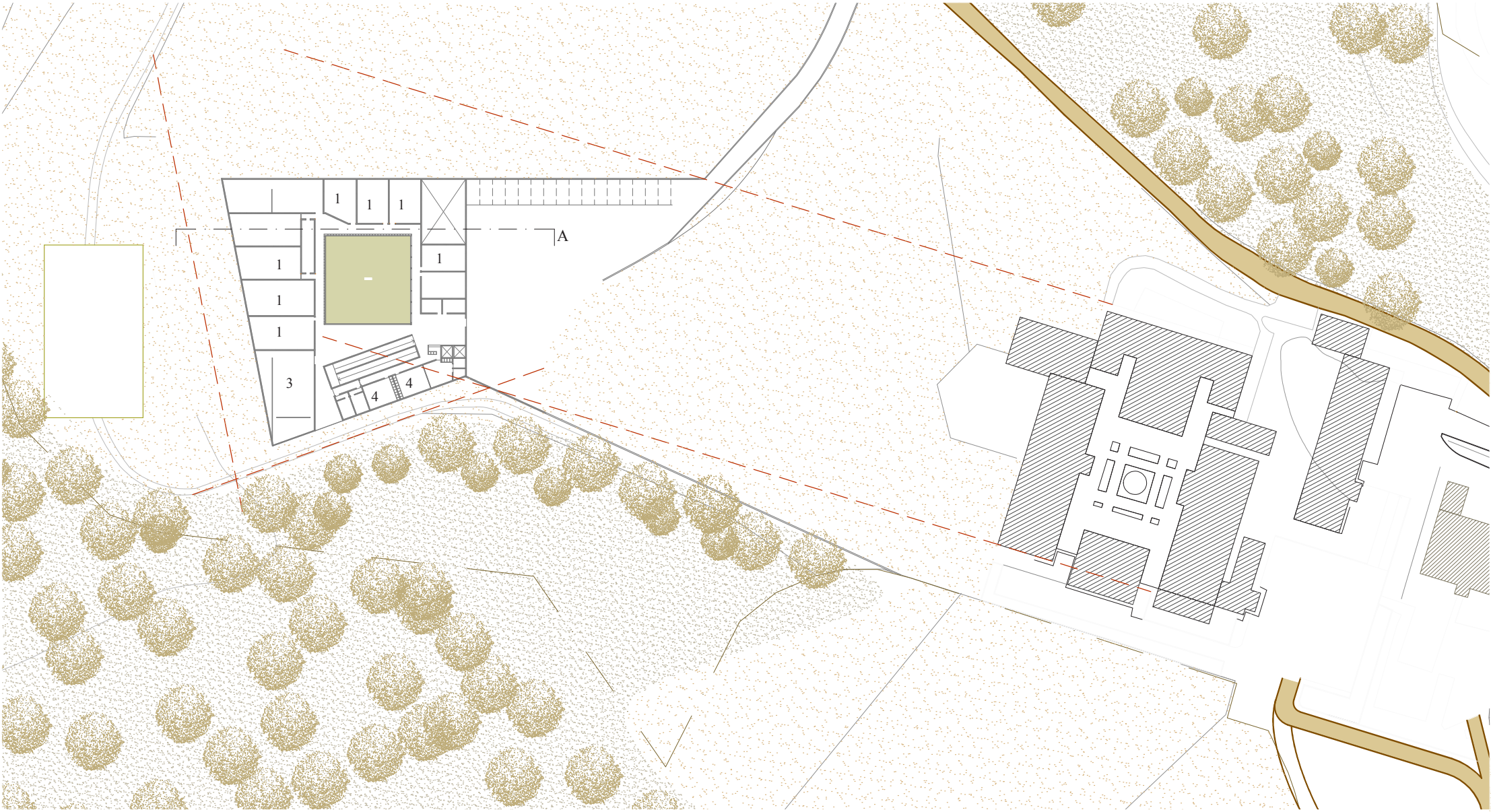
**1ª proposta - 1 Piso**  
Esc. 1/1000

- 1. Salas de aula
- 2. Serviços
- 3. Zonas comuns
- 4. Salas de professores

- Entrada
- Limite da Quinta da Azenha
- Terreno
- Zona Arborizada
- Acessos da Quinta





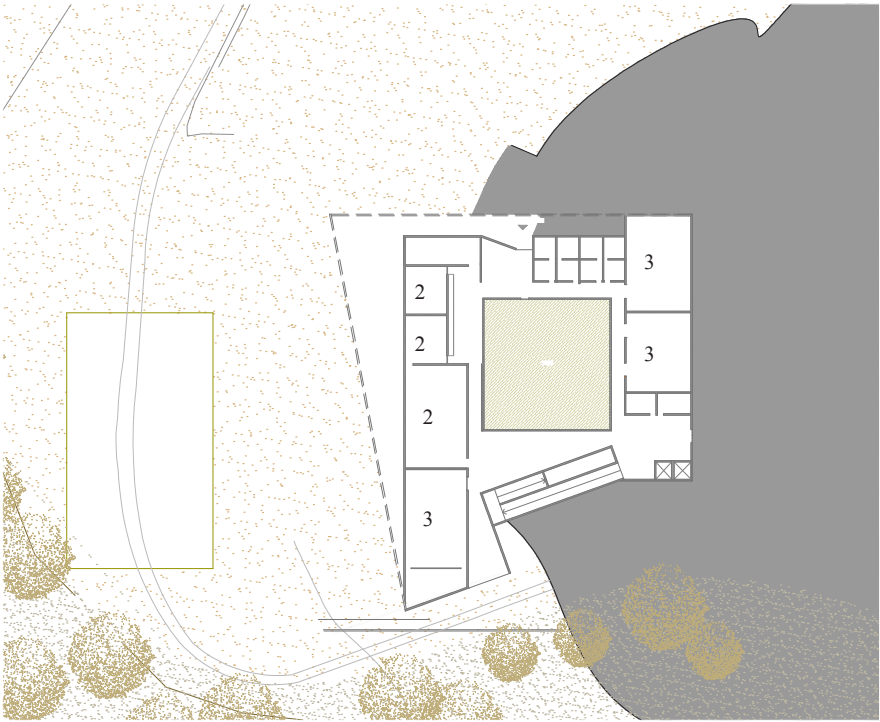


Implantação  
Esc. 1/3000

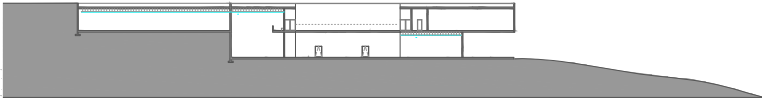
2ª proposta - 2 pisos  
Esc. 1/1000

- 1. Salas de aula
- 2. Serviços
- 3. Zonas comuns
- 4. Salas de professores

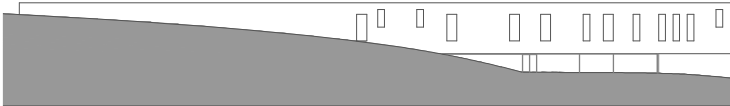
- ⌚
- Entrada
- Delimitação da Quinta da Azenha
- Terreno
- Zona arborizada
- Acessos da Quinta



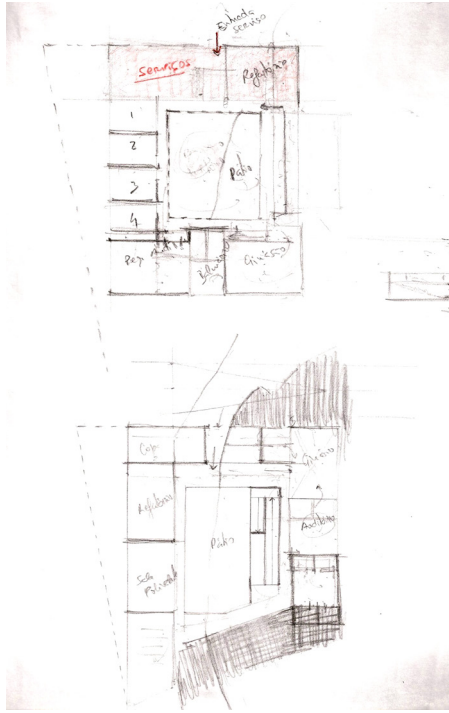
2ª proposta - piso inferior  
Esc. 1/1000



Corte A  
Esc. 1/1000

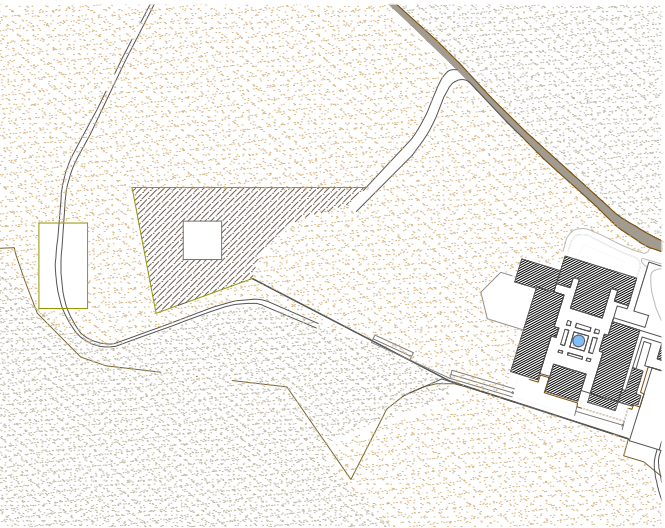
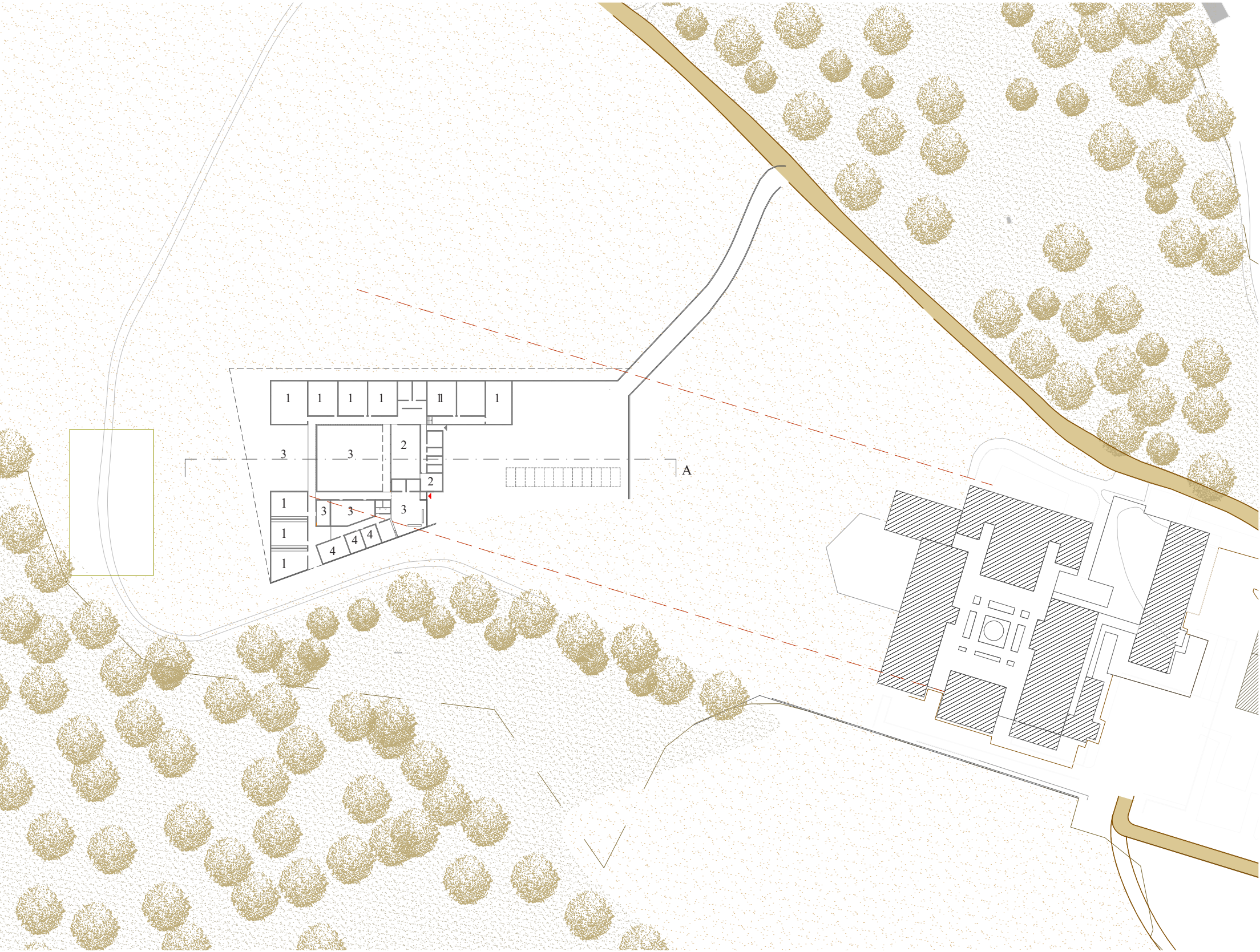


Proposta de alçado Norte  
Esc. 1/1000









Implantação  
Esc. 1/3000



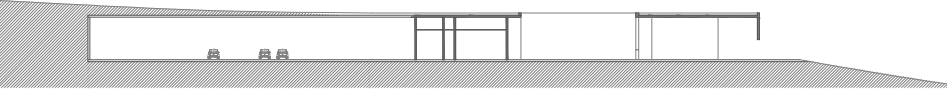
3ª proposta - 1 piso  
Esc. 1/1000

- 1. Salas de aula
- 2. Serviços
- 3. Zonas comuns
- 4. Salas de professores

- Entrada
- Delimitação da Quinta da Azenha
- Terreno
- Zona arborizada
- Acessos da Quinta



Proposta de alçado Norte  
Esc. 1/1000

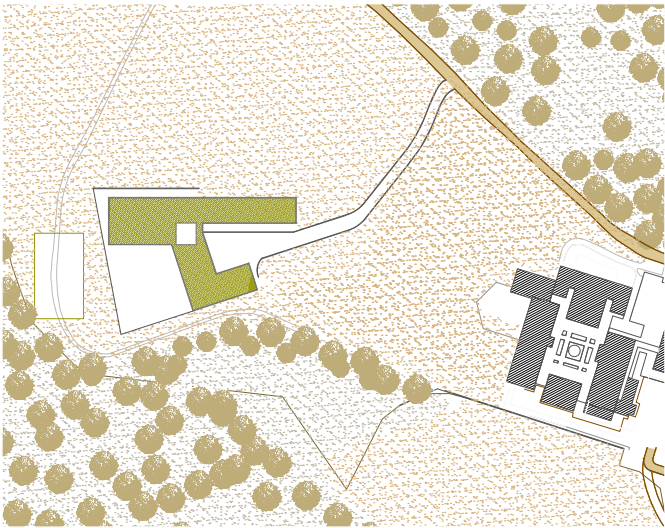
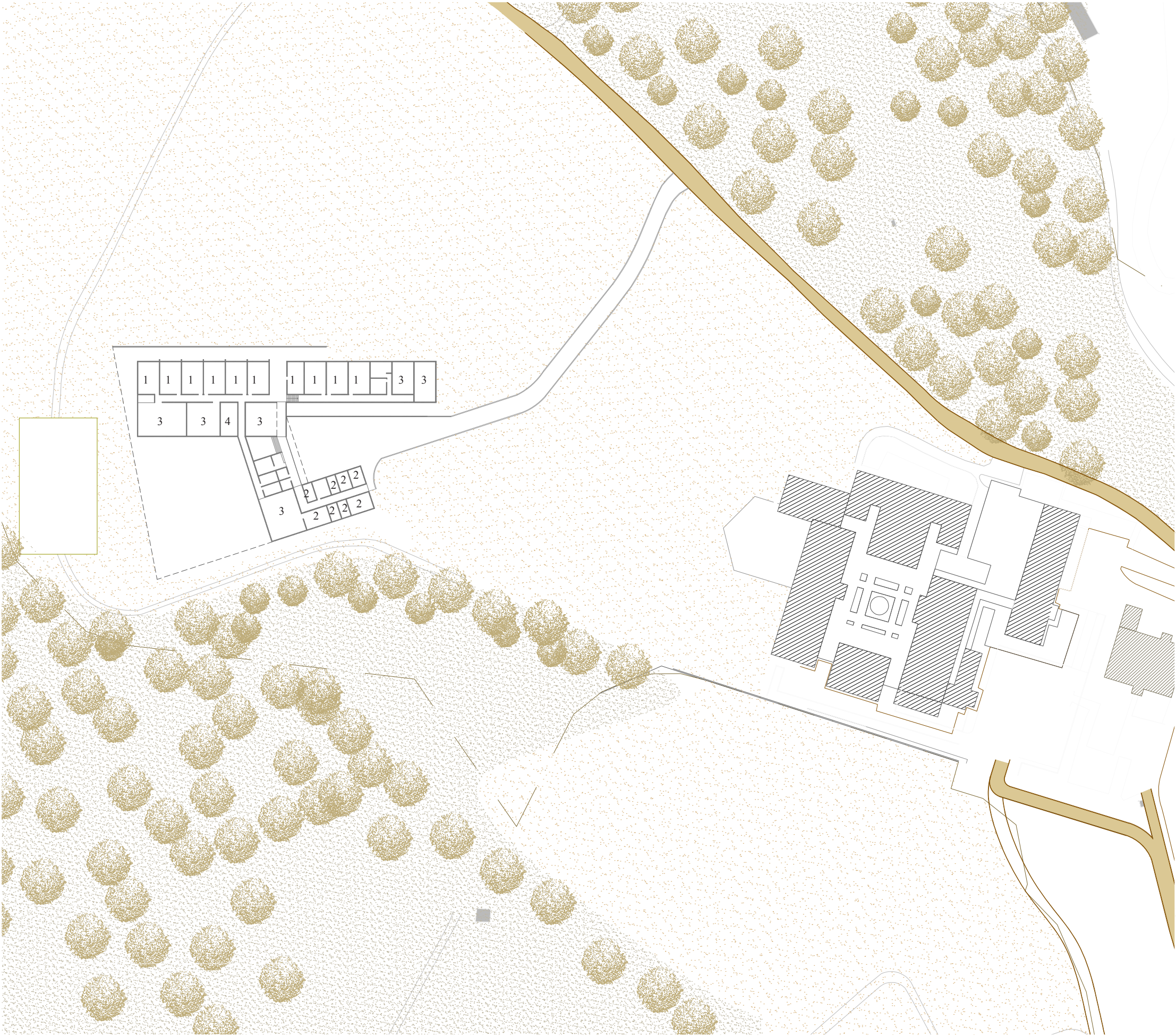


Corte A  
Esc. 1/1000

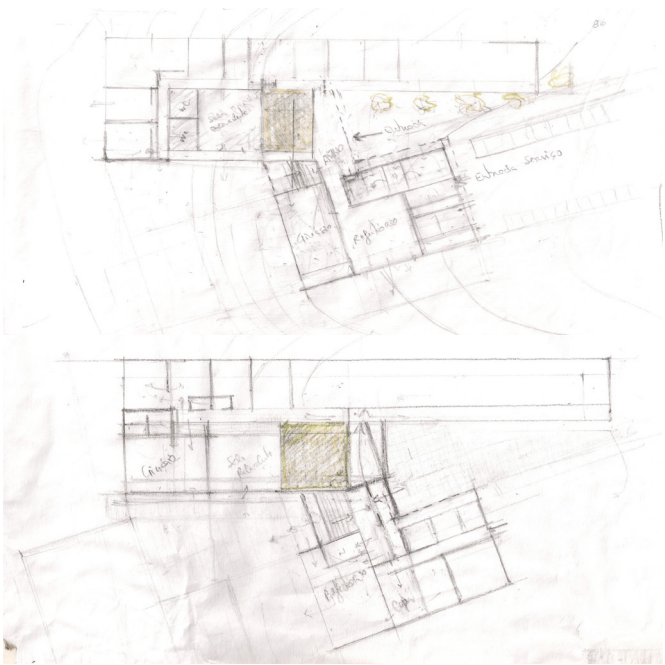








Implantação  
Esc. 1/3000



4ª proposta - 1 piso  
Esc. 1/1000

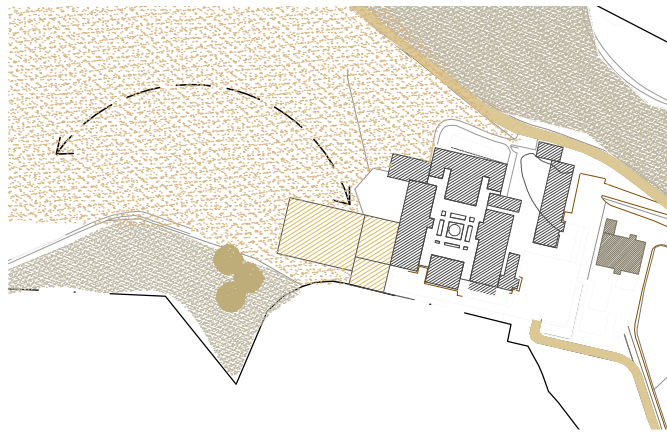
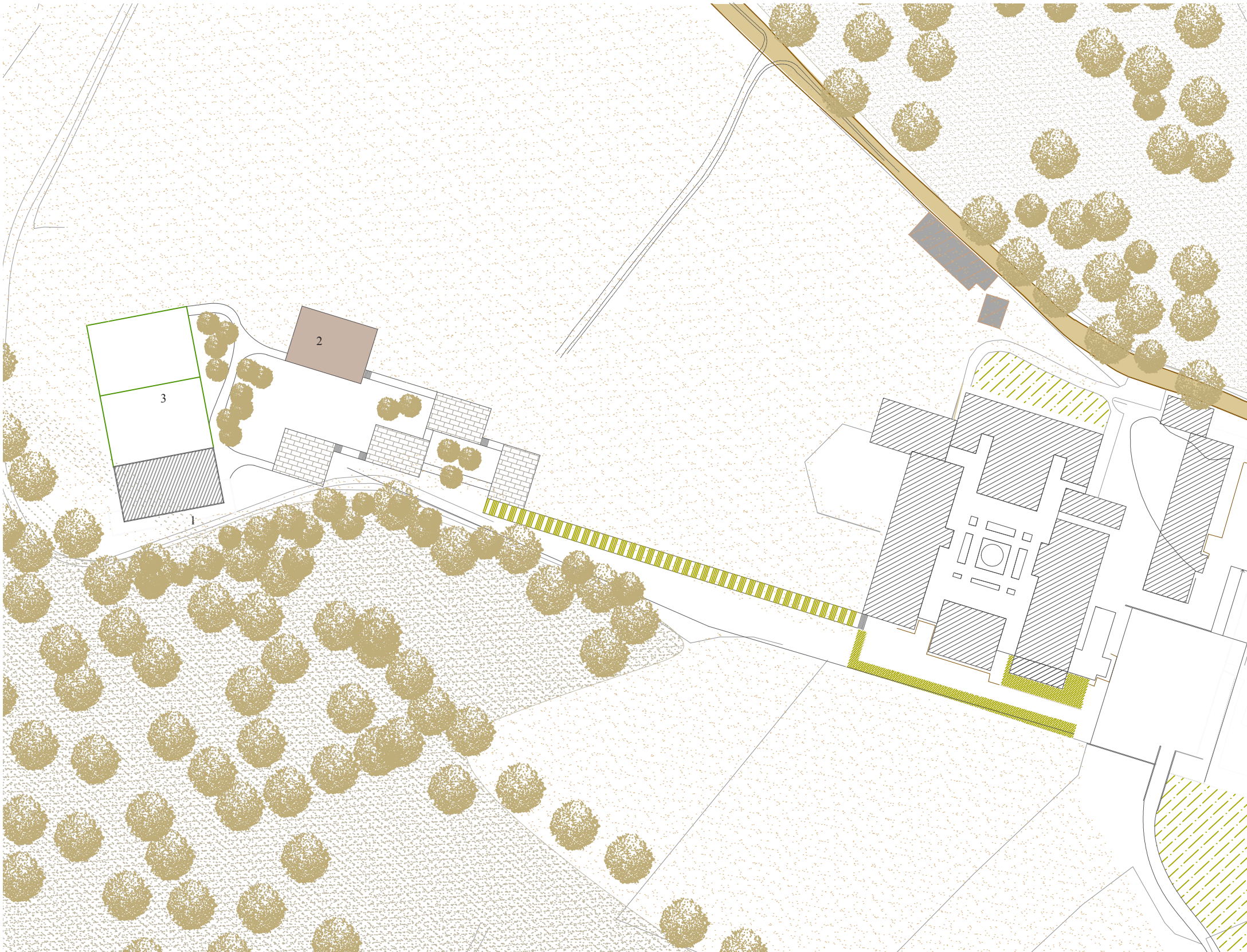
- 1. Salas de aula
- 2. Serviços
- 3. Zonas comuns
- 4. Salas de professores

- ⌚ Entrada
- 📍 Delimitação da Quinta da Azenha
- Terreno
- 🌳 Zona arborizada
- 🚶 Acessos da Quinta
- 🛣️

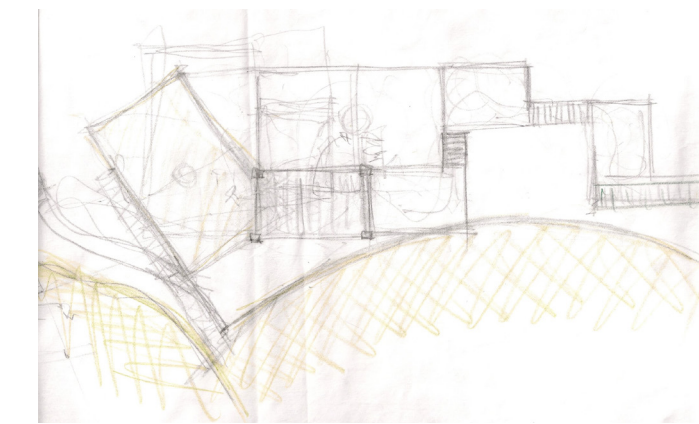






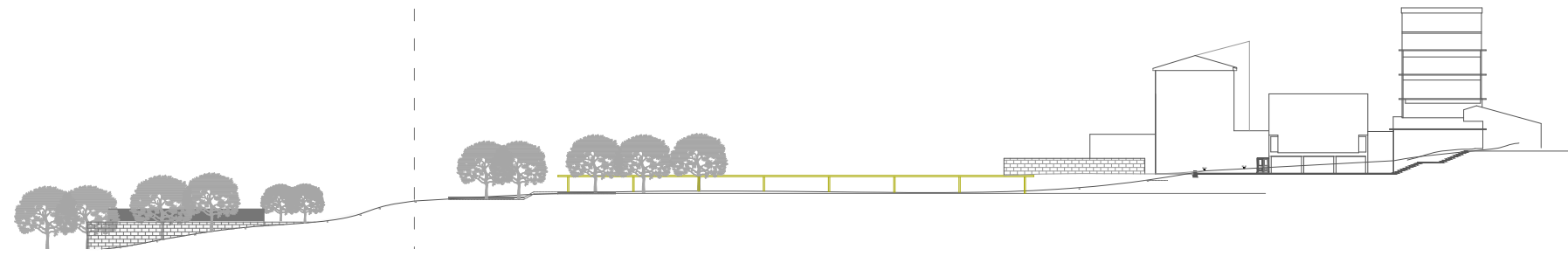


Planta com indicação dos elementos a relocar  
Esc. 1/3000



5ª proposta - Relocalização dos espaços anexos ao Convento  
Esc. 1/1000

- 1. Pavilhão
- 2. Parque Infantil
- 3. Campo de jogos



Corte pelo terreno (sul - norte)  
Esc. 1/1000

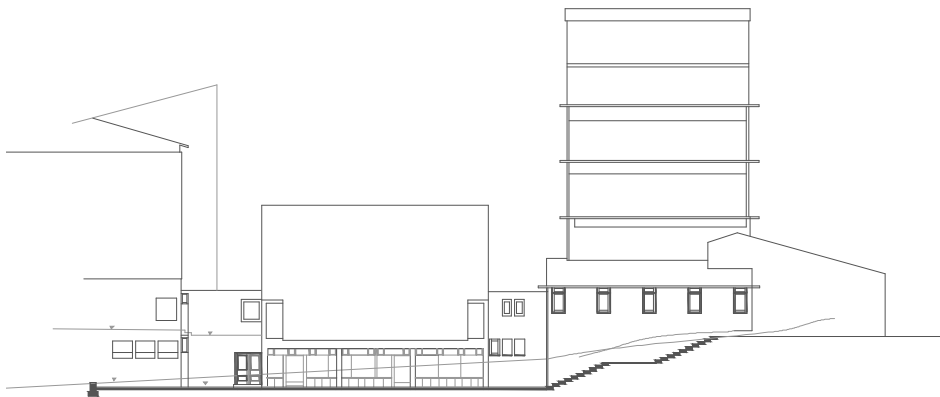




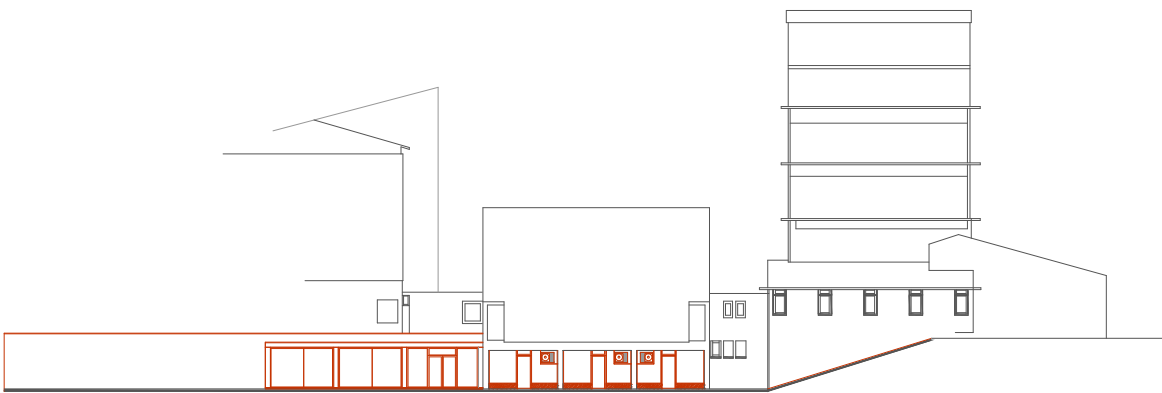


| ANEXO III

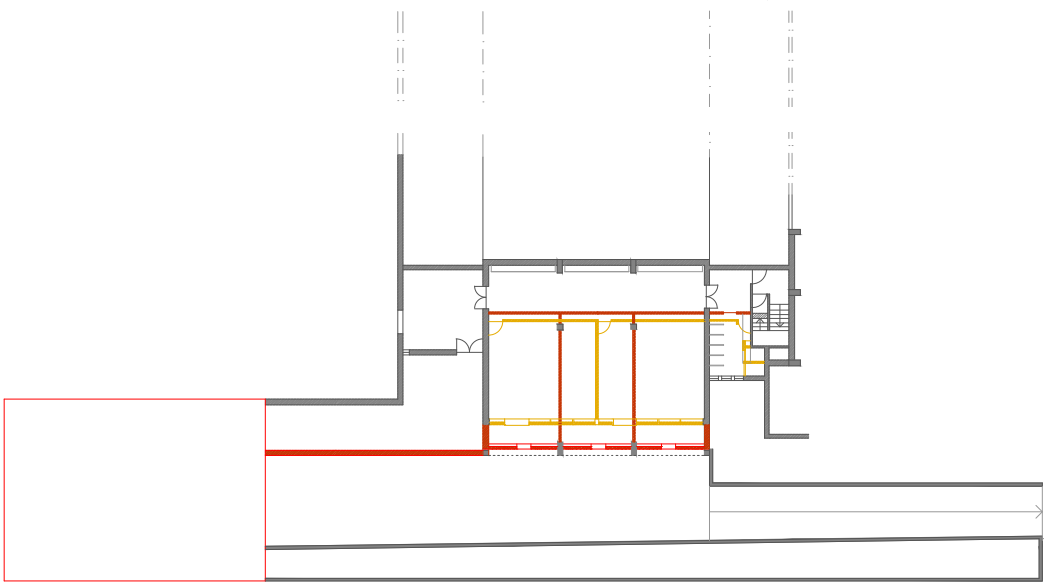
Desenhos das alterações no Convento



Corte pelo terreno (sul) - acompanhando a pen-  
dente do terreno - original  
Esc. 1/500



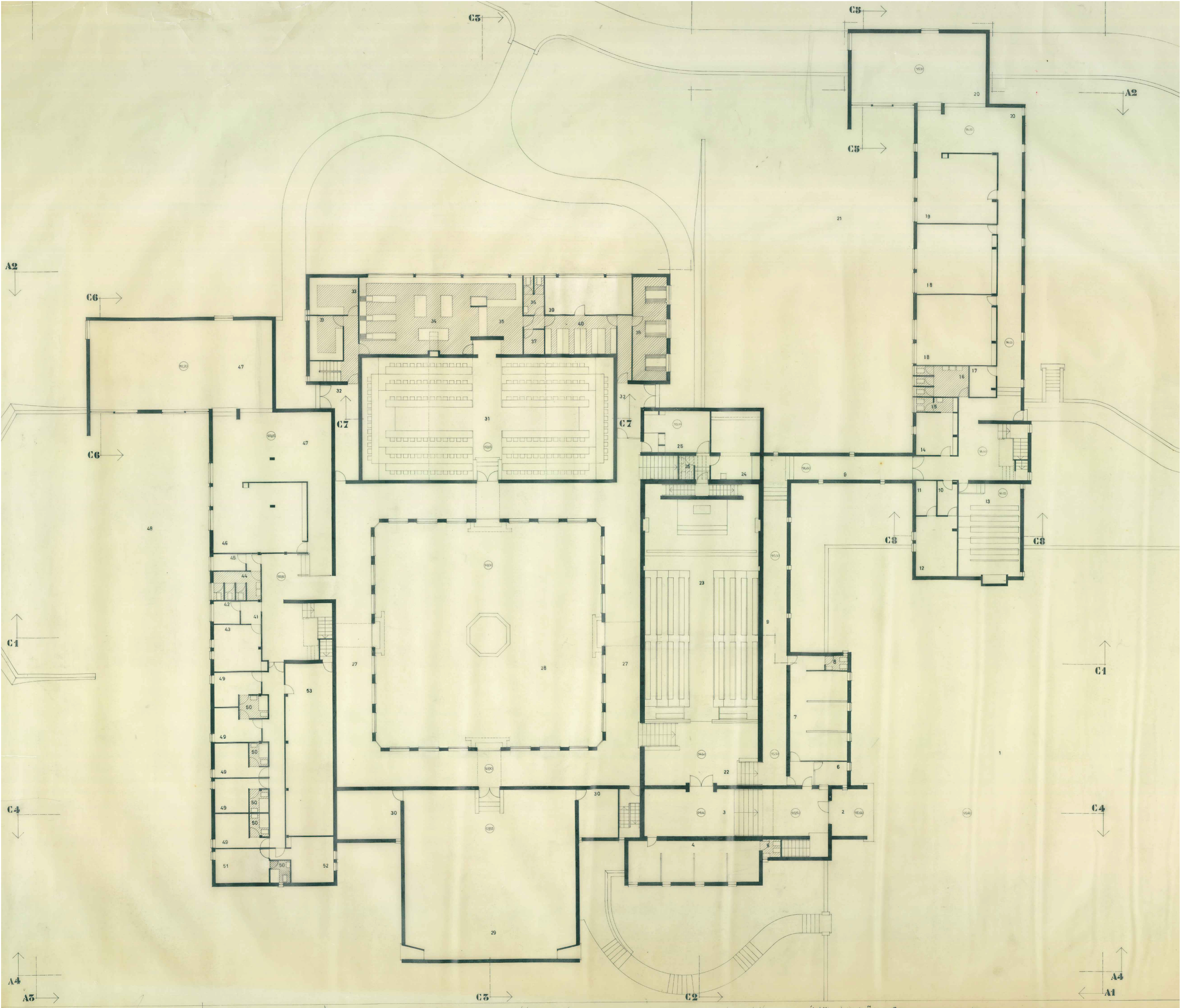
Corte pelo terreno (sul) - acompanhando a pendente do  
terreno - atual (Colégio)  
Esc. 1/500



- Demolições
- Construção atual

Planta atual (Colégio)  
Esc. 1/500





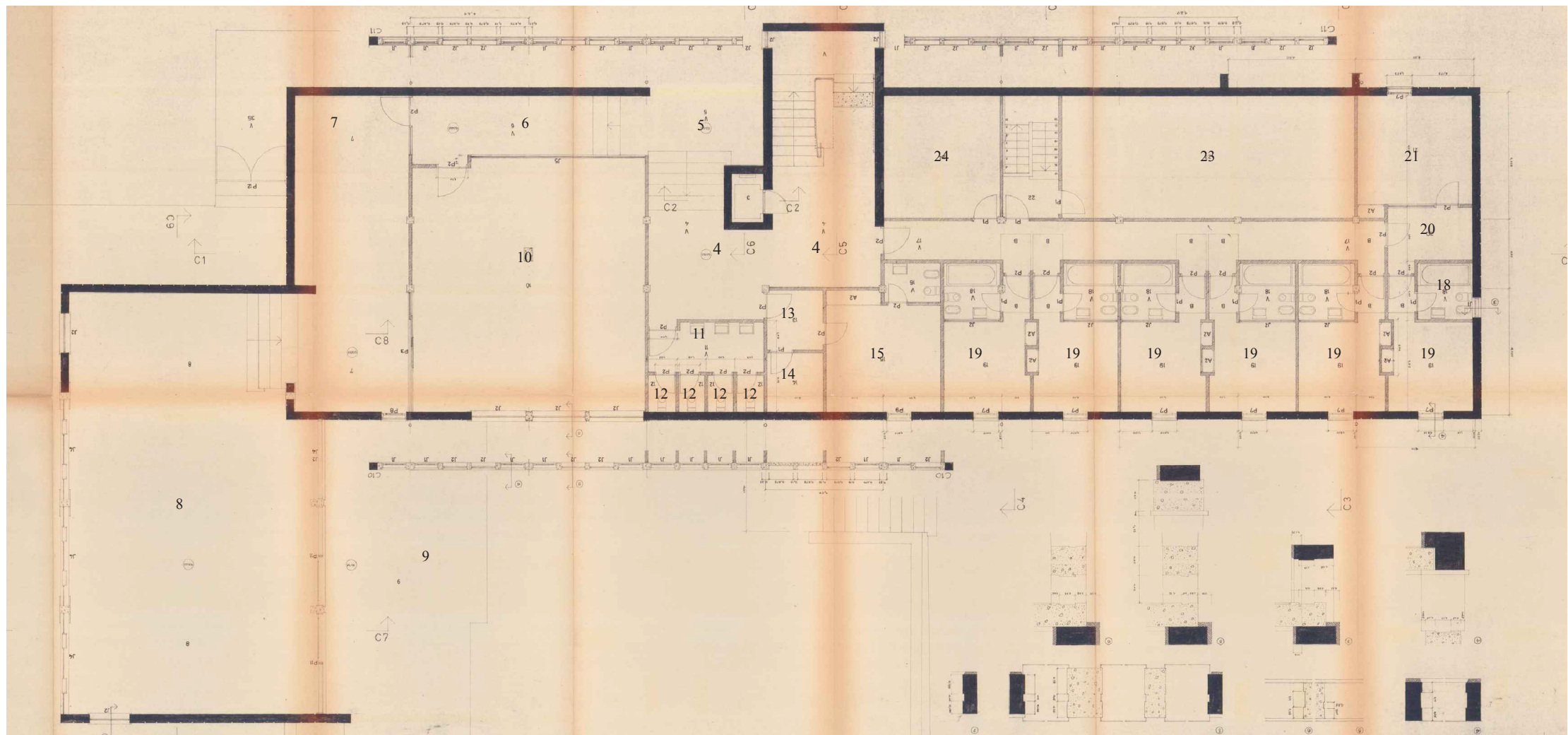
**| ANEXO IV**  
**Documentos recolhidos na Fundação Instituto**  
**Marques da Silva**

- COMUM**  
1. Terreiro  
2. Entrada  
3. vestibulo  
4. Vestibulo  
5. Sanitários  
6. Portaria  
**NOVICIADO**  
7. Salas de Visitas  
8. Sanitários  
9. Galeria  
10. Vestibulo  
11. Arquivo  
12. Escritório para a Mestra das Noviças  
13. Oratório  
14. Gabinete médico  
15. Sanitários  
16. Sanitários  
17. Arrecadação  
18. Sala de aula  
19. Sala de costura  
20. Sala do noviciado  
21. Recreio  
**COMUM**  
22. Vestibulo  
23. Capela  
24. Sacristia  
25. Sala dos Sacerdotes  
26. Sanitários  
27. Galeria  
28. Claustro  
29. Sala de conferências e festas  
30. Arrecadação  
31. Refeitório  
32. Entrada de serviço  
33. Despensa do dia  
34. Cozinha  
35. Copa  
36. Sanitários  
37. Vestiário  
38. Lavandaria  
39. Sala de brunir (engomar)  
40. Rouparia  
**IRMÃS PROFESSAS**  
41. Vestibulo  
42. Arquivo  
43. Escritório para a Superiora Local  
44. Sanitários  
45. Arrecadação  
46. Sala de costura  
47. Sala da comunidade  
48. Recreio  
49. Quarto de dormir  
50. Sanitários  
51. Quarto para a Rev. Madre Provincial  
52. Escritório para a Rev. Madre Provincial  
53. Arrecadação

**Ante-Projeto Convento de Gondomar**  
Planta 1º piso  
Outubro de 1961



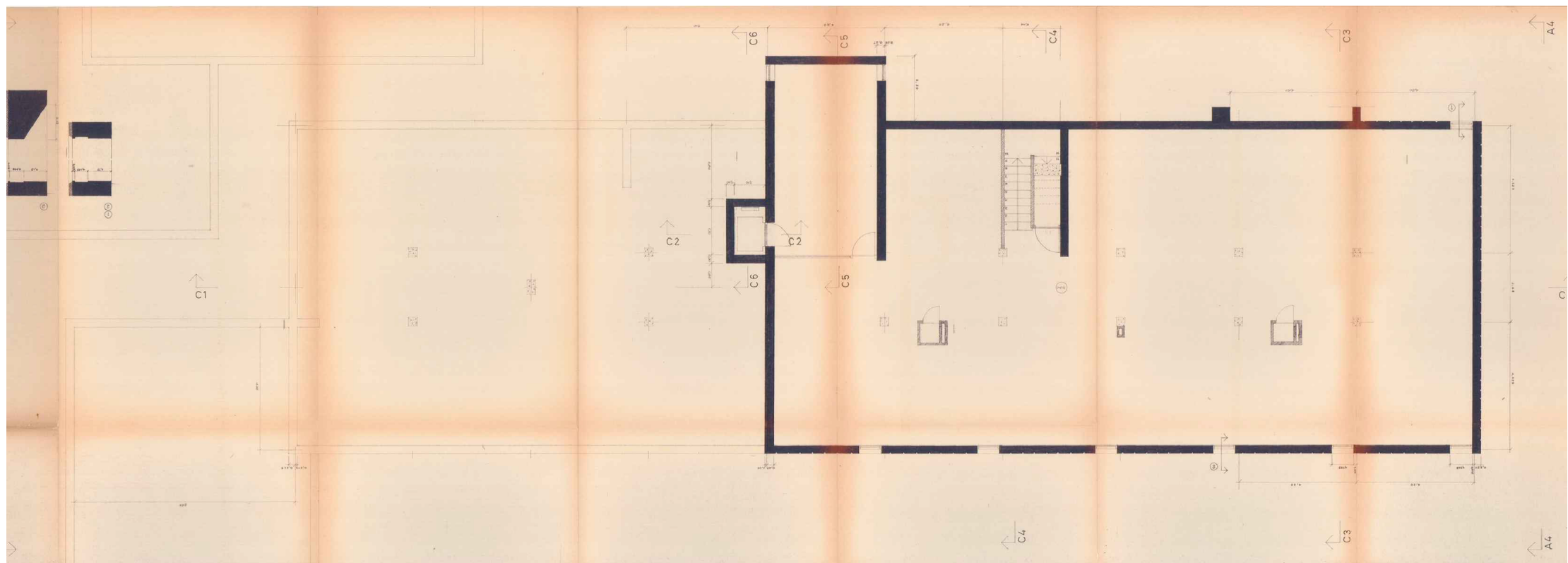




- 4. Vestíbulo
- 5. Entrada
- 6. Passagem
- 7. Sala
- 8. Sala de Comunidade
- 9. Patio
- 10. Sala de Trabalho
- 11. Lavavos
- 12. Sanitário
- 13. Vestíbulo
- 14. Arquivo
- 15. Escritório
- 16. Lavabo
- 17. Passagem
- 18. Quarto de banho
- 19. Quarto
- 20. Vestíbulo
- 21. Escritório
- 22. Escada
- 23. Arrecadação
- 24. Rouparia

**Projeto Convento de Gondomar - 2ª Fase - Corpo A**  
 Planta piso 2  
 Março de 1964

Esc. 1/200

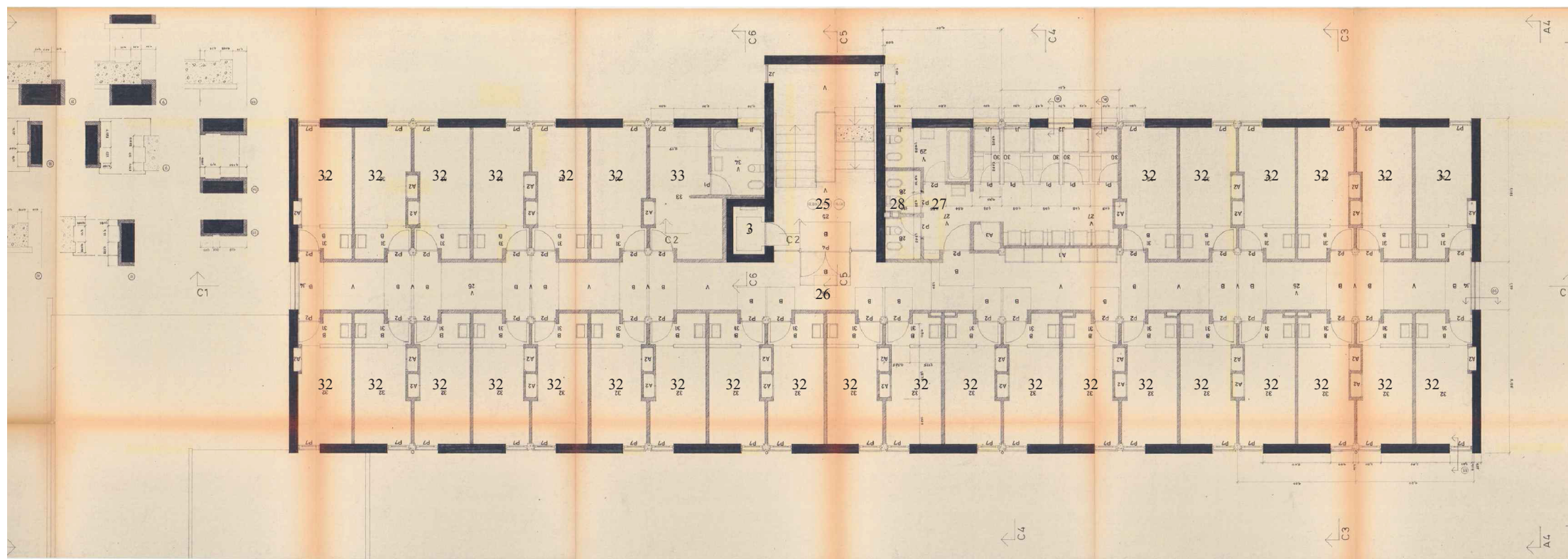


**Projeto Convento de Gondomar - 2ª Fase - Corpo A**  
 Planta piso 1  
 Março de 1964

Esc. 1/200

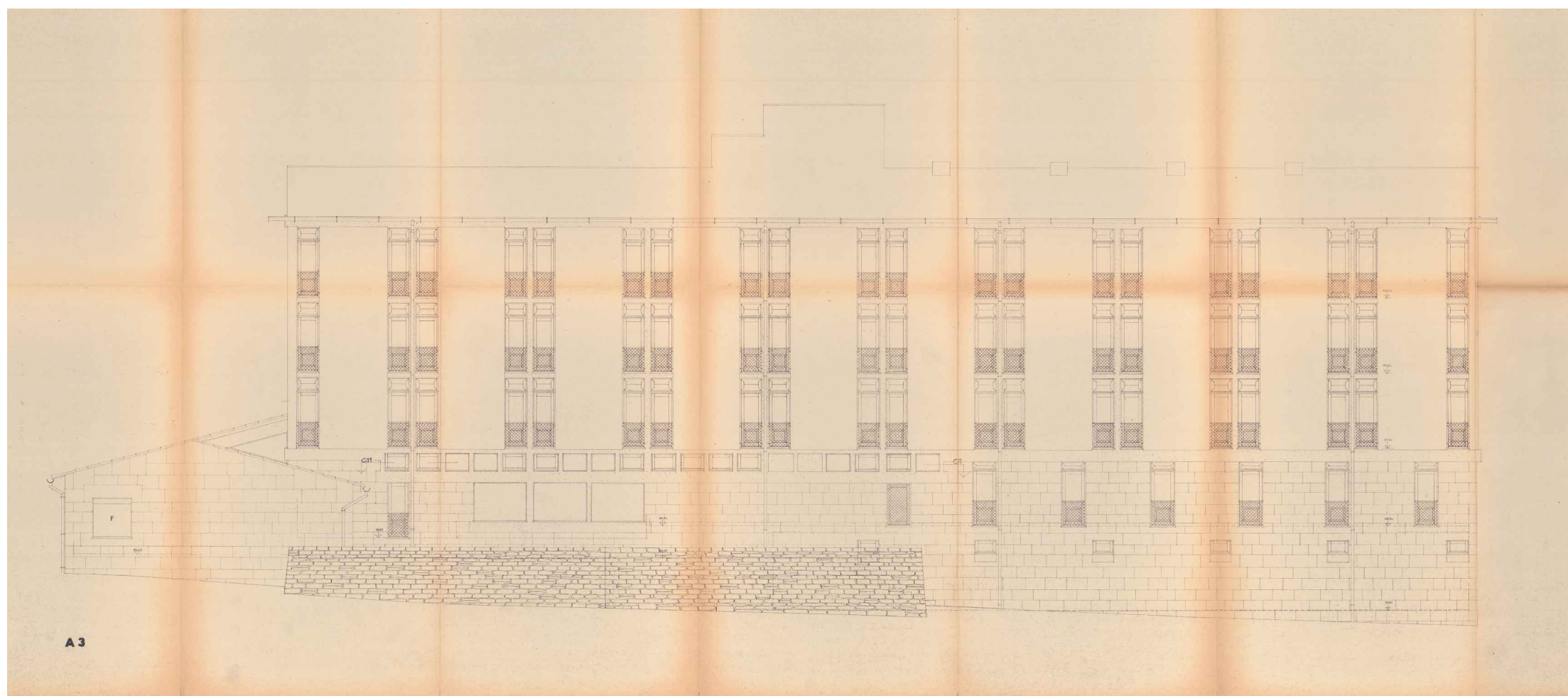






25. Escada  
 26. Galeria  
 27. Lavabos  
 28. Sanitário  
 29. Banho  
 30. Chuveiro  
 31. Lavabo  
 32. Cela  
 33. Quarto  
 34. Quarto de Banho  
 3. Ascensor

**Projeto Convento de Gondomar - 2ª Fase - Corpo A**  
 Planta pisos 3, 4 e 5  
 Março de 1964  
 Esc. 1/200



**Projeto Convento de Gondomar - 2ª Fase - Corpo A**  
 Alçado Poente  
 Março de 1964  
 Esc. 1/200





# | ANEXO V

## Boletim de Renovação da Arte Religiosa

### Dezembro de 1961

de fundamentar-se sobre uma conservação estrita das funções tradicionais mas sem sobre a permanência de um conteúdo que pode justificar ainda as soluções especiais do tipo claustral, mesmo até em edifícios profanos de diversa índole.

No que respeita à capela — ponto que mereceu também largo discussão — foi notado o interesse da solução apresentada, com a colocação do coro conventual no plano inferior e das lugares para o público em balcão no fundo da igreja. A disposição das cadeiras do coro face-a-face, perfeitamente justificada pelo orgão. Fernando Távora, carece no entanto de um espaço central mais desenvolvido, incluindo o lugar para a leitura. Foram levantadas algumas dúvidas quanto à justificação ou pelo menos a colocação dos dois alares secundários junto ao altar principal e quanto à organização do espaço dentro e sua ligação à sacristia, situada a nível inferior por necessidade de independência de acesso.

Relativamente à expressão do edifício, trocaram-se impressões acerca do grande embasamento de pedra aparente que abrange todo o conjunto. Foi feita a observação de que a expressão desse elemento da construção não corresponderia à simplicidade das funções que abriga e que correspondem geralmente às instalações comuns, como salas de convívio, etc. O valor dado a este sítio foi justificado pelo autor por razões de ordem climatérica e de protecção dos paramentos e ainda como solução para destacar as zonas de utilização comuns das zonas das celas.

Devido à hora tardia, a reunião teve de ser interrompida ainda com muitos assuntos por debater, não tendo chegado a ser comentadas algumas partes importantes do anti-projecto, nomeadamente as celas e o refectório, apresentando este último uma solução do maior interesse, com disposição concêntrica de mesas colocadas a vários níveis e com um jogo movimentado de tetos e entradas de luz zenital.

No final da reunião, o P. João de Almeida lembrou a vantagem de se procurar que estejam presentes nestas reuniões, o que já foi possível uma vez, além do autor do trabalho, um representante da entidade labeteira, e não só para que possa esclarecer algum ponto do programa sobredito com o fim de apresentar e defender os seus pontos de vista acerca da própria obra.

#### NOTÍCIÁRIO

##### concurso de anti-projectos para o novo Igreja de S. Coração de Jesus

Como era de esperar, está despertando invulgar interesse este concurso. O número de inscrições registado foi de 66. O prazo para a entrega dos trabalhos termina a 31 de Maio, prevendo-se no Outono a realização de uma exposição.

#### ACTIVIDADES DO MRAE

##### Cartões de Natal

Como nos anos anteriores, foi distribuída uma série de Cartões de Natal por algumas casas da especialidade, incluindo não só os editados pelo MRAE, como ainda algumas edições do Club des Nouvelles Images, de Paris.

Para os membros associados foram estabelecidas condições especiais de aquisição.

#### movimento de renovação da arte religiosa — BOLETIM — 2.ª série-DEZEMBRO de 1961

7

#### REUNIÃO DE ESTUDO

A reunião de estudo do mês de Novembro, realizada no dia 28, teve por objectivo a apresentação e comentário do anti-projecto do Convento de Gondomar para as Franciscanas de Caldas. O trabalho foi apresentado pelo arquitecto Fernando Távora, assistente da Escola Superior de Belas Artes do Porto e autor de uma obra das mais significativas no panorama actual da arquitectura portuguesa. Por este motivo, e ainda pelo facto de serem tão raras as construções conventuais de certo nível arquitectónico, a sessão, a que compareceram mais de 30 pessoas, decorreu num ambiente de grande interesse e veio demonstrar uma vez mais a utilidade deste tipo de reuniões.

##### algumas palavras de introdução

No início da reunião, o sr.ª Tereza Pereira, a quem coube a respectiva orientação, fez algumas palavras relativas aos problemas que se põem nos projectos de conventos. Lembrou que a renovação da Arte Sacra — apesar de algumas iniciativas interessantes da parte de congregações religiosas — se tem processado sobretudo em volta do tema da igreja paróquia, por ser aqui que se verifica com mais forte sentido renovar todo o desenvolvimento da pastoral e da liturgia nos últimos tempos.

No entanto, as comunidades religiosas, mesmo as mais retratadas, pertencem a um mundo todo ele em transformação e participam da vida da Igreja sempre responsável. É frequente a vitalidade da vida religiosa se traduzir no desdobrar de novas formas características de nosso tempo, as grandes ordens tradicionais saíram elas próprias uma evolução que se dá em dois sentidos: primeiro, em retorno à origem, numa tendência para a retomada da regra primitiva, depois, numa adaptação às exigências da época, numa resposta a novas tarefas de ordem exterior.

Entre estes sentidos, se não são antagónicos, põem-se adiante dois problemas na vida das comunidades, cuja solução se vê decorendo pouco a pouco através da própria vivência de novas situações. Toda esta problemática mantém as diversas congregações, sobretudo as mais ligadas ao mundo, num estado permanente de movimento e de procura. A dificuldade que se verifica ao tentar estabelecer programas para a construção de novos edifícios conventuais mostra claramente esta situação.

É aqui que se pode considerar a importância do papel do arquitecto não estando fixadas as novas formas da vida religiosa, o arquitecto enfrenta os problemas em presença e levado a participar no mesmo movimento de procura e as formas de organização do espaço que

#### REUNIMÕES DE ESTUDO

No mês de Dezembro não se realizou a reunião mensal, pela falta de a data habitual coincidir com o período de férias.

saíram das suas mãos não deixariam indiferente a vida que se irá desenvolver nos quadros assim criados. Desde modo, cada novo mosteiro, cada nova casa de religiosas, pode ser, não só a resposta a uma situação existente, mas um estímulo para novas situações dentro de uma determinada linha de desenvolvimento. Caberá assim ao arquitecto captar o sentido de uma evolução e exprimi-lo em termos concretos de organização do espaço.

##### apresentação do trabalho

Com o auxílio de diapositivos, o sr.ª Fernando Távora fez a descrição do anti-projecto. O conjunto das instalações, a construir num grande terreno de apreciável interesse paisagístico, em Gondomar, junto à cidade do Porto, compõe-se essencialmente de cinco corpos.

— O Noviciado e a Residência das Irmãs professoras, colocados paralelamente mas em pontos extremos da composição, à Capela, cujo eixo principal é ainda paralelo aos dois corpos referidos, e dois corpos mais baixos (Refeitório com serviço e Sala de festas) que, em conjunto com a Capela e a Residência, se articulam em torno de um claustro de planta quadrada. A residência existente na propriedade será aproveitada como instalação complementar.

O sítio escolhido do terreno foi tomado em conta no estudo da solução, dando lugar a um movimento das plantas dos diversos pisos por forma a conseguir-se um correcto ajustamento. Igualmente houve o cuidado de orientar as várias instalações de acordo com a posição mais conveniente, resultando-se o facto de os eixos maiores dos corpos do Noviciado e da Residência se orientarem, aproximadamente segundo o eixo heliográfico, permitindo assim para todas as salas quantidades semelhantes de calor.

Na construção serão utilizadas pedras e materiais locais entre outros: fundações e paredes exteriores de alvenaria de granito, pavimentos e lajes de cobertura de lajes armadas e divisores de tijolo. Nos pisos térreos, os paramentos de pedra ficarão a descoberto, sendo rebocados nos pisos superiores, criando-se deste modo um grande embasamento. As colunas corrupeles nos volumes principais serão inclinadas e revestidas de telha; as partes mais baixas que ligam esses volumes terão cobertura horizontal. Uma estrutura de travessamento em betão armado ficará embelhada nas paredes exteriores e encimada no grande sítio de pedra à vista.

O número de celas previsto é de 100 na Residência e de 60 no Noviciado. A área total de pavimento é de 6.160 m<sup>2</sup>, cabendo 215 à Capela, 1.375 ao Noviciado, 1.660 à Residência, 1.457 às instalações comuns, 1.000 às caves e 300 às galerias e claustros.

Prevê-se a construção de uma 1.ª fase correspondente ao corpo do Noviciado.

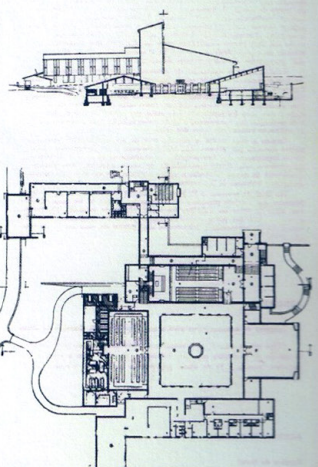
##### resumo do debate

A troca de impressões acerca do trabalho apresentado decorreu num clima de grande abertura, dado pelo sr.ª Fernando Távora. Na discussão intervieram principalmente o P. João de Almeida e os arquitectos Costa Cabral, Freitas Leal, Formosinho Sanchez, Eirich Cordeiro e Nuno Portas.

O problema mais largamente debatido foi o do claustro, na referência à solução apresentada, manifestaram-se dúvidas acerca da validade actual de uma solução formal deste tipo, sobretudo quando se trata de uma ordem não contemplativa, mas caracterizada por uma multifuncionalidade exterior (ensino, assistência social e hospitalar, etc.). Com efeito, a paisagem do claustro tradicional neste caso pode ser tomada como um formalismo sem conteúdo, uma vez que as funções que deram origem a este tipo de espaço (realização de cortejos e procissões por um lado e medição individual por outro) seriam aqui substituídas pelas necessidades de uma circulação interna, pois é através do claustro que se fazem as ligações entre as várias zonas do edifício. Ao mesmo tempo, a construção de grandes envidraçados separando o espaço exterior do interior, o qual, que hoje se tem por indispensável, altera profundamente o sentido tradicional do claustro: no caso presente, o autor do anti-projecto, a solução adoptada deve definir-se melhor como galerias circundando um espaço central e não como um claustro propriamente dito.

Em oposição às dúvidas manifestadas sobre este ponto, foi por outro lado recordado que a solução apresentada, para ser válida, não precisava

## movimento de renovação da arte religiosa - boletim



Convento das Franciscanas de Caldas, em Gondomar  
Corte C3 e planta do piso principal:  
ao alto, o corpo do Noviciado; no centro, a capela;  
à esquerda o refectório, ao centro a Capela e a residência, à direita a sala de festas





## | ANEXO VI

### | AS IRMÃS FRANCISCANAS DE CALAIS

A Congregação das Missionárias de Nossa Senhora foi criada através da união de sete casas de irmãs franciscanas da Ordem Terceira, fixadas na diocese de Arras, França – Saint-Omer, Aire, Montreuil Béthune, Lens, Arres e Calais – Em 1984 foram reconhecidas como Irmãs Franciscanas Hospitaleiras e Mestres da Ordem Terceira de São Francisco de Calais.

A Revolução Francesa, que teve início em 1789, levou à dissolução, perseguição e expulsão das suas religiosas. Depois desta demonstração antirreligiosa, as comunidades religiosas conseguiram voltar a restabelecer-se.

Já no século XIX as religiosas das sete casas aceitaram unir-se à Ordem Terceira Franciscana, renovando assim os seus votos religiosos.

Devido a esta união das sete casas, as Franciscanas de Calais passaram a respeitar a mesma regra, as mesmas constituições, a usar o mesmo hábito e a reconhecer a mesma Superiora Geral.

Com o seu Profundo espírito religioso, assente numa sólida fé, as Franciscanas de Calais ou Franciscanas Missionárias de Nossa Senhora, vão dedicar-se às mais variadas obras de Caridade, especialmente à educação e instrução das crianças nos orfanatos e escolas, ao tratamento de doentes em hospitais e ao domicílio, ao cuidado de idosos e a missões por todo o mundo.

A partir deste momento, a Congregação teve uma grande expansão por toda a França, recebendo pedidos de outros países europeus para possíveis integrações na mesma.

### | LIGAÇÕES DE PORTUGAL A CALAIS

Em 1868, o Padre Raimundo dos Anjos Beirão reconheceu uma pequena comunidade de senhoras, originárias na sua maioria do recolhimento das Fran-

ciscanas Capuchinhas de Nossa Senhora da Conceição de Aldeia Galega e reuniu-as na casa de S. Patrício em Lisboa. Estas pretendiam fazer os seus votos numa congregação aprovada. O padre tomou então a iniciativa, após consulta a Roma, de se deslocar às Franciscanas de Calais a fim de estas darem uma formação religiosa a esta comunidade.

Então em 1869 o Padre Beirão enviou para Calais, numa primeira tentativa, as cinco recolhidas da casa de S. Patrício, para aí efetuarem o noviciado, não conseguindo no entanto a profissão, pois segundo a Superiora Geral de França estas não tinham instrução nem educação.

Nos finais do mesmo ano surge uma nova tentativa mas desta vez pela mão de uma Abadessa do Convento Franciscano da Madre de Deus de Aveiro, mais conhecido por Convento de Sá. Desta vez a tentativa foi mais bem-sucedida e em setembro, dava-se conta da saída de algumas “formosas meninas” do Convento de Sá, que haviam partido para Lisboa com o intuito de seguirem para França e “alistarem-se” nas “irmãs de caridade”.

A ideia de estas recolhidas de Aveiro viajarem para França gerou polémica, e a “questão religiosa” agitou, mais uma vez, a opinião pública. Devido a esta agitação na opinião pública, os parentes das cinco educandas tentaram dissuadi-las de partirem para França, no entanto apenas duas cederam a esta tentativa. As outras três tornaram-se as primeiras portuguesas a frequentar o noviciado de Calais, passando assim a fazer parte daquele Instituto Religioso. Mais tarde, outras candidatas se seguiram, para embarcar rumo a França.

Da casa de Lisboa, entre 1869 e 1871, foram enviadas para Calais doze aspirantes, das quais cinco professaram, e quatro das quais regressaram a Portugal mais tarde. Da diocese de Aveiro continuaram a rumar a França outras jovens que pretendiam abraçar a vida religiosa.

## | AS FRANCISCANAS EM PORTUGAL: LISBOA E PORTO

Em novembro de 1872, a Irmã Scolastique de Angès, deslocou-se a Portugal com a finalidade de conhecer a realidade do nosso País. Tendo a oportunidade de verificar que a vida regular da comunidade de S. Patrício, após a sua fixação a Calais, se processava normalmente.

A irmã deslocou-se também a Aveiro, onde lhe foi pedido que a Congregação de Calais adquirisse o Convento visto que este iria ser vendido em breve. Aqui constatou que existiam mais algumas dezenas de jovens interessadas em acom-

panhá-la a França, para serem admitidas no seu Instituto.

Assim, no ano seguinte, Calais acolhe mais de dez jovens oriundas do Norte de Portugal.

A Superiora Geral de Calais viu-se em mãos com diversos e complexos problemas, colocados à instalação do seu Instituto em Portugal. Estes problemas prendiam-se com a idade das candidatas portuguesas, pois estas apresentavam idades superiores a 25 anos, sendo esta a idade limite das Constituições de Calais, para admissão das postulantes. Por outro lado a “pressão” das religiosas portuguesas presentes na diocese de Arras, que exigiam uma maior presença da congregação no nosso país. E por fim, mas não de menor importância, o facto de existir uma grande distância entre Portugal e Calais, assim como a constante pressão político-religiosa por parte do nosso país exigindo uma organização específica no interior da Congregação para o Reino de Portugal, que se adaptasse a todas estas circunstâncias.

Assim, a Irmã Scolastique das Anges, tentando resolver toda esta situação, envia uma carta a Pio IX solicitando autorização para poder aceitar os conventos que Portugal concedesse ao Instituto para obras de caridade e, havendo possibilidade, comprar conventos que estivessem em fase de extinção.

Sempre convicta do seu objetivo, ainda em 1873, a Superiora Geral pediu à Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, para efetuar a alteração do artigo das suas constituições, que as impedia de receberem as postulantes, mesmo quando estas apresentavam uma “boa e séria vocação”, assim como a fixação de uma província e o levantamento de um noviciado em Portugal, atendendo ao elevado número de jovens portuguesas que já haviam efetuado o noviciado e professado em Calais; à impossibilidade de receber em Calais todas as postulantes portuguesas, já pelo seu elevado número; à inexistência de uma casa destinada ao noviciado em Portugal, tal como era requerido pelas Constituições do Instituto; e atendendo também à existência de três casas do Instituto em Portugal, Lisboa, Belém e Vale de Santarém, com grandes possibilidades de o seu número aumentar a curto prazo.

Tendo em conta estes pedidos o Cardeal da Sagrada Congregação solicitou a Calais alguns esclarecimentos quanto a todas estas questões relacionadas com Portugal, primariamente para saber qual a diocese onde se estabeleceria a sede da província e o noviciado, saber quais os poderes da Superiora Geral do Instituto, com vista a compreender-se a articulação entre Calais e a província portu-

guesa que se pretendia criar, e por fim dar explicações mais precisas quanto aos conventos, em particular à sua localização.

Em 1874, as Franciscanas de Calais, tendo recolhido toda a informação necessária para esclarecer todas as dúvidas colocadas, elaboraram uma resposta para a Sagrada Congregação que definia os seguintes pontos:

- A irmã provincial iria estabelecer-se em Lisboa, na casa de S. Patrício.
- O noviciado iria estabelecer-se no Convento de Sá em Aveiro, por este possuir melhores condições que a casa de Lisboa, que era de dimensões muito reduzidas.

Apesar do empenho e vontade da irmã Scolastique des Anges em manter a congregação ativa em Portugal, tanto o cardeal patriarca de Lisboa como o núncio apostólico em Portugal não apoiavam o desenvolvimento das Franciscanas em Portugal. Assim a Superiora Geral de Calais decide esclarecer o assunto e envia a Portugal uma irmã francesa para Superiora da Casa de São Patrício, para representar como “provincial” as Superiores da Congregação, fazendo-se acompanhar por mais três irmãs, com o objetivo de formarem as irmãs portuguesas na vida cristã e religiosa. Estas irmãs foram bem recebidas primariamente, mas logo o contexto se alterou, pois o Governo português não aceitava a vinculação das Hospitaleiras Portuguesas à Congregação de Calais.

Não desistindo do seu objetivo, em 1876 estas irmãs, com alguns recursos patrimoniais e com a boa vontade conseguiram adquirir algumas casas em Ílhavo, e após algumas obras de adaptação e remodelação, fundaram o estabelecimento de Nossa Senhora de Sete Dores, em homenagem à Casa Mãe de Calais.

Esta foi então a primeira casa fundada pelo Instituto de Calais em Portugal, após várias contrariedades, no qual funcionou um colégio de educação gratuita para meninas, principalmente filhas de pescadores e um infantário para crianças com idade inferior a três anos de idade. Estas religiosas dedicavam-se também aos cuidados dos mais carenciados, oferecendo também assistência a pacientes ao domicílio.

Em 1877, as Franciscanas de Calais fixaram-se numa casa na rua dos Caldeireiros no Porto, mas como esta não oferecia as melhores condições para aí permanecerem, transferiram-se logo no ano seguinte para uma casa com melhores condições situada na rua da Bandeirinha, e assumindo o mesmo nome da

rua, passando a designar-se Casa da Bandeirinha.

Esta casa passou então a ser a sede de “província”, após a transferência da Irmã Saint-Raphael, de Ílhavo para o Porto, que veio abrir o seu noviciado onde foram recebidas as primeiras noviças vindas de Ílhavo. Para além do noviciado também se implantou aí um colégio para alunas internas e externas e um infantário para crianças, tendo ainda por ocupação diversas obras de caridade e a educação noutras Escolas Católicas do Porto. As Franciscanas de Calais fizeram assim do Porto o centro da sua atividade em Portugal.

Abriram mais tarde, no Bonfim a Escola de São José, onde funcionava um internato e um externato para vários anos de ensino. Nos anos seguintes irão fundar também outras casas.

Em 1879, a Irmã Scolatique des Anges enviou uma carta ao Comissário Geral da Ordem dos Capuchinhos em Roma, na qual expõe a situação presente da Congregação em Portugal, onde existiam três casas dirigidas por superiores francesas.

Assim sendo, as Franciscanas, não sendo suficientes para as obras que lhes estavam destinadas, receberam um número de jovens às quais atribuíram o hábito religioso, fazendo-as exercer as mesmas provas durante um ano que as noviças de Calais.

O cardeal do Porto, apesar de ser um homem político, mostrava-se satisfeito com o trabalho que estas vinham a desenvolver nas escolas, que lutavam contra os estabelecimentos de ensino protestantes, existentes em grande número na cidade do Porto.

Em 1880 foi feita uma nova tentativa de suprimir o noviciado do Porto, facto este que se viesse a acontecer iria provocar a extinção das obras da Congregação em Portugal.

Em Aveiro o administrador da diocese referia a grande estima que tinha por todas as irmãs e mostrava-se satisfeito pelo bem que as religiosas faziam às populações. No Porto o bispo pedia condescendência e a bondade da Santa Fé para com as irmãs e para a regularização do noviciado. Se o noviciado fechasse haveria um grande escândalo no seio do povo cristão, as casas portuguesas e o próprio Instituto sofreriam um dano irreparável.

Em nome do trabalho desenvolvido por estas irmãs, em escolas, colégios, infantários, asilos de crianças e adolescentes, hospitais e hospícios de idosos, o



Cardeal Eduardo Howard solicitou a Sua Santidade as graças de:

- Regularizar as atividades exercidas em Ílhavo e no Porto.
- Regularizar todas as irmãs que com as condições que lhes eram atribuídas, usavam o hábito do Instituto.
- Estabelecer a fundação regular do noviciado do Porto.

Assim e com este pedido do Cardeal, foi normalizada a questão das irmãs e o noviciado do Porto foi reconhecido em 1880.

No mesmo ano as Franciscanas de Calais fixaram-se nas Águas Férreas, numa vasta propriedade adquirida pela Congregação, visto que a Casa da Bandeirinha começava a tornar-se pequena para acolher o número de noviças que chegavam constantemente e para o desenvolvimento das ações de caridade e ensino que também aí se processavam.

Com o desenvolvimento da Congregação em Portugal em finais de 1881, já se registavam seis casas: uma em Ílhavo, uma em Avanca e quatro no Porto.

## | EXPANSÃO DA CONGREGAÇÃO EM PORTUGAL

Portugal tem a grande expansão da Congregação entre 1882 e 1894, com a abertura de doze casas, ultrapassando as fronteiras das dioceses de Aveiro e Porto, instalando-se em Braga, Lamego e Lisboa.

As Franciscanas estiveram sempre ligadas ao Convento da Madre de Deus, ou de Sá, em Aveiro, e de lá continuaram a sair mais candidatas à vida religiosa, que ingressaram no mesmo Instituto. Após a extinção do Convento de Sá, e devido à necessidade da instalação na cidade de uma unidade militar, este foi adaptado a quartel e as Franciscanas de Calais viram-se obrigadas a abandonar a sua casa em Aveiro e mudarem-se para as casas do Porto. Porém, ainda no mesmo ano forçadas a trabalhar no Hospital de São José, situado em Arcos de Valdevez.

A Congregação continuou a sua expansão pelo país e em 1887 as Franciscanas abriram mais quatro casas: Escolas Católicas de São Francisco, Grijó; Hospital de Santa Isabel, Régua; Hospital civil de Setúbal e por fim a escola da Imaculada Conceição, em Leça da Palmeira.

Em 1888 as Franciscanas começaram a trabalhar no Hospício de Santa Maria, destinado sobretudo a pessoas idosas e a doentes pobres. O Hospital de Santa Maria passou assim por momentos de grandes dificuldades, sendo os recursos financeiros escassos e as instalações modestas.

Graças ao sacrifício e à ação persistente das Irmãs Franciscanas, o Hospital de Santa Maria vai acabar por se afirmar como um dos estabelecimentos de saúde mais conhecidos e prestigiados da cidade do Porto.

Em 1890 a Congregação abre mais uma casa no Porto, a Casa de Nossa Senhora dos Anjos, situada numa quinta da rua do Melo, e com a finalidade de receber pensionistas.

Neste mesmo ano as Franciscanas tomaram conta de mais um estabelecimento de ensino, a escola de São Luís Gonzaga, no Porto. Como as religiosas que aí trabalhavam não dispunham de capela, nem de quaisquer condições convencionais, apenas permaneciam na instituição durante o dia, regressavam ao fim da tarde à casa vizinha da Bandeirinha.

Em 1891 as Franciscanas já contavam em Portugal com 143 religiosas, 20 noviças e 9 postulantes, que se distribuíam por 14 casas.

Entre 1876 e 1894, batalhando constantemente contra as dificuldades e imposições da igreja, a Congregação de Calais abriu no nosso país 16 casas, todas elas, exceto uma, situadas a Norte de Portugal, desenvolvendo um trabalho de caridade, para o bem-estar nas Escolas Católicas, colégios, asilos, recolhimentos e hospitais, trabalho este que foi recebido e aceite na alma do povo.

## | A FIXAÇÃO DAS FRANCISCANAS EM GONDOMAR

A instalação das Franciscanas em Gondomar dá-se apenas em 1961, com a aquisição da Quinta da Azenha em Gondomar, terreno amplo e de estimável valor paisagístico, situado junto à cidade do Porto. Tendo como finalidade a construção do Noviciado e a Sede da Província.

Para a construção do edifício foi escolhido o arquiteto Fernando Távora, figura proeminente da arquitetura portuguesa.